

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

*Campus* de Toledo - PR

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio

Economia Agrária

**Análise da tendência à redução do número de bóias-frias em Toledo/PR, a partir de 1970, redução influenciada pela modernização agrícola e pelas alterações nas culturas produzidas**

Silvia Cristina Bender Greco

Toledo - Paraná – Brasil

SILVIA CRISTINA BENDER GRECO

**Análise da tendência à redução do número de bóias-frias em Toledo/PR, a partir de 1970, redução influenciada pela modernização agrícola e pelas alterações nas culturas produzidas**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese.

TOLEDO/PR

2007

Ficha catalográfica elaborada por Kely Comin CRB 1177

G791a

Greco, Silvia Cristina Bender.

Análise da tendência à redução do número de bóias-frias em Toledo/PR, a partir de 1970, redução influenciada pela modernização agrícola e pelas alterações nas culturas produzidas / Silvia Cristina Bender Greco. - Toledo, PR : [s.n], 2007.

110f.

Orientador: Dr. Silvio Antonio Colognese.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Bibliografia

1. Bóias-frias. 2. Mecanização Agrícola. 3. Modernização Agrícola. 4. Alterações nas Culturas produzidas.

I. Greco, Silvia Cristina Bender. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

CDU 338.1098162

SILVIA CRISTINA BENDER GRECO

**Análise da tendência à redução do número de bóias-frias em Toledo/PR, a partir de 1970, redução influenciada pela modernização agrícola e pelas alterações nas culturas produzidas**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

---

Prof. Dr. Erneldo Schallenberger  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

---

Prof. Dr. Nelson Dacio Tomazi  
Universidade Estadual de Londrina

Toledo, 12 de junho de 2007

A meu filho, Marcelo Henrique.

A meu esposo, Marcelo.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Toledo, pela oportunidade da realização do curso.

Ao meu professor orientador, Dr. Silvio Antonio Colognese, que acreditou em mim e me orientou com paciência, conhecimentos e amizade.

Ao meu marido, Marcelo, que foi o grande incentivador e motivador para essa realização, com o seu afeto e a sua compreensão.

Ao meu filho, Marcelo Henrique, que, muitas vezes, em meu colo dividiu minha atenção com livros e bóias-frias.

Aos meus pais e aos meus irmãos, que me auxiliaram em momentos difíceis motivando-me com o orgulho que demonstravam sentir de mim.

Aos meus colegas, pelo companheirismo e amizade.

Em especial ao professor Moacir Piffer, por acreditar em mim e me motivar, com idéias e sugestões.

À Clarice, secretária do curso, pela competência, paciência, amizade e simpatia que sempre me dedicou.

A todos os professores, que, através do seu conhecimento, possibilitaram essa conquista.

A todos os agricultores e bóias-frias que dispensaram o seu tempo sem receio e sem impaciência, colaborando de todas as formas possíveis para que este estudo se tornasse realidade.

## RESUMO

O presente estudo objetivou apresentar a relação entre a diminuição do número de bóias-frias e a modernização ocorrida na agricultura do município de Toledo-PR, a partir da década de 1970. Apresentamos uma descrição do processo de colonização e modernização da agricultura do município para mostrar como o bóia-fria se insere nesse contexto. Realizamos questionamentos com bóias-frias, agricultores e recrutadores (“gatos”). Esses questionamentos apresentaram as opiniões sobre o surgimento e as tendências quanto à diminuição dessa forma de trabalho. Identificamos que o principal fator apontado como causa de surgimento dos bóias-frias é a modernização da agricultura, aliando-se as alterações nas culturas produzidas. Quanto às tendências futuras, apresentou-se uma tendência à diminuição cada vez maior do número de bóias-frias. Esse fato seria consequência dos avanços cada vez maiores em tecnologia, substituindo-se cada vez mais o trabalho manual pelo mecânico. Podemos concluir que os bóias-frias tiveram uma enorme importância para o processo de modernização da agricultura. Isso pela utilização desses trabalhadores em etapas não mecanizadas inicialmente. Com o constante e gradual desenvolvimento de máquinas, tecnologias e insumos, a redução da necessidade de bóias-frias fez com que gradualmente essa população diminuísse de forma extrema, tendendo à extinção.

**Palavras-chave:** Bóias-frias. Modernização agrícola. Alterações culturais. Mecanização agrícola

## ABSTRACT

This work presents the connection between the diminution in the amount of field men (**bóias-frias**) and the agricultural modernization in Toledo-Pr, since 70's decade. It is presented a description of the colonization process and the agricultural modernization to show how the field men (**bóias-frias**) are set on this context. Questions were done with the field men (**bóias-frias**), farmers and agents (gatos). Its answers showed an opinion about the beginning and trends related to this kind of work and its diminution. It was identified that the main cause of field men (**bóias-frias**) beginning is the agricultural modernization, in addition to the produced crops changes. About the trends, the results show that the amount of field men (**bóias-frias**) is decreasing continuously. This fact may happen as a consequence of technology development, where the mechanical works take place over manual work. Overall, the field men (**bóias-frias**) had an enormous importance to the agricultural modernization because the fact that their work were used to non-mechanical duties, at that time. With the constant machines, technologies, and inputs development, it is possible to conclude that the necessity of field men (**bóias-frias**) work has been decreasing as well as its population, nearly extinct.

**KEY-WORDS:** field men (**bóias-frias**), agricultural modernization, culture's changes, agricultural mechanization.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b>	Evolução das populações residentes nas zonas rural e urbana entre 1940 e 1990, nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.....	44
<b>Tabela 02</b>	Evolução das populações residentes nas zonas rural e urbana entre 1940 e 1990, nas Regiões Norte e Nordeste e no Brasil.....	44
<b>Tabela 03</b>	Total das populações rurais e urbanas do Paraná, Região Oeste e Toledo, entre 1970 e 2000.....	75

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b>	Alterações percentuais das populações rural e urbana no Brasil, de 1940 a 2000.....	24
<b>Gráfico 02</b>	Evolução das áreas cultivadas com fumo no município de Toledo entre 1974 e 2003.....	63
<b>Gráfico 03</b>	Evolução das áreas cultivadas com feijão no município de Toledo entre 1974 e 2003.....	64
<b>Gráfico 04</b>	Evolução das áreas cultivadas com algodão herbáceo no município de Toledo entre 1979 e 2003.....	66
<b>Gráfico 05</b>	Evolução das áreas cultivadas com arroz no município de Toledo entre 1975 e 2003.....	67
<b>Gráfico 06</b>	Evolução das áreas cultivadas com milho no município de Toledo entre 1974 e 2003.....	68
<b>Gráfico 07</b>	Evolução das áreas cultivadas com soja no município de Toledo entre 1974 e 2003.....	69
<b>Gráfico 08</b>	Evolução das áreas cultivadas com trigo no município de Toledo entre 1974 e 2003.....	70
<b>Gráfico 09</b>	Comparativo entre as variações nas áreas cultivadas com soja, trigo, milho, fumo, algodão, feijão, arroz entre 1974 e 2004.....	71

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	7
<b>ABSTRACT</b> .....	8
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	9
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	10
<b>SUMÁRIO</b> .....	11
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. CARACTERIZAÇÃO DO BÓIA-FRIA</b> .....	17
2.1. Literatura sobre o Bóia-Fria.....	17
2.2 O Processo de Colonização e a Formação dos Bóias-Frias no Município de Toledo/PR.....	26
2.3 A Inserção do Bóia-Fria no Município de Toledo .....	35
<b>3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA</b> .....	38
3.1 A modernização Agrícola e os Bóias-Frias.....	38
3.2 Problema de Pesquisa.....	48
3.3 Hipóteses.....	49
3.4 Objetivos.....	50
3.4.1 Objetivo Geral.....	50
3.4.2 Objetivos Específicos.....	50
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	51
4.1 Revisão de Literatura Metodológica.....	51
4.2 Procedimento Metodológico e Fontes de Dados.....	52
4.3 Instrumentos de Coleta de Dados.....	53

4.4 População e Amostra.....	55
<b>5. O BÓIA-FRIA NA AGRICULTURA DE TOLEDO.....</b>	<b>56</b>
<b>6. EXPECTATIVAS E TENDÊNCIAS PARA OS BÓIAS-FRIAS DO MUNICÍPIO DE TOLEDO – PR.....</b>	<b>73</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>110</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O objeto dessa pesquisa é o grupo ocupacional<sup>1</sup> dos bóias-frias<sup>2</sup> no município de Toledo-PR. Mais objetivamente, o trabalho aborda o surgimento e o desenvolvimento da categoria dos bóias-frias. Enfatiza a relação entre a sua existência e a modernização agrícola<sup>3</sup>, especificamente no município de Toledo-PR. Para dar conta desse objeto, organizamos o nosso estudo em seis partes principais.

Na primeira parte (Capítulo 2) iniciamos a apresentação de informações sobre o assunto. Assim buscamos realizar a caracterização do objeto em estudo apresentando as diversas formas de nomeação e caracterização existentes para o grupo ocupacional dos bóias-frias. Tal caracterização fez-se necessária em função das divergências encontradas na literatura a este respeito. De toda a discussão dessa parte, optamos pela utilização do termo *bóia-fria*.

Após a determinação e caracterização do objeto em estudo e as suas características, buscamos descrever o processo de colonização do município de Toledo-PR, visando apresentar o surgimento e a inserção do bóia-fria nesse contexto. A caracterização do processo de colonização do município permite um melhor entendimento sobre as relações de trabalho existentes, principalmente pela forma seletiva como ocorreu.

Pelo fato de a agricultura de Toledo passar a ser considerada moderna em consequência de mudanças estruturais no processo produtivo, houve a necessidade de identificar como esse fato influenciou a existência dos bóias-frias. Essas mudanças na agricultura toledana se devem, principalmente, ao desenvolvimento de novas máquinas e equipamentos. Além disso, citamos o aumento na utilização dos mesmos, além de insumos

---

<sup>1</sup> Grupo ocupacional : é o conjunto de categorias funcionais reunidas segundo a correlação e a afinidade existentes entre elas quanto à natureza do trabalho e/ou o grau de conhecimento.

(<http://www.sefaz.ma.gov.br/pccs/default.asp> - acesso 06:03:07 as 20:35).

<sup>2</sup> Bóia-fria: denominação dada ao trabalhador agrícola que não tem emprego de caráter permanente. O bóia-fria vive em condições muito precárias na periferia das cidades pequenas ou médias, trabalha por certos períodos de tempo em várias propriedades sendo contratado por intermediários. Seu nome deriva do fato de que esses trabalhadores trazem as suas refeições de casa e não têm condições de aquecê-las nos locais onde trabalham (SANDRONI, 2004).

<sup>3</sup> Modernização agrícola: consiste na utilização de máquinas, equipamentos e insumos mais desenvolvidos objetivando melhorar a produtividade (SANDRONI, 2004).

que tornaram o processo produtivo menos oneroso para os trabalhadores rurais. A segunda parte encerra-se com a descrição de como ocorre a inserção dos bóias-frias no município.

A terceira parte traz o problema em questão, mostrando qual a relação entre a modernização agrícola e a diminuição do número de bóias-frias. Uma dúvida surge dessa relação, ou seja, a modernização é responsável pelo processo de diminuição?

Diante dessa dúvida, traçamos algumas hipóteses, ou seja, é possível que a modernização da agricultura seja realmente responsável pelo desaparecimento dos bóias-frias, pela utilização crescente de máquinas, equipamentos e insumos. Além disso, possivelmente as alterações culturais tiveram grande responsabilidade na redução da demanda por bóias-frias o que levaria ao processo de extinção das respectivas vagas de trabalho e migração dos trabalhadores para outras ocupações, especialmente em áreas urbanas.

Feitos tais esclarecimentos, surgiu à dúvida sobre a relação que existe entre o processo de desaparecimento do grupo ocupacional dos bóias-frias e a modernização da agricultura do município de Toledo a partir da década de 1970.

Assim sendo, traçamos alguns objetivos que se justificam pela necessidade de explicação sobre a questão do desaparecimento do grupo ocupacional dos bóias-frias em Toledo. Frente à grande importância desses trabalhadores e à carência de informações sobre o seu processo de evolução e redução. Esses objetivos visam confrontar o tema com as alterações agrícolas apresentadas pelo município de Toledo no mesmo período.

Na quarta parte apresentamos todos os processos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Descrevemos as fontes dos dados, os instrumentos utilizados na coleta dos mesmos, bem como apresentando a população e a amostra em estudo. Para tanto, utilizamos, como base de referência, obras de vários autores que tratam das alterações sofridas pela agricultura e os conseqüentes efeitos sobre os trabalhadores bóias-frias.

O referencial bibliográfico adquiriu, contudo, maior representatividade quando comparado às informações obtidas diretamente do objeto em estudo. Assim sendo, foram aplicados, de forma aleatória, questionários a 50 bóias-frias do município. Objetivamos obter informações que permitissem uma caracterização do perfil real destes trabalhadores toledanos, bem como uma avaliação das tendências inerentes ao futuro profissional dos mesmos em sua perspectiva pessoal.

O questionamento e o contado direto com os bóias-frias residentes no perímetro urbano do município de Toledo permitiram que obtivéssemos uma compreensão dos fatos acontecidos, de acordo com a opinião dos bóias-frias.

Duas das obras analisadas no presente estudo (D'incao, 1979 e Broietti, 2000) trazem como amostra 50 bóias-frias analisados, mas ambos os estudos diferem-se em região e objetivos. Trata-se, porém, de pesquisas de extrema importância para o assunto. Dessa forma, optamos pela análise de uma amostragem de igual tamanho.

Para que não houvesse possibilidade de ausência de informações, buscamos, contudo, outras técnicas como referência. Para o êxito do questionamento, tomamos por base duas técnicas, uma conhecida como “bola de neve” e a outra como “ponto de saturação”. Essas técnicas visam o questionamento dos indivíduos sem um número amostral determinado, a fim de coletar informações até que se tenha uma visão clara das relações analisadas ou que se saturem os temas analisados.

Além desses questionamentos, foram realizadas entrevistas com 15 agricultores e 2 “gatos” (recrutadores).

A quinta parte apresenta a relação do bóia-fria e a agricultura de Toledo, onde buscamos caracterizar a agricultura do município e as alterações culturais ocorridas a partir da década de 1970. Esses fatores são apresentados buscando mostrar como o bóia-fria se insere nesse contexto de alterações sofridas pela agricultura toledana.

Dessa forma, surgem características específicas no processo de transformação do setor agrícola de Toledo, características que devem ser analisadas de forma distinta. Entendemos que as características da agricultura toledana devem ser analisadas individualmente em suas causas e conseqüências.

Terminadas essas etapas, na sexta parte pudemos desenvolver a análise de todas as relações identificadas na pesquisa que realizamos com os bóias-frias, com os agricultores e com os “gatos”<sup>4</sup> (recrutadores). Além disso, realizamos a análise dos dados e das estatísticas obtidas de fontes secundárias.

Traçamos a relação entre esses dados secundários e os dados primários objetivando confirmar as hipóteses e cumprir os objetivos propostos. Nesta sexta parte podemos

---

<sup>4</sup> Gatos: são os indivíduos responsáveis pelo recrutamento dos trabalhadores bóias-frias, além do transporte, da fiscalização das atividades desenvolvidas e, em alguns casos, eram responsáveis, também, pelo pagamento dos trabalhadores. São indivíduos que possuíam um veículo, geralmente uma caminhonete, utilizado no transporte e obtinha dessa atividade uma das grandes fontes de renda nos períodos de colheitas ou alguns tratos culturais. Fora dessa atividade, realizavam fretes dos mais variados (transportavam animais, máquinas, móveis, entre outros). (definição da autora)

apresentar informações sobre a visão dos bóias-frias sobre as tendências de redução dessa forma de trabalho. Além disso, apresentamos o modo como os agricultores vêem esse grupo ocupacional e as tendências para o mesmo grupo. Essa análise completa-se com as informações dos “gatos” questionados.

Podemos desenvolver a sétima etapa, após toda a descrição e análise das relações entre a modernização da agricultura e a redução do número dos bóias-frias e a apresentação das expectativas e tendências para esses trabalhadores.

A sétima etapa apresenta as considerações finais sobre o presente estudo. Objetivamos aqui realizar uma análise geral de todas as informações prestadas nas fases anteriores. Pudemos apresentar uma análise conclusiva a respeito da relação entre o processo de modernização agrícola com a introdução de máquinas, equipamentos e insumos de forma cada vez mais intensiva no processo produtivo. Além disso, apresentamos a relação entre esse processo de redução do contingente de bóias-frias e a sua relação com as alterações culturais do município.

Após a obtenção destas informações, realizamos a tabulação para posterior análise qualitativa das informações.

A análise das informações coletadas teve a finalidade de proporcionar uma base para a compreensão dos fatos. Podemos formular algumas considerações sobre o objeto em estudo, considerações sobre como ele se insere na agricultura toledana, além de suas tendências quanto ao seu destino.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DO BÓIA-FRIA

### 2.1. Literatura sobre o bóia-fria

Os bóias-frias recebem essa denominação por ingerirem seus alimentos frios, uma vez que não possuíam condições de aquecê-lo no campo. Quanto às formas de nomenclatura desses trabalhadores, existem as mais diversas. Na Região Sul, os termos mais utilizados são *bóias-frias* ou *trabalhadores volantes*. Existem, entretanto, outras definições, que variam a cada região, como: peão, empreiteiro, trabalhador volante, trabalhador temporário, diarista, corumbas, biolos, clandestinos, moradores de rua, pau-de-arara, entre outras apresentadas no Anexo I.

A diversidade de fatores apresentados como características básicas associadas a esse grupo social fez necessário que caracterizássemos esses trabalhadores para a determinação de qual é o objeto em estudo. Na presente pesquisa optamos por estudar indivíduos que apresentem características como sendo trabalhadores residentes em áreas urbanas, que prestam serviços de forma temporária ao setor agrícola.

Esses serviços visavam suprir necessidades maiores de mão-de-obra em certos períodos de tempo, sem qualquer espécie de vínculo empregatício. Recebiam a remuneração por atividade desempenhada, por produção ou por dia de serviço. Como denominação, utilizamos o termo “bóia-fria”.

D’Incao (1984) caracterizou o bóia-fria como:

[...] uma população errante que se desloca nas próprias regiões de origem, ou de uma região para outra à procura de trabalho. Uma massa trabalhadora, subempregada, que é absorvida pelo sistema produtivo – especialmente no setor agrícola – de forma itinerante e intermitente, tendendo a se concentrar com maior intensidade nas regiões de agricultura mais desenvolvida (D’INCAO, 1984, p. 10).

Fleischfresser (1988), Mattos Neto (1988) e Otero Ribeiro (1981) concordaram ao apresentarem o surgimento dos bóias-frias vinculado às dificuldades de integração da mão-de-obra originária da zona rural em um complexo e moderno sistema industrial urbano. Esse excedente de trabalhadores surge, principalmente, pela modernização e mecanização agrícola (instrumentos, máquinas, equipamentos, insumos, entre outros).

Quanto a esse processo de surgimento dos bóias-frias, Aguirre e Bianchi (1989) buscaram analisar esse processo de forma diferenciada, ou seja, através da necessidade de acumulação para a atividade capitalista. Essa acumulação poderia se dar pela utilização de jornadas amplas de trabalho, aumento na produtividade ou na intensidade do trabalho.

O contrato de trabalho temporário representaria, segundo Ramos (1999), o marco da desregulamentação dos direitos do trabalhador no Brasil. A jornada de trabalho já se apresentava exaustiva, a intensidade do trabalho só poderia ser ampliada caso houvesse um grande incentivo aos trabalhadores. Dessa forma, a acumulação foi viabilizada pelos investimentos em capital fixo.

Grandes estudiosos buscaram estudar esse grupo ocupacional e as suas origens. Muitos estudos realizados enfatizam, contudo, a modernização agrícola como causador da migração rural urbana. Ou seja, sobre a questão da modernização agrícola e da evasão da população rural em direção aos centros urbanos. São estudos que apresentam o desenvolvimento tecnológico da agricultura brasileira e, principalmente, a paranaense, como gerador de um excedente de mão-de-obra (IPARDES, 1986).

Essa diversidade de relatos sobre o surgimento dos bóias-frias apresenta, em grande parte de seus relatos, uma origem homogênea para todas as regiões do Brasil. Entretanto, cada região possui características específicas.

É nesse sentido que essa pesquisa teve como objeto de estudo o porquê do surgimento dos bóias-frias e quais foram os fatores responsáveis pela sua formação e pela sua redução, analisando as características individuais da formação da mão-de-obra volante no município de Toledo.

Diante disso, para Graziano da Silva (1980), a diferenciação entre cidade e campo, isto aliado ao processo de industrialização da agricultura, estas seriam as principais causas da proletarização do campesinato. Essa proletarização ocorre como uma subordinação do trabalho ao capital e não sob a forma de expropriação. Assim, o avanço do capitalismo sobre a agricultura, reduziria a sazonalidade da mão-de-obra no setor rural. O camponês se

transforma em um assalariado temporário pela transformação de algumas atividades agrícolas em ramos de atividades industriais.

Conforme aumenta a mecanização, assim se eleva, também, a sazonalidade da ocupação dessa mão-de-obra. Para os proprietários, a solução mais econômica é a substituição do trabalho fixo pelo temporário, o que agrava a situação dos trabalhadores fixos.

Conforme Graziano da Silva (1980), o trabalho temporário se impõe aos pequenos proprietários, aos parceiros ou aos arrendatários, que não possuem condições de sobreviver com a produção das suas terras. Impõe-se também, aos trabalhadores totalmente desprovidos de terras. Destaca, ainda, a importância desses trabalhadores como forma de suprir as variações sazonais da necessidade de mão-de-obra sem que isso se reflita na folha de salário para os proprietários.

Além disso, apresentam-se outras vantagens, pois o trabalho temporário permitiu, e ainda permite, a complementação da renda dos trabalhadores. Para a empresa capitalista, existe a vantagem de não precisar pagar pelo tempo em que o funcionário fica parado, ou seja, não paga pela sua sazonalidade. O trabalho temporário serviu como complementação de atividades no processo produtivo. Algumas culturas tinham apenas algumas etapas do processo mecanizadas, no processo de modernização da agricultura.

Segundo Otero Ribeiro (1981), a modernização da agricultura brasileira, intensificada entre os anos 1960 e 1970, teve características conservadoras, pois privilegiou algumas regiões e culturas, além de beneficiar médios e grandes proprietários. Gerou a expropriação de alguns pequenos agricultores, além do surgimento de uma classe proletária no campo.

Assim, o aumento do mercado interno brasileiro de bens industriais ocorreu de maneira semelhante a todo o mundo capitalista, ou seja, através da expropriação dos camponeses como produtores independentes, transformando-os em miseráveis bóias-frias. Esses trabalhadores, geralmente, não conseguiam ocupar-se ou manter-se através da venda de sua força de trabalho.

Dessa forma, Graziano da Silva (1982) caracteriza o desenvolvimento do capitalismo brasileiro no campo como lento e desigual (industrialização tardia). Cabe aqui caracterizar o termo *proletariado*, utilizado por Graziano da Silva em seus estudos como sendo *a expropriação dos pequenos produtores familiares e sua conversão em assalariados sem terra*. Além disso, há ainda o aumento das atividades auxiliares que permite que os

mesmos se transformem em trabalhadores temporários. Não é apenas a expropriação dos meios de produção, mas também a subordinação do trabalho ao capital.

Nesse contexto, o trabalhador volante apresentou-se como a expressão da insuficiência do capitalismo, pois a modernização da agricultura ocorreu de forma parcial (algumas regiões ou produtos). Assim, o trabalhador volante representou uma forma transitória do processo de proletarização do camponês (SOTO, 2002).

Dessa forma, para o autor, somente se assalaria quem não tem meios próprios de produção ou quem não possa garantir a sua reprodução através da utilização de seus meios de produção. Decorre que o trabalho temporário foi responsável por mais da metade de todos os empregos criados na agricultura entre 1970 e 1980.

A modernização da agricultura brasileira ocorreu de maneira extremamente desigual entre as regiões. Além disso, considera-se ter sido parcial, por atingir apenas algumas fases do processo produtivo de alguns produtos. Um exemplo é a cultura da cana-de-açúcar, que teve implantada novas tecnologias na fase de preparo do solo e tratos culturais, contudo, na fase de colheita, necessita-se de enormes quantidades de trabalhadores (GRAZIANO DA SILVA, 1997).

Para que houvesse uma transição da agricultura tradicional para uma agricultura mais moderna, fez-se necessária a utilização de bóias-frias, como parte do processo, pois a agricultura toledana caracterizava-se inicialmente pela policultura, com o cultivo apenas para subsistência. O início da década de 1970 trouxe grandes alterações econômicas e sociais no município de Toledo, principalmente pelas políticas governamentais de incentivo à agricultura. Essas políticas visavam ao aumento e à modernização do setor, com o objetivo de melhorar o saldo de exportações.

Como as culturas de trigo e da soja se apresentaram extremamente adaptáveis às condições de solo e clima da região, a adaptabilidade possibilitou uma produção em larga escala. Esse fato fez com que o binômio soja/trigo se tornasse o maior ciclo econômico do município de Toledo. Essa fase torna extremamente onerosas as aquisições de insumos, de máquinas e de equipamentos, além de provocar uma redução na mão-de-obra utilizada no setor. Tais fatores, aliados a uma produtividade em larga escala de soja e trigo, culminaram em uma supervalorização das terras no município.

Esse fato propiciou um crescimento econômico<sup>5</sup> intenso no município, uma redução da chegada de novos agricultores e o aumento da saída de agricultores residentes no município. Essas migrações constituem-se, em sua grande maioria, por pequenos proprietários que se dirigiram a novas fronteiras agrícolas. Essas novas fronteiras geralmente eram em Estados como Mato Grosso de Sul e Tocantins.

O processo de alteração das características da agricultura de Toledo reflete-se na grande redução da mão-de-obra, principalmente de bóias-frias utilizados na agricultura. Culturas como a soja e o trigo são de fácil mecanização, aliando-se a existência de maquinários adequados ao processo produtivo. Além desses fatores, as condições do solo e do relevo da região são propícias à mecanização. Conseqüentemente, esses fatores causaram uma grande redução na demanda por trabalhadores temporários.

Tal fato, apresentou-se como um dos principais fatores relacionados ao êxodo rural e à liberação de excedentes de trabalhadores para as áreas urbanas. Para Fleischfresser (1988), a tendência verificada no país foi a de que a modernização agrícola veio acompanhada pelo aumento da desigualdade sócioeconômica entre os produtores.

A introdução de técnicas produtivas avançadas fez com que o tamanho da área se tornasse uma oportunidade para uns, mas, para outros, uma barreira à introdução do processo de tecnificação. Nesse contexto, os trabalhadores fixos das propriedades agrícolas passaram a tornarem-se cada vez menos necessários. Dessa forma, a dificuldade de obtenção dessas tecnologias se mostrou um dos maiores fatores causadores de desigualdades no meio rural. Produtores que possuíam áreas produtivas menores tinham maior dificuldade na obtenção de recursos para a aquisição das novas tecnologias. Situação inversa é vivida pelos produtores com maiores áreas de terra.

A redução da necessidade de trabalho braçal propiciou o surgimento de uma grande parcela de trabalhadores desempregados rurais. Em parte, tais trabalhadores recorreram às áreas urbanas visando colocação profissional, o que geralmente não acontecia.

O número de desempregados aumentava gradativamente em virtude de políticas econômicas adotadas pelos governos. A busca pela produção de culturas voltadas ao mercado externo gerou um certo “desânimo” por parte dos agricultores. Esse desânimo ocorreu sobre as culturas de produtos com maiores necessidades de tratamentos culturais manuais, e que estariam mais sujeitas às intempéries climáticas. Dentre esses produtos destacam-se

---

<sup>5</sup> Crescimento econômico: aumento na capacidade produtiva da economia e, portanto, da produção de bens e serviços de determinado país ou área (SANDRONI, 2004).

principalmente as culturas como algodão, fumo e feijão. Tais culturas são mais suscetíveis a perdas causadas por fatores climáticos.

Fleischfresser (1988) confirma tal fato afirmando que, no caso do Paraná, na década de 1970, essas medidas de política econômica para o setor agrícola tiveram maior representatividade. Esse fato ocorreu pois coincidia com um período de esgotamento de suas fronteiras agrícolas. Tais medidas privilegiavam os produtos de maior valor comercial destinados à exportação, visando mercado externo, em prejuízo à produção de alimentos em geral.

O início da década de 1970 apresenta grandes alterações na estrutura econômica do município, haja vista as mudanças na política agrícola, objetivando modernizar a agricultura a fim de obter aumentos nos índices de exportação. Dessa forma, houve muitos incentivos ao cultivo de produtos destinados ao mercado externo como soja e trigo. Tais culturas eram de fácil mecanização tendo em vista as condições de relevo e clima do município, que tornaram estes produtos os mais cultivados até os dias atuais. É possível que esse fato seja apontado como grande causador de desemprego de bóias-frias.

Assim sendo, a introdução e o desenvolvimento do binômio soja/trigo, isto aliado às facilidades de mecanização de seu processo produtivo, impactaram negativamente sobre grande parcela de trabalhadores rurais. Haja vista a redução da necessidade de trabalhadores, substituídos por máquinas e equipamentos em praticamente todas as fases do processo produtivo (BONI & CUNHA, 2002).

O setor agrícola foi uma grande fonte de mão-de-obra para o setor urbano, principalmente a partir do aumento na utilização de máquinas agrícolas em substituição a serviço braçal nos trabalhos agrícolas. Em decorrência, houve uma intensificação do processo de migração<sup>6</sup> rural-urbana, ocasionando algumas alterações sociais. A intensificação desse processo contribuiu intensamente para o inchaço das cidades, colaborando dessa forma para o surgimento de áreas periféricas. Torna-se inevitável a conseqüente depressão dos salários pelo excesso de trabalhadores (MARTINE & GARCIA, 1987).

De acordo com alguns autores como Ribeiro et al. (2002), Miklós (2000), Martine & Garcia (1987) e Azevedo et al. (2000), a modernização agrícola e o desenvolvimento<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Migração: mudar periodicamente, passar de uma região para outra, de um país para outro (FERREIRA, 2005).

<sup>7</sup> Desenvolvimento é o processo de mudança estrutural que leva à melhora do bem-estar de sua população. (BACHA, 2004).

industrial possibilitaram um crescimento nos lucros, porém causando graves prejuízos. Entre esses pontos negativos citam-se os danos ambientais, a concentração fundiária e o surgimento do grupo social dos bóias-frias.

Esse assunto é tratado por D'Incao (1979), dando ênfase à geração de problemas como a escassez de trabalho, a expulsão do homem do campo e o conseqüente surgimento dos bóias-frias. Esses trabalhadores constituem-se em uma parcela de trabalhadores que têm na venda de sua força de trabalho a principal forma de subsistência, os denominados bóias-frias.

As vantagens e desvantagens do processo de modernização da agricultura também foram apresentadas por Guimarães (1982), que destaca o aumento da produtividade como fator positivo e como fator negativo a dificuldade de acesso dos pequenos e médios produtores a todas as atividades e benefícios da economia agrícola.

Algumas características inerentes aos bóias-frias foram apresentadas por autores como Vicente (1998), Abreu (1995), Sallum Junior (1982) e Gonzáles & Bastos (1979). Tais autores destacam que a divisão do trabalho pelos membros da família desaparece, inexistindo, dessa forma, diferenciação entre idade e sexo dos trabalhadores. Todos executam as mesmas atividades e são remunerados da mesma forma.

De acordo com IPARDES (1979) e Fleischfresser (1988), os bóias-frias apresentam as mesmas características em seu processo de surgimento e a sua realidade socioeconômica tanto a nível nacional, quanto a nível estadual e regional, é a mesma.

Cada região possui, entretanto, características específicas em seu processo de modernização agrícola. Essa diferenciação mostra a importância do estudo individualizado das formas apresentadas em cada processo de modernização agrícola e surgimento dos bóias-frias. O setor agrícola mantinha, contudo, como principal incumbência, a geração de excedentes que possibilitariam o financiamento do processo produtivo e industrial.

Assim sendo, De Masi (2003) afirma que a sociedade industrial não deu menos importância à produção agrícola e, sim, deu menos importância aos trabalhadores agrícolas. Isso se deve aos incentivos para a utilização de máquinas, como tratores, plantadeiras e colheitadeiras, além de insumos agrícolas substituindo a utilização da mão-de-obra direta.

Essa menor ênfase aos trabalhadores permitiu que, cada vez mais, se substituísse essa mão-de-obra por alguns equipamentos ou máquinas. Esses trabalhadores substituídos necessitavam buscar outras fontes de renda. As alterações ocorridas na agricultura visavam

---

a uma maior especialização na produção. Nesse contexto, os trabalhadores fixos reduziram-se gradativamente, e a existência de trabalhadores temporários tornava-se cada vez maior.

Assim, as novas exigências, quanto à especialização da produção agrícola, transformaram a agricultura voltada ao atendimento das necessidades básicas em uma agricultura moderna, responsável pela produção de mercadorias. Essa transformação ocorreu tendo como base a implantação de novas máquinas, equipamentos e insumos. Assim os colonos passaram a serem produtores de mercadorias (COLOGNESE et al, 1999).

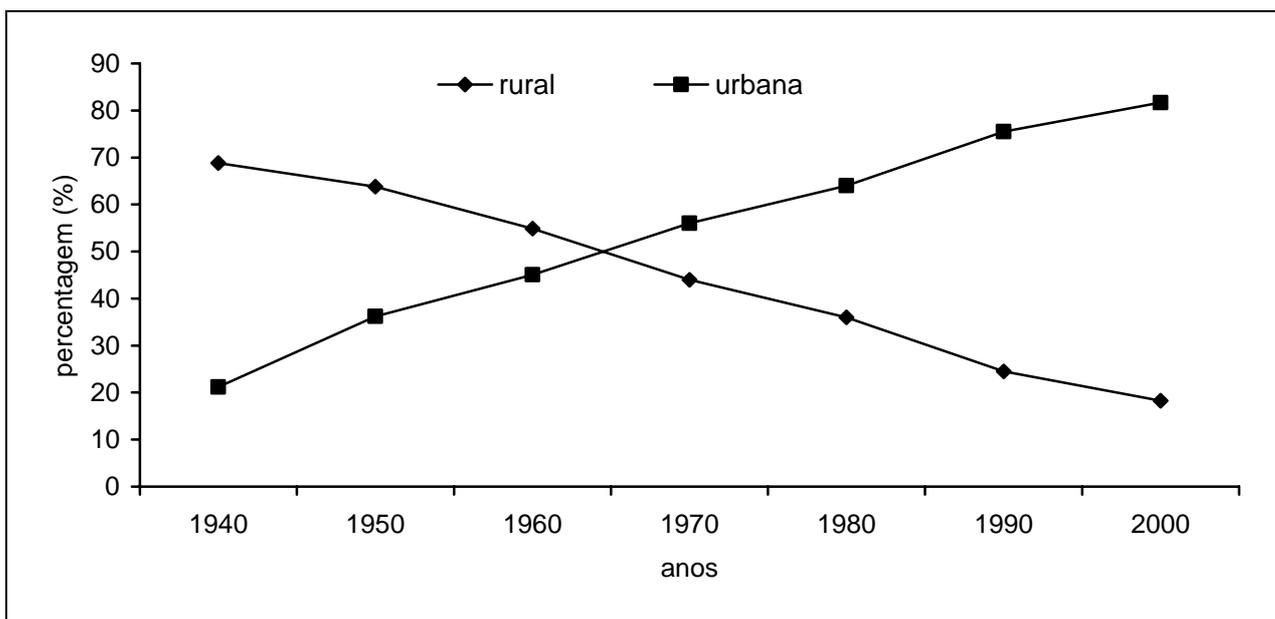
No decorrer de todo esse processo, toda essa alteração nas relações agrícolas ampliava o processo de migração rural-urbana. Isso ocasionou grandes dificuldades de integração da mão-de-obra originária da zona rural em um complexo e moderno sistema industrial urbano, gerando-se excedentes de trabalhadores (FLEISCHFRESSER, 1988 e MATTOS NETO, 1988).

Essa falta de integração muitas vezes transformava ex-agricultores em trabalhadores que dependiam da venda direta da sua força de trabalho. Esses trabalhadores recebem várias denominações, de acordo com a região à qual pertencem. Na Região Sul do Brasil, as denominações mais comuns são trabalhadores volantes ou bóias-frias. O bóia-fria caracteriza-se pela venda de sua força de trabalho de forma temporária sem vínculos empregatícios, recebendo por produção ou por diária.

O desenvolvimento tecnológico da agricultura brasileira e, principalmente, a paranaense, é tido como um dos grandes responsáveis pela geração de excedente de mão-de-obra rural. No Paraná, o surgimento dos bóias-frias apresenta-se como consequência de dois fatores básicos: o aumento da área cultivada com soja e a valorização das terras (IPARDES, 1979).

As transferências populacionais das áreas rurais para áreas urbanas é um processo contínuo de longa data, entretanto a partir de 1970 é que esse processo se intensifica, conforme se observa no Gráfico 01 (IPARDES, 1986).

Gráfico 1: Alterações percentuais das populações rural e urbana no Brasil, de 1940 a 2000



Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1990; Censo Demográfico IBGE 2000;

Essas alterações nos percentuais de populações rural e urbana apresentam, de forma clara, todo o processo de êxodo rural. Esse processo reflete em grande parte a escassez de empregos na zona rural e a falta de condições de sobrevivência dos trabalhadores rurais. Esse processo é tido como um dos fatores mais significativos no processo migratório, gerado principalmente por alterações tecnológicas agrícolas. Esses números indicam que a forte migração às áreas urbanas permitia a formação de grande reserva de mão-de-obra concentrada em áreas periféricas.

Essas concentrações periféricas, aliadas ao excesso de oferta de mão-de-obra e, em muitos casos, à falta de qualificação, desencadearam aumentos expressivos nas quantidades de trabalhadores que passam a desempenhar atividades de bóia-fria. Assim, o trabalho temporário torna-se mais adequado às necessidades irregulares de mão-de-obra na agricultura, além da praticidade para os proprietários quanto à ausência de vínculo empregatício.

A região oeste paranaense apresenta um processo de modernização agrícola intensa. Dessa forma, a agricultura de base familiar passou por um processo de transformação, onde essa modernização, aliada ao êxodo rural, permitiu o predomínio das médias e grandes propriedades (IPARDES, 1986).

Ainda conforme dados do IPARDES (2005), no município de Toledo as propriedades consideradas pequenas, com o estrato de 20 a menos de 50 ha, representavam

28% da área total. Há, porém, o predomínio das médias propriedades, acima de 50 ha, que ocupam 49% das terras do município.

Dessa forma, quando D'incao (1979) afirma que quanto mais desenvolvida a agricultura mais atrativa ela será a trabalhadores bóias-frias, pode-se dizer que em algumas regiões, tal fato pode ocorrer. No município de Toledo, contudo, o desenvolvimento da agricultura mostra-se atrativo aos bóias-frias apenas em um primeiro momento de transição e adaptação aos novos métodos de produção. Quando há uma certa adaptação às novas tecnologias e o aumento da existência e utilização das mesmas, ocorre uma enorme redução nas necessidades de utilização desses trabalhadores.

## **2.2 O Processo de Colonização e a Formação dos Bóias-Frias no Município de Toledo/PR**

O oeste do Paraná compreende os territórios entre os Rios Guarani, Iguaçu, Piquiri e Paraná, permanecendo uma região esquecida durante toda a fase do Império. Somente após a permissão do governo brasileiro à Argentina para navegação do Rio Paraná é que essa região começou a ser mais exposta. A sua efetiva colonização teve maior ênfase, entretanto, somente a partir da década de 1940 (COLODEL, 1989). É nessa época, de acordo com Colodel (1989), que o potencial da região torna-se conhecido nacionalmente atraindo interesses econômicos de forma muito intensa. Em princípio alguns produtores de café de São Paulo e, na seqüência, migrantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Anteriormente, no fim do século XIX, com o início da exploração da erva-mate, desenvolve-se uma agricultura de subsistência, através de colonos beneficiados com terras pertencentes à Colônia. Entretanto, muitos desses agricultores abandonaram suas terras migrando para outras regiões em busca de maiores lucros através da exploração da madeira e da erva-mate. Esses agricultores tornaram-se conhecidos e denominados pelo governo como “desterrados” (WASCHOWICZ, 2001, p.233).

A revolução de 1924 trouxe alguns benefícios para a região oeste, principalmente seu conhecimento a nível nacional pelo fato de a população da região ser composta basicamente por argentinos e guaranis, ou seja, a região era quase que totalmente dependente da Argentina. Essa realidade fez com que o governo brasileiro buscasse alternativas para “nacionalizar” a fronteira do oeste do Paraná. Uma das principais alternativas para essa tentativa foi a atração dos excedentes de mão-de-obra agrícola dos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Esses excedentes seriam responsáveis pela criação de um mercado produtor e consumidor, desenvolvendo e garantindo a posse da região ao Brasil (WASCHOWICZ, 2001, p. 229).

A primeira leva de migrantes para a região oeste do Paraná encontrou enormes dificuldades quanto ao clima e às densas matas. Isso gerou um certo desânimo, o que fez com que muitos deixassem a região. Assim, para que se efetivasse a colonização, foi necessária a destoca e a abertura de estradas na região. Para tanto utilizava-se de trabalhadores mensus<sup>8</sup> que residiam na região. Além dos mensus, utilizaram-se outras fontes de trabalho baratas, como trabalhadores provenientes de outras regiões do país, que viram possibilidades de crescimento na região.

Essa corrente migratória era formada por gente originária de Estados como São Paulo e Minas Gerais, entre outros, e se dirigiram para o interior paranaense em busca de ocupação nas lavouras de café no norte do Paraná. Ou ainda, buscaram oportunidades de melhoria no processo de colonização do oeste do Paraná (CHIBA & SOUZA, 1994).

A ocupação efetiva de Toledo ocorreu nas décadas de 1940 e 1950, baseada em agricultores gaúchos e catarinenses. Toledo pertencia à Fazenda Britânia, que era de propriedade da Companhia de Maderas Del Alto Paraná, de origem inglesa, sediada em Buenos Aires na Argentina, sendo posteriormente vendida à Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ.

A companhia dividiu a fazenda em áreas de aproximadamente 25 hectares, pois seriam de fácil e segura aquisição por parte dos pequenos proprietários, o que estimulou a migração e o conseqüente denso povoamento da região (WACHOWICZ, 1982).

Um dos principais fatores que caracterizou a ocupação do município e da região foi a seleção dos migrantes. As agências recrutadoras instaladas nos Estados de Santa Catarina e,

---

<sup>8</sup> Os mensus são trabalhadores de origem, geralmente, paraguaia, que se propunham a trabalhar braçalmente em uma obra. O termo equivale a peão, a expressão vem do espanhol mensual, ou seja, mensalista (COLODEL, 1988, p. 53).

principalmente, Rio Grande do Sul, responsáveis pela propaganda e recrutamento dos colonos migrantes, realizavam uma espécie de seleção dos agricultores e demais interessados em migrarem para a região.

Buscavam, com isso, evitar a chegada de elementos que não possuíssem o real propósito de contribuírem para o desenvolvimento regional, ou seja, não se permitiriam aventureiros (CHIBA & SOUZA, 1994).

Esse fato não impediu a chegada e a instalação de uma população de baixa renda em busca de condições para seu desenvolvimento. Essa população instalou-se de forma desorganizada no lado do Rio Toledo oposto à área projetada da cidade, pois essa margem não pertencia inicialmente à colonizadora, sendo assim não recebia investimentos da mesma. Geraram-se dois núcleos urbanos distintos em Toledo, uma área mais desenvolvida e uma área totalmente desestruturada.

Esses trabalhadores da área desestruturada representaram uma grande fonte de mão-de-obra em todo o processo de abertura de lavouras e demais atividades agrícolas. Entretanto, a primeira e importantíssima fonte de mão-de-obra para as atividades de destoca e aberturas de novas áreas agrícolas foram trabalhadores de origem paraguaia que aqui já residiam ou que vinham em busca de ocupação provindos do Paraguai.

Esses elementos eram fundamentais na realização de atividades braçais penosas, sendo relegados a funções como derrubada de árvores e abertura de estradas, entre outras. Não possuíam condições financeiras para a aquisição de uma propriedade agrícola para sua sobrevivência, por isso trabalhavam de forma temporária em propriedades que demandavam muita mão-de-obra.

Essas figuras extremamente importantes, interessantes e de pouco destaque, foram os trabalhadores que executavam as tarefas mais árduas sem acesso a terras. Não podiam cultivar nenhum produto para seu sustento, viviam da venda de sua mão-de-obra através de contratos com as empresas que exploravam a região.

Para garantir seu sustento precisavam ir a busca de novas propriedades que necessitassem de roçadas, ou destocas. Esses trabalhadores tornaram-se conhecidos como *mensu*, ou mensalista, pois recebiam uma espécie de salário mensal.

De origem geralmente paraguaia, os *mensus* eram explorados ao máximo, pois executavam as tarefas mais difíceis, sem garantia de ocupações posteriores. O recebimento de salário mensal não garantia que o *mensu* teria uma ocupação no mês seguinte, ou algum vínculo trabalhista.

Os mesmos eram explorados enquanto necessários para as empresas que extraíam valores da região. Quando não havia atividade a ser desempenhada, esses trabalhadores não recebiam salários. Isso os obrigava a estar em constante procura de novas ocupações.

Essas características permitem-nos compará-los aos bóias-frias existentes. Sobretudo pela condição de exploração, pela execução de tarefas temporárias, e principalmente pela dependência da venda de sua força de trabalho para o seu sustento. Efetivamente, o que os descaracteriza como bóias-frias é o fato de que os *mensus* eram contratados por mês e recebiam uma forma de salário, porém sem qualquer garantia de continuação de atividades. Já os bóias-frias são contratados por tarefas ou por diárias, também sem qualquer espécie de vínculo empregatício.

Os *mensus* tiveram uma grande redução na quantidade de atividades desempenhadas por causa da redução das explorações de madeira e erva-mate na região. Muitos se dirigiram para outras regiões ou retornaram a seu país de origem. Alguns insistiram e persistiram na região, sobrevivendo de pequenos serviços prestados aos poucos colonizadores que aqui existiam.

A presença de trabalhadores sem vínculos e que dependiam da venda da sua força de trabalho para subsistência foi constante desde o início do processo de exploração da região oeste pelas obrages<sup>9</sup>. Com a modernização da agricultura do município, essas pessoas passaram a desempenhar uma função de grande importância para os agricultores, ou seja, a realização de atividades mais árduas e penosas.

Esses trabalhadores *mensus* foram submissos aos obrageros<sup>10</sup>, perdendo seus referenciais culturais, tornando-se indivíduos degradados humana e socialmente, como as condições apresentadas pelos bóias-frias (COLOGNESE, et al, 1999).

A utilização de mão-de-obra temporária foi importante fator de auxílio em todo o processo de colonização de Toledo. A chegada dos migrantes dos outros Estados do Sul impulsionou o desenvolvimento de Toledo, principalmente a atividade agrícola de base familiar propulsora da economia toledana.

Os objetivos da colonizadora MARIPÁ, que eram a criação de uma agricultura diversificada, de base familiar, que produzia para consumo próprio e local em pequena escala, foram atingidos. A colonização do município realizada pela Maripá foi realizada

---

<sup>9</sup> Obrages são empreendimentos econômicos baseados no latifúndio extrativista e nas relações de trabalho de servidão (GREGORY, 2002, p.89).

<sup>10</sup> Obrageros são os proprietários das obrages.

de forma seletiva, ou seja, optava-se por determinados colonos, que apresentavam características pré-determinadas. Essa seleção de migrantes não foi, contudo, uma característica apenas da colonizadora Maripá, ou seja, estava presente nas exigências de outras colonizadoras responsáveis pelo processo de colonização do oeste do Paraná. Isso se deve a exigências de conotação econômica, geradas por valores culturais e a preconceitos dos administradores (GREGORY, 2002).

Segundo o autor supracitado, tal fato, aliado à modernização da agricultura no oeste do Paraná, é que proporcionou a tendência de concentração de propriedades e de concentração de produção.

A região oeste paranaense passou por um processo altamente seletivo de modernização, tanto em caráter espacial quanto em nível de estratificação fundiária. Essa tendência, de acordo com Figueiredo (1984), se manterá em seu desdobramento posterior. Essa desigualdade apresenta-se, pois as pequenas propriedades se utilizavam de trabalhadores temporários para algumas etapas da produção em que apenas o trabalho familiar não fosse suficiente.

As propriedades de maior porte utilizavam esses trabalhadores em mais atividades, pelo fato de que os trabalhadores contratados fixos não eram suficientes para completarem algumas atividades necessárias. As propriedades que não utilizavam trabalho familiar contratavam famílias, geralmente, para residirem na propriedade e desenvolverem as atividades necessárias. As culturas produzidas, aliadas à escassez de máquinas e equipamentos, ou insumos, como agrotóxicos, contudo, geralmente demandavam trabalhadores extras, em propriedades de qualquer porte.

As culturas que mais demandavam mão-de-obra eram o café, o algodão e o fumo. Essas atividades não apresentavam muitas possibilidades de mecanização, assim a grande maioria dos tratamentos culturais ocorria de forma manual. Dentre as atividades que mais necessitavam de trabalhadores destacam-se a capina e a colheita. Essas etapas faziam com que se contratassem grandes levadas de trabalhadores nesses períodos.

E as alterações tiveram seu começo a partir do início da década de 1960. Nessa década houve uma alteração nas relações produtivas nacionais, alteração que gerou impactos diretos na economia toledana. Esses impactos devem-se à chamada “Revolução Verde”, onde o governo subsidiava créditos ao setor agrícola para estimular o cultivo de produtos voltados à exportação.

Esses créditos destinavam-se principalmente a médias e grandes propriedades em detrimento das pequenas propriedades, que eram a base da agricultura de Toledo. A introdução do binômio soja/trigo, culturas voltadas à exportação, gerou uma certa pressão sobre os agricultores para que esses se adaptassem à nova realidade.

Essas alterações impactaram diretamente nos trabalhadores do município. A alteração do que se produzia na propriedade levou muitos agricultores a dispensar trabalhadores fixos. Quando não se dispunha de capital para adquirir equipamentos ou máquinas, havia a possibilidade de contratar esses serviços de outros agricultores.

Assim, a atividade agrícola torna-se extremamente profissionalizada, ou seja, desenvolvem-se tecnologias, máquinas, equipamentos e insumos, além de grandes estímulos à preservação e à conservação do solo (NIEDERAUER, 1992).

Ainda de acordo com o autor, essa condição de “pólo de atração” aos migrantes começou a se reduzir, principalmente a partir da década de 1970. Essa redução se deu principalmente pelo desenvolvimento tecnológico da agricultura e a consequente elevação nos custos de produção e das terras.

Diante dessas condições, os trabalhadores, fixos ou temporários, tiveram a demanda pelos seus trabalhos cada vez mais reduzida, sendo que os trabalhadores fixos que perderam seus empregos precisaram buscar outros empregos. E as maiores ofertas de emprego estavam na área urbana.

Houve um maior estímulo à urbanização, com maior destaque aos setores secundários e terciários. O crescimento da área urbana, aliado ao encarecimento do processo produtivo agrícola, propiciou um deslocamento de populações rurais para zonas urbanas.

Segundo Colognese et al, (1999), as relações competitivas, o crescimento das especulações imobiliárias e os custos para aquisição de tecnologias permitiram que algumas pessoas se destacassem financeiramente pelas grandes extensões de terra que possuíam. Em contrapartida, o mesmo processo colaborou imensamente para o desenvolvimento de uma população de baixa renda. Essas pessoas geralmente abandonavam a agricultura e migravam para áreas periféricas da zona urbana, representando um vasto contingente de mão-de-obra barata. Parte dessa mão-de-obra serviu de base para a industrialização, que necessitava de muitos trabalhadores.

Outra parte dessa mão-de-obra surgida do processo de urbanização não foi absorvida pela zona urbana, e necessitava encontrar ocupação. Dessa forma retornou ao trabalho no campo sob a forma de mão-de-obra temporário (bóia-fria), sem vínculo empregatício ou

quaisquer direitos ou benefícios sociais. Esses trabalhadores mantiveram sua residência na zona urbana, mas trabalhavam na zona rural, para onde se deslocavam diariamente ou quando solicitados.

Diante disso, Silva (1988) concorda com o fato de que a intensificação do processo de migração rural-urbana gerou excedentes de mão-de-obra sem ocupação. Muitos desses trabalhadores buscavam ocupações em atividades temporárias, como a função de bóia-fria.

A região oeste do Paraná teve características semelhantes quanto ao movimento populacional ocorrido em todo o Paraná, com uma intensa urbanização e a grande liberação de mão-de-obra do setor agrícola para o urbano. O processo migratório rural-urbano, ocorreu de forma semelhante tanto em âmbito nacional quanto em âmbito estadual e regional. A estrutura agropecuária do oeste Paranaense possui características geográficas que permitam uma intensa mecanização (PERIS, 2003).

Inicialmente a agricultura desenvolvida no município baseava-se na diversificação da produção, sendo que em 1956 os produtos cultivados era milho com 62%, mandioca com 14%, arroz com 8%, soja com 5%, trigo e feijão com 4%. O cultivo do milho e da mandioca atrelava-se à suinocultura, atividade de grande destaque no período chegando a fazer parte da renda de 91% dos agricultores, porém, conforme o processo de mecanização ia aumentando, essas culturas tinham suas áreas alteradas. Reduzia-se a necessidade de mão-de-obra para capinas e colheitas, entre outras atividades, passando para culturas que se destinavam ao mercado externo.

Essa destinação ao mercado externo ocorreu em consequência de grandes alterações nas políticas governamentais. Isso gerou grandes alterações nas estruturas social e econômica de Toledo, principalmente a partir da década de 1970. Um dos grandes fatores foi a política governamental de aumento das exportações através do aumento na produção de soja e trigo. Essa alteração de culturas foi possibilitada porque as condições de solo e clima da região apresentavam-se ideais para seu cultivo. Dessa forma o binômio soja/trigo torna-se o maior ciclo produtivo do município.

Em função da capitalização observada no setor agrícola, a partir desse período houve uma seleção e redefinição das características dos produtores e das propriedades rurais. Essa redefinição se deu em função dos elevados preços das máquinas, implementos e insumos, além da supervalorização das terras. Propriedades com melhores condições de obtenção de créditos para a aquisição desses elementos reduziram a utilização de trabalho braçal. O

setor agrícola toledano passa a contar com médias e grandes propriedades as quais se tornam as bases agrícolas do município.

Foi intensa a aceleração da diferenciação entre pequenos proprietários e os de agricultores que possuíam melhores condições financeiras. Essa diferenciação ocorreu principalmente pela mecanização agrícola, pelo modelo agroexportador adotado e pelas linhas de crédito facilitadas. Tais fatores aumentaram a competitividade na agricultura onde pequenos proprietários levavam enormes desvantagens (COLOGNESE, et al, 1999).

Entre essas desvantagens, incluíam-se a baixa produtividade e o elevado custo de produção. Dessa forma, a competitividade ficava extremamente prejudicada, pois os grandes proprietários ou os detentores de maior capital, produziam mais em menores espaços, o que possibilitava um custo de produção menor. Essas dificuldades para os pequenos proprietários fizeram com que muitos desses agricultores migrassem para zonas urbanas. Geralmente se concentravam em áreas periféricas, dividindo espaço com os trabalhadores que precisaram migrar para as áreas urbanas e prestar serviços ao setor agrícola. Alguns passaram a competir nas mesmas atividades.

Os funcionários que eram fixos e perderam seus empregos precisando residir em áreas urbanas, passaram a dividir espaço com alguns pequenos agricultores que não conseguiram se manter no mercado. A grande maioria dos agricultores não possuía especialização em atividades urbanas, pois sempre foram agricultores, dessa forma, a colocação em alguma atividade da indústria ou do comércio era extremamente difícil.

Os proprietários passaram a dispensar grande parte de seus funcionários contratados para se utilizarem de máquinas e equipamentos e aproveitando a existência de uma grande oferta de mão-de-obra apenas como complementação de atividades agrícolas, em substituição à manutenção de funcionários fixos. Dessa forma, os pequenos agricultores, os trabalhadores que eram contratados fixos e os trabalhadores temporários passaram a buscar ocupação juntamente com os descendentes dos *mensus* que ainda permaneceram na região.

Esses trabalhadores passaram a disputar ocupação no mercado de trabalho. Alguns conseguiram ingressar em atividades urbanas, haja vista o aumento do desenvolvimento do setor de indústria, comércio e serviços. Outros tantos, porém, menos especializados, passaram a oferecer a sua força de trabalho ao setor agrícola em amplo crescimento, como trabalhadores bóias-frias.

O predomínio das médias propriedades e a redução das pequenas, são fatores que fizeram reduzir o número de funcionários contratados e aumentar o número de funcionários

temporários. Isso se deve ao fato de que, em médias propriedades, a utilização de maiores tecnologias reduzia a necessidade de trabalhos manuais. Como os mesmos eram contratados com salários mensais, os proprietários pagavam seus funcionários pelos períodos em que estariam ociosos. No caso das pequenas propriedades, há o predomínio das atividades familiares, entretanto, em algumas etapas em que a mão-de-obra familiar não fosse suficiente, havia a contratação de trabalhadores temporários.

A redução inicial do número de funcionários contratados deu lugar a um aumento na contratação de funcionários temporários, pois os mesmos recebiam apenas pelas atividades desempenhadas, o que representava uma redução de custos para os proprietários. Dessa forma, os bóias-frias apresentaram enorme importância para o processo de desenvolvimento e do processo de substituição da agricultura tradicional por uma agricultura mais avançada, representando uma fonte rápida e barata de fornecimento de mão-de-obra.

Staduto (2004, a) apresenta o aumento na procura por bóias-frias como uma consequência da utilização de equipamentos na agricultura. Isso se deve ao fato de que as máquinas e equipamentos utilizados eram, em sua grande maioria, importadas, e, em alguns casos, inadequados às condições e cultivares nacionais. Além desse fator, há ainda o fato de que esses equipamentos atenderem apenas partes do processo produtivo de algumas culturas, mantendo a necessidade de complementação manual do processo produtivo.

A mão-de-obra dos bóias-frias pode ser tida como sendo um elemento participante do processo de alterações do processo produtivo agrícola tradicional para o processo produtivo agrícola capitalista, haja vista a necessidade de tempo, tecnologia e investimentos em capital para a completa substituição destes trabalhadores. Assim sendo, em um primeiro momento, o desenvolvimento e a modernização agrícola foram benéficos para os bóias-frias, com o aumento da oferta de trabalho para os mesmos.

Conforme a industrialização avançava e se desenvolviam máquinas mais adequadas às condições da agricultura nacional e que abrangessem mais etapas do processo produtivo, houve uma gradual redução na demanda por esses trabalhadores.

Segundo Aguirre e Bianchi (1989), citados por Staduto (2004, a), a existência de trabalhadores bóias-frias que complementavam as tarefas do processo produtivo é que possibilitou o início do processo de modernização agrícola.

A região oeste passa a ser considerada como um “pólo de atração” aos migrantes colonos. Essa atratividade começou a se reduzir com o desenvolvimento tecnológico da agricultura e a conseqüente elevação nos custos de produção e das terras. Para os

trabalhadores que chegavam na região em busca de ocupação, essa atração se manteve muito alta pelas possibilidades de empregos mesmo que temporários. Essa região teve características semelhantes quanto ao movimento populacional ocorrido em todo o Paraná, com uma intensa urbanização e a grande liberação de mão-de-obra do setor agrícola para o urbano (PERIS, 2003).

A mão-de-obra em partes não encontrando ocupação passaria a vender a sua força de trabalho, juntamente com ex-trabalhadores contratados e com descendentes de *mensus*, em atividades de complementação do processo produtivo agrícola em que não existiam equipamentos adequados, formando e intensificando a existência de bóias-frias em Toledo e região.

Para Staduto (2004, b) a transição da forma de trabalho que se utiliza mão-de-obra volante para um processo automatizado é um processo demorado mesmo em etapas do processo produtivo bem avançadas em tecnologia, mas que provavelmente incompletas pela existência de limites temporais e financeiros. Ainda conforme o autor, mesmo com toda a agricultura desenvolvida, os contratos de trabalho permanecerão como uma instituição do setor agrícola, pois a substituição de todas as tarefas realizadas de forma manual pela forma mecânica não é totalmente disseminada nem factível de forma generalizada.

### **2.3 A Inserção do Bóia-fria no Município de Toledo**

Os bóias-frias são elementos importantes na história do desenvolvimento da agricultura toledana, sendo que a sua presença era constante em quase todas as atividades agrícolas desenvolvidas no município. O recrutamento de bóias-frias passa, porém, por um processo de gradual redução, sendo que a sua presença é cada vez menor em lavouras do município. Dessa forma, buscamos identificar por que o grupo ocupacional dos bóias-frias está reduzindo.

A modernização da agricultura gerou, em um primeiro momento, o aumento na demanda por mão-de-obra de bóias-frias, pois a presença de máquinas e equipamentos substituiu em grande parte os trabalhadores contratados fixos. A necessidade desses trabalhadores permaneceu, pois os equipamentos e máquinas, em sua grande maioria,

ocupavam apenas parte do processo produtivo. Muitas atividades ainda precisavam ser desempenhadas manualmente, assim os trabalhadores bóias-frias encontravam ocupação com facilidade.

O mesmo processo de desenvolvimento agrícola do qual os bóias-frias participaram e que foi um dos responsáveis pela sua existência passou a ser indicado, também como um dos responsáveis pela sua redução. Conforme avançavam as pesquisas e se desenvolviam equipamentos adequados à realidade nacional, mais etapas do processo produtivo passaram a serem mecanizadas.

Outro fator importante foi o desenvolvimento de novos insumos e a alteração nas culturas produzidas. Os insumos, como os agrotóxicos, reduziram as necessidades de capinas manuais, pois havia um controle químico das ervas-daninhas nas culturas. Já as alterações das culturas produzidas fizeram com que culturas como algodão, fumo e feijão fossem substituídas por culturas como soja, milho, trigo. Assim, atividades que necessitavam de muita mão-de-obra em grande parte das etapas do processo produtivo deram lugar a culturas que apresentavam a possibilidade de controles químicos, máquinas para plantio, colheita ou capinas.

Essas alterações das formas de se realizarem os tratos culturais e das culturas produzidas no município são mais bem compreendidas quando se faz uma análise a partir do processo de colonização. A importância dessa análise está na compreensão sobre a forma como a agricultura do município se desenvolveu e as primeiras formas de produção existentes.

O município de Toledo teve seu processo de colonização intensificado a partir das décadas de 1940 e 1950. Até então as atividades desenvolvidas eram apenas extrativistas, principalmente madeira e erva-mate. Nesse contexto surge a figura dos *mensus*, que eram trabalhadores braçais, em sua grande maioria de origem paraguaia, incumbidos das tarefas mais árduas.

Esses *mensus* perderam a sua função com o desenvolvimento da colonização e a instalação de uma agricultura familiar. Como não possuíam condições financeiras para o cultivo próprio, muitos deixavam a região em busca de novas perspectivas em regiões de colonização mais inicial.

A partir das alterações nos processos agrícolas de produção para subsistência, passando para uma produção especializada para a geração de excedentes, surge uma nova geração de mão-de-obra barata.

Muitos colonos que não conseguiram acompanhar a implantação de novas tecnologias e maquinários, não tendo condições de competir com grandes proprietários, acabaram por desfazerem-se de suas terras dirigindo-se para áreas urbanas, geralmente periféricas. Esses trabalhadores, juntamente com os *mensus* foram as duas principais fontes de mão-de-obra barata

Os *mensus* viviam da realização de algumas atividades esporádicas para os colonos. Já os colonos, que migraram para as áreas urbanas, dividiram-se em dois grupos, o grupo dos que conseguiram alguma ocupação na zona urbana e aqueles que passaram a prestar algum serviço aos agricultores que persistiam ou a grandes proprietários.

Parte do grupo dos *mensus* e parte do grupo dos antigos colonos foram a base da formação dos bóias-frias. Entretanto a modernização da agricultura de Toledo e região vêm ocasionando o desaparecimento dos bóias-frias.

Os impactos negativos da modernização ocorrida no setor agrícola da região oeste paranaense adquire uma enorme importância para o município de Toledo, que é basicamente agrícola (IPARDES, 1986).

O município de Toledo passou a ser considerado um município no qual predominam as médias propriedades com área acima de 50 hectares (ha), que ocupam em torno de 49% das terras do município. Esse fato seria uma consequência do êxodo rural, ou seja, os pequenos proprietários se utilizam de trabalho familiar, ou se desfizeram de suas terras. Isso se deve, em parte às dificuldades de competir com propriedades que se utilizam de tecnologias avançadas (IPARDES, 2005).

Dessa forma, a análise das relações entre a modernização agrícola e o desaparecimento desse grupo ocupacional no município de Toledo tornou-se extremamente interessante. Essa relação apresenta certas particularidades, como um inicial aumento no número de bóias-frias no município no início do processo de modernização agrícola, e a continuação do processo provocando a redução e tendências ao desaparecimento (STADUTO, 2004, a).

A principal importância na caracterização do município consiste na confirmação ou rejeição das duas formas de interpretação quanto às consequências da modernização agrícola sobre os bóias-frias. Isto é, a modernização agrícola contribuiu para a tendência à diminuição dos bóias-frias ou a modernização ocorrida no município mostrou-se como atrativa a esses trabalhadores.

Essa interpretação possibilitou uma análise aprofundada quanto às influências e às transformações ocorridas na agricultura do município. Permitiu-nos, assim, a elaboração de análises completas e coerentes com a realidade e características de Toledo. Assim sendo, o presente estudo justifica-se pela busca da caracterização das influências geradas pelo processo de modernização da agricultura sobre a população de bóias-frias, visando caracterizar as expectativas e as tendências para esse grupo ocupacional, no município de Toledo – PR.

### **3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

#### **3.1 A modernização Agrícola e os Bóias-frias**

A partir da Crise de 1929, houve uma enorme necessidade de desenvolvimento da indústria nacional, haja vista as dificuldades de importação de máquinas e equipamentos para suprir as necessidades internas. Essa busca pelo desenvolvimento industrial gerou uma grande oferta de trabalho.

Como as áreas urbanas possuíam uma população consideravelmente menor que a população rural, esta se tornou atrativa a alguns residentes rurais. Esses agricultores acabaram por se desfazerem de suas propriedades e dirigiram-se às áreas urbanas em busca de ocupação, iniciando-se assim o processo de migração rural-urbana (CALAZANS,1977).

O processo migratório rural-urbano teve, como uma de suas causas, o aumento dos incentivos ao setor industrial, gerando uma grande demanda por mão-de-obra, escassa na área urbana e farta nas áreas rurais. Esse processo permitiu uma gradual inversão nos níveis populacionais das áreas rurais e urbanas.

Assim sendo, o setor agrícola foi uma importante fonte de mão-de-obra para o setor industrial (SZMRECSÁNYI, 1990; SORJ, 1986; PERES, 1982 e D'INCAO, 1979). O desenvolvimento das indústrias não seria possível sem essa fonte rural de mão-de-obra. Dessa forma, o setor agrícola cumpre a sua função de fornecer trabalhadores ao setor industrial, além da geração de excedentes para exportação e de alimentos para consumo interno, entre outros.

A transferência populacional ocorreu, todavia, em um processo de transferência gradativa e ocorrida em fases distintas, como afirma Alves (1996). O autor supracitado divide o processo de desenvolvimento industrial nacional em relação à agricultura em três fases. A primeira fase engloba a transferência de recursos do setor primário para o setor secundário. A partir de 1930 e intensificando-se a partir de 1950, o governo passou a investir mais no setor industrial deixando em segundo plano o setor agrícola.

Em um segundo momento, todo o avanço industrial gerado pelos investimentos governamentais começa a influenciar mais intensamente o setor agrícola. Esse setor passa a ter, à sua disposição, insumos, máquinas e equipamentos que permitem aumentos e melhorias na produtividade do setor. Ainda de acordo com Alves (1996), a agricultura passou a denominar-se agroindústria<sup>11</sup>, principalmente a partir de 1970.

A transformação da agricultura em agroindústria dá início à terceira fase, a partir da qual a utilização de mão-de-obra torna-se menos intensa e, em contrapartida, a presença de máquinas e equipamentos torna-se cada vez mais constante. Trata-se da fase da modernização da agricultura.

A modernização da agricultura foi um efeito do desenvolvimento da indústria nacional que permitiu a produção de máquinas e equipamentos mais adequados às necessidades internas, abrangendo mais etapas do processo produtivo agrícola. Da modernização decorre uma redução na utilização de bóias-frias e uma procura por trabalhadores fixos com certa qualificação para operar máquinas, como tratores, colheitadeiras, semeadeiras, entre outras. Esse fato tornou-se constante em regiões de maior acesso à tecnificação e com agricultura mais desenvolvida, como as Regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste brasileiros.

A produção agrícola passa a ser realizada de forma intensiva, entretanto o início do processo de modernização não oferecia tecnologia a todas as fases do processo produtivo ou ainda, não se podiam utilizar tecnologias em algumas fases, pois os equipamentos inicialmente eram desenvolvidos no mercado externo e nem sempre se adaptavam às condições de clima, relevo ou produtos nacionais.

Para que se completassem todas as atividades do processo produtivo fazia-se necessária a utilização de trabalhadores braçais para as atividades ainda não mecanizadas. Assim, os trabalhadores temporários encontravam ocupação de maneira mais fácil, pois a demanda por mão-de-obra era intensa.

Staduto (2004, b) afirma que o surgimento do bóia-fria teve a enorme contribuição de dois fatores simultâneos. Um deles é o processo de modernização agrícola, com a intensificação da utilização de máquinas, equipamentos e insumos avançados que facilitavam os tratos necessários ao processo produtivo. O outro fator refere-se à

---

<sup>11</sup> Agroindústria: atividade constituída pela função dos processos produtivos agrícolas e industriais no âmbito de um mesmo capital social, ou, quando tal não acontece, a atividade caracteriza-se por uma grande proximidade física entre a área que produz e a matéria-prima agrícola e seu processamento industrial (SANDRONI, 2004).

implementação da legislação trabalhista, ampliando os direitos dos trabalhadores rurais. Isso gerava certo receio aos agricultores de contratar funcionários fixos. Ocorre que, geralmente, os funcionários temporários possuíam baixa qualificação e informação, com isso um baixo poder de barganhar os seus direitos, o que levava a grande maioria dos proprietários ao não-cumprimento dos direitos trabalhistas.

Já Cacciamali (1986) apresenta essas duas causas de forma separada. Para a autora, alguns pesquisadores afirmam ser o surgimento dos Estatutos da Terra e do Trabalhador Rural (ETR, Lei Federal nº 4.214, de 1963) o principal incentivador da utilização de trabalhadores temporários em detrimento das contratações fixas de trabalhadores, como uma forma de burlar a legislação vigente.

Por outro lado, ainda de acordo com a autora, outro grupo de pesquisadores afirma que o aumento na utilização e existência de bóias-frias se deve ao desenvolvimento capitalista do país e especificamente do setor agrícola. Para a autora, a legislação não é a causa da existência do bóia-fria.

A contínua mecanização das atividades agrícolas foi gradativamente substituindo a utilização de trabalhadores por máquinas e equipamentos, ou seja, a oferta de trabalho foi reduzindo-se, gerando um excedente de trabalhadores mal ou pouco preparados. Essa má preparação deve-se, em grande parte, à pouca escolaridade e à pouca qualificação para as atividades industriais.

A partir da intensificação do desenvolvimento urbano, é que surgiram possibilidades de aperfeiçoamento e capacitação dessa mão-de-obra, através da criação de cursos técnicos e ensino supletivo. Isso permitiu que umas grandes parcelas dos bóias-frias existentes pudessem ingressar no mercado de trabalho urbano, abandonando total ou parcialmente as atividades temporárias, cuja demanda reduzia-se cada vez mais.

Vasconcellos (1999) confirma essa redução na oferta de trabalho, ao afirmar que a etapa de mecanização ocorrida a partir de 1980 gerou uma redução do emprego de bóias-frias, principalmente com a interiorização dos avanços mecânicos, intensificada a partir de 1990.

Essa forma de trabalho apresentou-se extremamente importante no desenvolvimento de atividades que requeriam grandes quantidades de trabalhadores. Isso se deve tanto pela forma dos tratos culturais, quanto pela inexistência de máquinas ou equipamentos que pudessem ser empregados no processo produtivo.

Segundo Broietti (2000), a demanda por trabalhadores bóias-frias vem reduzindo-se de maneira intensa de acordo com o avanço da tecnologia no campo, o que pode significar uma tendência à sua total extinção. A modernização agrícola de uma região gera o gradual desaparecimento dos bóias-frias, que cada vez mais serão substituídos por máquinas e equipamentos.

Já D'incao (1979) afirma que a modernização e o desenvolvimento agrícola geram uma maior atratividade da região aos bóias-frias, ou seja, quanto mais desenvolvida a agricultura maior tende a ser a concentração de bóias-frias nessa região. Assim, a tendência da redução da utilização de bóias-frias, tanto pela utilização de tecnologias, quanto pela existência de possibilidade de capacitação e ocupação desses trabalhadores no setor urbano, torna-se visível.

Tal fato confirma-se nas palavras de Alves (1996), ao afirmar que a redução na utilização de mão-de-obra em consequência de avanços tecnológicos é uma tendência cada vez mais presente. Staduto (2004, A), confirma esse fator quando afirma que as constantes pressões das novas tecnologias sobre o setor agrícola intensificam o processo de redução na demanda por bóias-frias.

Esse processo de troca da mão-de-obra por equipamentos e tecnologias ocorreu de forma muito intensa, em consequência de fatores como o crescimento dos incentivos à utilização dessas tecnologias como se a agricultura dependesse apenas dela para desenvolver-se. Ou seja, muitos produtores viram a tecnologia como uma necessidade básica ao processo produtivo, como a terra, a chuva e o sol.

Toda a nova gama de produtos, insumos e tecnologias em maquinários despertou, em um grande número de proprietários, uma espécie de “necessidade” de aquisição desses novos benefícios. O trabalho assalariado surge em substituição ao colonato<sup>12</sup>, a partir da introdução de novas técnicas agrícolas e do fato de o agricultor passar a considerar a terra como capital fixo (MARTINS, 1989). Desse modo, Vicente (1999) destaca que micro e pequenos proprietários defrontam-se com três alternativas: ou se modernizam ao máximo, de acordo com as suas possibilidades, ou migram para as cidades, ou, como última alternativa, transformam-se em produtores de subsistência.

Para os trabalhadores migrantes para a zona urbana ou para os trabalhadores bóias-frias, uma das maiores dificuldades encontradas para a colocação no mercado de trabalho

---

<sup>12</sup> Colonato: regime que utilizava mão-de-obra de trabalhadores livres, empregados na agricultura a partir da extinção da escravidão (SANDRONI, 2004).

urbano foi a falta de qualificação. Grande parte desses trabalhadores possuía pouca ou nenhuma escolaridade e a experiência de trabalho era restrita às atividades agrícolas, agregada a hábitos e costumes diferenciados.

A maior dificuldade para a criação de uma sociedade urbana estaria em transformar agricultores ou bóias-frias, quase que totalmente despreparados, em cidadãos com valores e concepções urbanas. Essas alterações referem-se a conforto, acesso à escola, saúde, praticidade na aquisição de mercadorias, lazer, entre outros. Assim, fazia-se necessário desenvolver uma “ideologia urbana” nesses trabalhadores, valores que distinguem o campo da cidade e a indústria da agricultura (MARTINS, 1989).

Para tanto, as idéias de conforto, facilidades quanto à educação e à saúde, acabaram por gerar uma certa atração sobre pequenos agricultores, que passam a valorizar o trabalho e a vida urbana em detrimento das árduas tarefas agrícolas.

Tais fatos, aliados às dificuldades de manutenção e de competitividade de pequenas propriedades, impulsionaram muitos trabalhadores rurais a migrarem para áreas urbanas.

Isso se reflete nos números das populações rurais e urbanas no Brasil, entre 1940 e 2000, os quais indicam que a tendência mais comum e a solução mais procurada acaba sendo a migração para o setor urbano, causando evolução diferenciada dos percentuais populacionais observados nas regiões entre as décadas de 1940 e 2000. Conforme dados do IBGE (1990 e 2000), a Região Sul apresentou uma alteração na população rural que, de 72,3% em 1940, passou para 18,6% em 2000, e urbana de 27,7% para 81,4% em 2000.

A Região Sudeste apresentou alterações significativas, sendo que a população rural passou de 60% para 10,6% em 2000, a população urbana de 39,4% em 1940 alterou-se para 89,7% em 2000.

Quanto à Região Centro-Oeste, em 1940 a população rural representava 78,5% e em 2000 passou a representar 15,7%; a população urbana representava 21,5%, passando para 84,3% em 2000 (IBGE, 1990 e 2000), conforme dados da Tabela 01.

Tabela 01. Evolução das populações residentes nas zonas rural e urbana entre 1940 e 1990, nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste

ANO	SUDESTE		SUL		CENTRO-OESTE	
	RURAL	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL	URBANA
1940	60,0	39,4	72,3	27,7	78,5	21,5
1950	52,5	47,5	70,5	29,5	75,6	24,4
1960	42,7	57,3	62,4	37,6	65,0	35,0
1970	27,2	72,8	55,4	44,6	51,7	48,3
1980	16,0	84,0	51,0	49,0	45,0	55,0
1990	12,0	88,0	26,0	74,0	18,7	81,3
2000	10,6	89,7	18,6	81,4	15,7	84,3

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1990; Censo Demográfico IBGE 2000;

Na Região Norte, a população rural representava cerca de 72,3% em 1940, alterando-se para 28,5% em 2000; a população urbana alterou-se de 27,7% em 1940, para 71,5% em 2000. Na Região Nordeste, a população rural passou de 76,5% para 30,6%; a urbana alterou-se de 23,5% para 69,4% em 2000, conforme dados da Tabela 02.

Tabela 02. Evolução das populações residentes nas zonas rural e urbana entre 1940 e 1990, nas Regiões Norte e Nordeste e no Brasil

ANO	NORTE		NORDESTE		BRASIL	
	RURAL	URBANA	RURAL	URBANA	RURAL	URBANA
1940	72,3	27,7	76,5	23,5	68,8	21,2
1950	68,5	31,5	73,6	26,4	63,8	36,2
1960	62,2	37,8	65,8	34,2	54,9	45,1
1970	54,9	45,1	58,0	42,0	44,0	56,0
1980	50,0	50,0	53,0	47,0	36,0	64,0
1990	42,2	57,8	39,4	60,0	24,5	75,5
2000	28,5	71,5	30,6	69,4	18,3	81,7

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1990; Censo Demográfico IBGE 2000;

As Regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste brasileiras foram as mais favorecidas pelas políticas setoriais para a tecnificação do setor agrícola, alterando-se, dessa forma, as relações produtivas tradicionais com um crescimento desigual das taxas de produtividade nessas regiões. As Regiões Norte e Nordeste, as quais possuíam uma agricultura menos desenvolvida, sofreram alterações no setor agrícola, porém de forma não tão intensa quanto as demais.

A modernização da agricultura tornou-se um dos principais objetivos governamentais entre 1930 e 1964. A visão moderna é um dos principais focos do governo após o golpe militar de 1964, visão que transformou a sociedade agrária predominante no Brasil em uma sociedade moderna e industrializada. Ou seja, o golpe militar permitiu a expansão do capitalismo no campo de maneira mais intensa (MARTINE & GARCIA, 1987).

Para Lopes, citado em Soto (2002), a base das transformações da economia agrária em industrial foram as tecnologias e a proletarização, porém esses fatores trouxeram uma enorme redução no número de trabalhadores assalariados utilizados.

Essas tecnologias, aliadas às políticas agrícolas nacionais, que continham instrumentos de benefício aos pequenos proprietários, como linhas de crédito e financiamentos, geraram grandes dificuldades quanto à concorrência com grandes produtores, isso tanto em custo quanto em quantidades produzidas, o que acabou por reduzir ou até mesmo anular esses benefícios.

Para Kageyama (1987), todavia, todo o processo de modernização da agricultura é o resultado de dois fenômenos distintos: a crise do complexo rural e a modernização do setor agrícola. Assim sendo, a alteração no foco dos investimentos governamentais do setor rural para o urbano gerou um descontentamento aos agricultores, visto que proprietários de melhores condições financeiras tiveram acesso a novos benefícios mecânicos e químicos e puderam desenvolver as suas atividades de maneira mais intensa.

Os custos para a aquisição desses benefícios agravaram ainda mais as diferenciações existentes entre pequenos, médios e grandes proprietários. Em seu estudo, Soto (2002) apresenta uma discussão sobre a questão da mecanização agrícola, onde questiona se o seu desenvolvimento foi uma causa para o êxodo-rural ou uma consequência da redução no número de trabalhadores da zona rural, principalmente entre os anos 1940 e 1950.

Segundo o autor supracitado, o processo poderia ocorrer pela concentração de terras e dificuldades para a fixação do homem no campo, ou seja, a expulsão. Por outro lado, a migração poderia ser causada pelos atrativos oferecidos pelas cidades, fazendo com que os trabalhadores não fossem expulsos do campo, mas, sim, atraídos pelas cidades.

Esses atrativos, como educação, saúde e lazer, fizeram com que alguns agricultores deixassem suas propriedades agrícolas, com difícil acesso à escola para as crianças, ao atendimento médico, ao conforto e à praticidade na aquisição de algumas mercadorias. Soto (2002) conclui que a industrialização da economia brasileira intensificou o processo de urbanização e a industrialização no setor agrícola, sendo que o crescente fluxo de trabalhadores transferidos do setor rural para o urbano foi de extrema importância como fornecedora de mão-de-obra para o setor.

Diante dessa questão, Martine & Garcia (1987) afirmam que é após o início do processo de modernização da agricultura que a migração se intensificou. O êxodo rural é visto como uma consequência do ritmo da modernização e do avanço do capitalismo no campo, no qual o trabalho humano foi substituído em parte ou totalmente pela utilização de trabalho mecânico.

Essa relação entre a modernização da agricultura e todo o processo de migração rural-urbana é extremamente importante. Desse processo de migração surgem trabalhadores que prestam serviços temporários à agricultura, ou seja, os bóias-frias são trabalhadores que migraram da zona rural para a urbana. Essa migração deve-se a vários motivos, como a falta de emprego, a substituição de trabalho manual por mecânico, utilização de insumos e agrotóxicos eficientes, entre outros.

Com essa modernização da agricultura por causa do processo de substituição de importações, a partir da década de 1950, é que a industrialização atinge o seu auge, passando a se estender para a área agrícola como uma fase mais avançada de sua ocorrência. A proletarianização do campesinato<sup>13</sup>, segundo Soto (2002), é responsável pelo surgimento do bóia-fria, sendo essa consequência a maior exaltação desse processo.

Para Graziano da Silva (1980), a diferenciação entre cidade e campo, aliada ao processo de industrialização da agricultura, seriam as principais causas da proletarianização do campesinato como uma subordinação do trabalho ao capital e não sob a forma de expropriação.

---

<sup>13</sup> Campesinato: conjunto dos grupos sociais de base familiar que, em graus diversos de autonomia, se dedica a atividades agrícolas em glebas determinadas. A produção ocorre com base na mão-de-obra familiar (SANDRONI, 2004).

Graziano da Silva (1996) destaca, ainda, a importância desses trabalhadores como forma de suprir as variações sazonais da necessidade de mão-de-obra sem que isso se reflita na folha de salário para os proprietários.

O trabalho bóia-fria permitiu a obtenção de renda a esses trabalhadores e ainda permite a complementação de renda para alguns trabalhadores. Para a empresa capitalista, a vantagem de não precisar pagar pelo tempo em que o funcionário fica parado, além das vantagens referentes aos direitos trabalhistas, torna essa mão-de-obra viável. Os agricultores isentam-se das responsabilidades legais para com os bóias-frias, pois não há vínculo trabalhista entre agricultores e bóias-frias, e não pagam pela sazonalidade dos funcionários fixos.

O aumento do mercado interno brasileiro de bens industriais ocorreu em consequência de fatores principais como a expropriação dos camponeses como produtores independentes. Isso os transformou, em parte, em miseráveis bóias-frias, pois esses trabalhadores não conseguiam ocupar-se pela venda de sua força de trabalho. Dessa forma, Graziano da Silva (1996) caracteriza o desenvolvimento do capitalismo brasileiro no campo como lento e desigual (industrialização tardia), ou seja, conforme se aumenta a mecanização, se eleva, também, a sazonalidade da ocupação dessa mão-de-obra. Assim, para os proprietários, a solução mais econômica é a substituição do trabalhador fixo pelo temporário (bóia-fria).

Vasconcellos (1999) confirma esse fato ao afirmar que o lado perverso da modernização foi o aumento na utilização de trabalhadores bóias-frias, a concentração fundiária e a redução da geração de empregos no setor, lado confrontado com os benefícios gerados, como o aumento da produtividade agrícola e a possibilidade de geração de excedentes para exportação, entre outros benefícios.

Segundo Graziano da Silva (1982), a modernização da agricultura brasileira, intensificada entre os anos 1960 e 1970, teve características conservadoras, isto é, privilegiou algumas regiões e culturas, além de beneficiar médios e grandes proprietários, gerando a expropriação de alguns pequenos agricultores, bem como o surgimento de uma classe proletária<sup>14</sup> no campo.

---

<sup>14</sup> Proletariado: expropriação dos pequenos produtores familiares e sua conversão em assalariados sem terra  
Graziano da Silva (1982).

Frente a todas as dificuldades de subsistência e frente à sua separação dos meios de produção, o trabalhador se vê obrigado a vender a única mercadoria de que dispõe: a sua força de trabalho.

Diante do exposto, persiste uma dúvida básica: Se, por um lado, existem autores que sugerem que a modernização da agricultura é responsável pela geração dos bóias-frias, por outro lado, as evidências sugerem que, no oeste do Paraná, a modernização tem levado ao seu desaparecimento. Ou seja, qual é a característica predominante no município de Toledo? Assim sendo, o correto diagnóstico acerca da real situação desse grupo ocupacional, bóia-fria, faz-se necessário e pertinente.

### **3.2 Problema de pesquisa**

Os bóias-frias são personagens de extrema importância para a agricultura, principalmente com o início do processo de modernização da agricultura. Existem, contudo, divergências de conclusões obtidas por pesquisadores acerca dos fatores responsáveis pela sua existência.

Não é a origem, mas, sim, o destino desse grupo ocupacional que gera maiores dúvidas. Muitos são os estudos que revelam os condicionantes para a sua existência e a sua grande importância para todo o processo de modernização agrícola e contribuição para o processo de desenvolvimento industrial. Assim sendo, realizamos uma análise das formas e dos níveis de exclusão da mão-de-obra no campo com foco nos bóias-frias. Visamos analisar os fatores geradores da tendência ao desaparecimento desse grupo ocupacional.

Diante das diferentes formas de análise e interpretação dos fatos, questionamos qual a relação existente entre a modernização agrícola de Toledo/PR e o processo de desaparecimento dos bóias-frias, a partir da década de 1970, até os dias atuais?

### 3.3 Hipóteses

O processo de modernização, ou de mudança estrutural, ocorreu na agricultura principalmente com a utilização de máquinas, equipamentos e insumos mais eficientes. Essa modernização objetivava melhorar a produtividade da agricultura toledana, sendo o principal responsável pela redução na demanda pelo trabalho prestado pelos bóias-frias, bem como pela sua tendência ao completo desaparecimento.

Uma das principais relações apontada como responsável pela redução na demanda por bóias-frias e o seu conseqüente gradual desaparecimento refere-se ao desenvolvimento e expansão da utilização de máquinas, equipamentos e insumos agrícolas mais eficientes.

Outro fator de destaque nesse processo de redução do número de bóias-frias é a alteração das culturas produzidas no município. Produtos altamente demandadores de mão-de-obra (café, fumo, algodão, feijão) foram substituídos por culturas que utilizavam maiores quantidades de máquinas e equipamentos, além de insumos, em seu processo produtivo (soja, milho, trigo). Essas culturas que possuíam maior mecanização utilizavam mão-de-obra em algumas etapas do processo produtivo, contribuindo para a redução dos contingentes de bóias-frias existentes.

As atividades desempenhadas pelos bóias-frias nessas novas culturas restringiam-se principalmente a capinas. Essas capinas eram necessárias pela não-existência de equipamentos para tal atividade.

### **3.4 Objetivos**

#### **3.4.1 Objetivo Geral**

Analisar a relação existente entre o desaparecimento dos bóias-frias e a modernização da agricultura e as alterações dos produtos cultivados no município de Toledo-PR, a partir da década de 1970.

#### **3.4.2 Objetivos Específicos**

- Verificar a relação existente entre a redução do número de bóias-frias e os níveis tecnológicos empregados na agricultura do município.
- Identificar o comportamento de redução do grupo ocupacional dos bóias-frias em Toledo a partir da década de 1970.
- Analisar a relação entre os tipos de culturas produzidas no município de Toledo e a redução do número de bóias-frias.
- Identificar a possível existência de uma tendência à extinção desse grupo ocupacional.

## **4. METODOLOGIA**

Inicialmente adotamos o conceito *bóia-fria*, para representar o grupo de trabalhadores que prestam serviços de forma temporária ao setor agrícola, em atividades como capina, roçadas ou algumas etapas do processo produtivo. São trabalhadores que não possuem vínculos empregatícios e recebem por atividade desempenhada, por produção ou por dia.

Com este estudo objetivamos analisar a influência da modernização agrícola e das alterações culturais sobre o desaparecimento do *bóia-fria* no município de Toledo no Estado do Paraná. Analisamos o processo histórico de surgimento, do avanço e da redução desse grupo ocupacional a partir da intensificação do processo de modernização agrícola e das alterações nas culturas produzidas no município.

Na seqüência, apresentamos os referenciais metodológicos que proporcionam a orientação necessária ao desenvolvimento da pesquisa.

### **4.1 Revisão de Literatura Metodológica**

A metodologia representa os caminhos percorridos para se atingir um objetivo. Segundo Gil (2000, p. 31), “o método científico pode ser entendido como o caminho para se chegar à verdade em ciência, ou como, o conjunto de procedimentos que ordenam o pensamento e esclarecem acerca dos meios adequados para se chegar ao conhecimento”.

Uma das técnicas utilizadas no desenvolvimento de uma pesquisa científica consiste na determinação de uma amostra populacional. A amostragem consiste na seleção e escolha de alguns indivíduos representantes da população para compor uma amostra (GIL, 2000).

Utilizamos a amostragem probabilística aleatória simples, selecionando elementos da população de forma casual de modo a compor a amostra. Assim, coletamos informações primárias junto aos *bóias-frias*, agricultores e “gatos” (recrutadores) com a aplicação de

questionários com questões abertas, com o objetivo de caracterizar, sob a ótica desses elementos, a relação entre a gradual diminuição do número de bóias-frias e a modernização agrícola.

O grupo focal da amostragem de bóias-frias concentra-se em bairros periféricos da cidade de Toledo, sendo indivíduos abordados em suas residências após a indicação de sua condição de bóia-fria. Essa abordagem se deu após a obtenção de informações com vizinhos. Além das residências, abordamos indivíduos em “pontos de chapa” ou pontos de bóia-fria<sup>15</sup>, para a coleta de informações. Alguns indivíduos apresentaram mais facilidades de conversa, outros mais quietos, porém não houve nenhuma recusa de colaboração.

Quanto aos agricultores, estes foram abordados a partir de informações obtidas através de questionamentos sobre a utilização de mão-de-obra volante. Os agricultores que confirmaram já terem utilizado esses trabalhadores foram selecionados para entrevista. Estes agricultores também fizeram a indicação de alguns indivíduos “gatos”<sup>15</sup> para questionamentos.

A coleta de dados, realizada pela pesquisa bibliográfica e pela aplicação de questionários, foi sucedida pela organização das informações de forma a facilitar a extração de todas as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa e a obtenção de uma conclusão com fundamentos bem estruturados.

Para a análise das informações obtidas por meio de levantamentos bibliográficos e entrevistas junto aos bóias-frias, agricultores e “gatos”, optamos pela análise qualitativa das informações.

As análises qualitativas geram a possibilidade da realização de descrições das qualidades de determinados fenômenos ou a caracterização das informações obtidas em questionários e observações. Ou seja, essa análise permite que se captem as dimensões das características humanas analisadas que vão além dos números obtidos (CORTES, 2002).

Ainda de acordo com Cortes (2002), a análise quantitativa de dados impede distorções de interpretação, possibilitando a mensuração de fenômenos em termos numéricos e as descrições mais detalhadas que permitiriam a explicação de certos fenômenos pela sua organização em variáveis.

## **4.2 Procedimento Metodológico e Fontes de Dados**

---

<sup>15</sup> “Pontos de chapa” ou Pontos de bóias-frias: designava os locais onde vários trabalhadores bóias-frias se concentravam à espera dos “gatos”. Esses pontos formavam-se, geralmente, próximos a empresas que comercializavam produtos agrícolas. Dessa forma os agricultores teriam maior facilidade de contrato com os mesmos.

Para que se possa obter um referencial que caracterize a realidade do município confrontando com as demais informações obtidas por pesquisas bibliográficas, entrevistamos bóias-frias/ex-bóias-frias, recrutadores (“gatos”) e agricultores. Visamos identificar possíveis tendências quanto ao desaparecimento do grupo ocupacional dos bóias-frias frente aos avanços tecnológicos existentes no setor agrícola.

A presente pesquisa foi realizada no município de Toledo/PR, localizado no oeste paranaense.

O município de Toledo/PR possui uma agricultura extremamente desenvolvida, ou seja, há grande utilização de máquinas e equipamentos em grande parte das etapas do processo produtivo, além de insumos que permitem um aumento na produtividade pela existência de adubos e agrotóxico. A utilização desses benefícios apresentou-se, em um primeiro momento, atrativa à existência de bóias-frias para, em seguida, passar a tornar-se repulsiva a essa forma de trabalho.

Dessa forma, o município se enquadra nos estudos que indicam que uma agricultura desenvolvida é atrativa aos bóias-frias, bem como nos estudos que apresentam a agricultura desenvolvida como um dos principais fatores responsáveis pelo desaparecimento dos bóias-frias.

### **4.3 Instrumentos de coleta de dados**

O presente trabalho foi realizado no município de Toledo/PR, onde entrevistamos bóias-frias/ex-bóias, recrutadores (“gatos”) e agricultores. Verificamos as hipóteses de que os níveis de tecnologia utilizados na agricultura possam estar relacionados à extinção dos bóias-frias da agricultura de Toledo – Paraná.

Além disso, buscamos analisar o comportamento desse grupo ocupacional a partir da década de 1970. Buscamos identificar, junto a bóias-frias ou ex-bóias-frias, algumas características e fatores inerentes à atividade, bem como analisar, sob a ótica desses

trabalhadores, os motivos que levam à tendência do desaparecimento dessa forma de trabalho.

Outro fator relacionado à nossa análise foram as influências geradas pelas alterações nos produtos cultivados no município e a redução do número de bóias-frias.

As entrevistas fornecem uma informação privilegiada, ou seja: *“a melhor situação para participar da mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos”* (RICHARDSON, 1999, p. 207).

Os recrutadores, ou “gatos” (como são mais conhecidos), têm uma grande importância quando narram os fatos relacionados à forma de recrutamento e à fiscalização dos trabalhadores. Pelo fato de, na maioria das vezes, serem eles, os “gatos”, os responsáveis pelo repasse dos pagamentos aos bóias-frias, a obtenção de informações sobre as condições de exploração e baixa remuneração torna-se mais completa.

Quanto aos agricultores, buscamos informações sobre as alterações nas culturas produzidas e sobre a relação com os bóias-frias, bem como a identificação de tendências quanto ao processo de diminuição desse grupo social.

Para a correta análise e interpretação dos dados obtidos através das entrevistas, realizamos um levantamento bibliográfico de autores que discorrem sobre o assunto. Isso possibilitou o confronto de opiniões de autores com a realidade do município de Toledo.

Para Gil (2000), o questionamento direto permite que se identifiquem características sob o ponto de vista dos entrevistados.

Assim, para que a real situação do bóia-fria seja entendida, fez-se necessário o questionamento direto a esses trabalhadores de modo a obter o seu ponto de vista sobre a sua situação, além da visão dos agricultores sobre a situação. As entrevistas realizadas diretamente aos trabalhadores bóias-frias permitiram a real avaliação das condições de vida desses trabalhadores.

Elaboramos e aplicamos questionários com questões abertas indagadas diretamente aos bóias-frias. Durante as entrevistas, os bóias-frias foram questionados sobre as suas origens e as atividades desempenhadas como fonte de renda, bem como as diferenças entre a oferta de trabalho antigamente e a escassez de oferta atual para bóias-frias. Além disso, questionamos esses bóias-frias sobre os motivos para essa redução na necessidade de sua mão-de-obra e as previsões quanto à extinção ou manutenção da atividade.

No questionamento realizado com os “gatos”, buscamos identificar as formas de recrutamento, como os bóias-frias eram selecionados, como se formava um “ponto de bóia-fria”, as condições de segurança e da realização dos pagamentos, além de outras informações que surgiam no decorrer da entrevista.

Os agricultores entrevistados foram indagados sobre a forma e a frequência de utilização do bóia-fria em sua propriedade. Procuramos identificar as razões para possíveis reduções na demanda por bóias-frias e as suas causas. Além de informações gerais sobre as relações de trabalho com esses bóias-frias, os agricultores expressaram as suas opiniões quanto a tendências para os bóias-frias no município.

#### **4.4 População e amostra**

Diante da existência de informações incompletas sobre a quantidade de bóias-frias existentes no município de Toledo/PR, estabelecemos que seriam aplicados, aleatoriamente, questionários a 50 bóias-frias e ex-bóias-frias localizados em bairros periféricos da cidade de Toledo. Além disso, questionamos 2 recrutadores (“gatos”) e 15 agricultores que se utilizam ou utilizavam bóias-frias em suas propriedades, residentes em diversas áreas rurais e urbanas do município.

Como não se dispõe de um dado exato sobre o número de bóias-frias no município de Toledo, a quantidade de entrevistados foi determinada com base nas amostras selecionadas nos estudos realizados por D’Incao (1984) e Broietti (2000).

Utilizamos, como referência, as técnicas conhecidas como “bola de neve” e “ponto de saturação”. De acordo com a técnica “bola de neve”, as informações serão coletadas e acumuladas até que as relações se tornem claras e se possam caracterizar os fatos em estudo (CAMARGO, 1984).

O “ponto de saturação” refere-se à busca de informações obtidas de diversos perfis identificados, até que se saturem os temas, ou seja, até o ponto em que as respostas obtidas apresentem conteúdos semelhantes não acrescentando novas informações (QUIVI & CAMPENHOUDT, 1998).

## 5. O BÓIA-FRIA NA AGRICULTURA DE TOLEDO

As primeiras relações de exploração mais intensa de mão-de-obra remontam da época da colonização da região oeste. No período da colonização do oeste paranaense não havia bóias-frias, pelo menos na modalidade dos atualmente conhecidos. Havia apenas a presença de trabalhadores extremamente explorados, desprovidos de quaisquer direitos, contratados para realizarem as mais árduas tarefas, os chamados *mensus*<sup>5</sup>.

Os *mensus* apresentam algumas características semelhantes aos bóias-frias, anteriormente citados, porém eram contratados por períodos pré-determinados e recebiam uma forma de remuneração pré-estabelecida (WASCHOWICZ, 2001).

Em sua grande maioria, os trabalhadores *mensus* eram de origem paraguaia, sendo recrutados pelos donos das obrages<sup>6</sup>, responsáveis pela exploração de madeira e erva-mate na região. Os chefes de obrages, obrageiros<sup>7</sup>, concediam empréstimos aos *mensus* para que pudessem chegar à região. Dessa forma, iniciavam seu trabalho com um saldo negativo junto aos obrageros.

Eram extremamente explorados, porém a sua dívida nunca se reduzia, pois não possuíam condições nem direito à terra, não podiam produzir para consumo próprio pois deveriam adquirir todos os produtos necessários no armazém, geralmente de propriedade do chefe da obrage.

Conforme Waschowicz (2001), inicialmente os trabalhadores *mensus* desempenhavam atividades de abertura de picadas e estradas em busca de erva-mate e madeira. Muitos desses trabalhadores miscigenaram-se com a população branca após o período de colonização, gerando maior abundância de mão-de-obra.

Tal população foi denominada de “*guaranis modernos*”, por Ribeiro (apud Waschowicz, 2001, p. 47), e acabavam acomodando-se às explorações e exigências impostas pela sociedade existente.

A partir do início do processo de colonização, a figura do *mensu* passa a perder a sua ocupação laboral em virtude da chegada de colonos, principalmente os vindos dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Assim os *mensus* quase desapareceram da região, migrando para outras terras.

As grandes dificuldades impostas pelas matas e pelo clima da região causavam, nos primeiros anos, certo grau de desânimo em agricultores, daí que muitos acabavam por deixar a região, migrando também para novas áreas.

Essa evasão de colonos foi benéfica, em certo ponto, para os *mensus* que ainda aqui residiam, pois novamente foram tidos como necessários, desempenhando atividades como a destoca, abertura de estradas e roçadas, haja vista a sua adaptação ao clima e às condições aqui existentes (WASCHOWICZ, 2001).

A contratação de trabalhadores extras era comum durante o processo produtivo, mesmo com a grande substituição desses trabalhadores por máquinas e equipamentos. Esse fato ocorreu com maior intensidade em um período de início e transição para uma agricultura moderna que buscava automatizar algumas etapas do processo produtivo, (Staduto, 2004, b)

A utilização de mão-de-obra extra, ocorria apenas em condições especiais em que o trabalho familiar não fosse suficiente. Isso se deve ao fato de que o processo de colonização do oeste do Paraná foi baseado na pequena propriedade de base familiar.

A necessidade de trabalhadores extras era suprida com a contratação de *mensus*, pois nesse período a figura do bóia-fria não existia efetivamente. O trabalhador *mensu* supria essa necessidade, sendo explorado intensamente pelos obrageros.

A existência de apenas algumas atividades extras para esses trabalhadores deve-se ao fato de que, inicialmente, a agricultura desenvolvida no município de Toledo baseava-se no trabalho familiar e na diversificação da produção. Em 1956, os principais produtos cultivados eram milho (com 62%), mandioca (com 14%), arroz (com 8%), soja (com 5%), trigo e feijão (com 4%). O cultivo do milho e da mandioca atrela-se à suinocultura, atividade de grande destaque no período, chegando a fazer parte da renda de 91% dos agricultores (SILVA, 1988).

As ofertas de trabalhos temporários eram muito limitadas. Dessa forma, o trabalho familiar era suficiente, na maioria das vezes, para desempenhar todas as atividades. Dependendo do tamanho da propriedade, poderiam existir funcionários fixos.

Com alterações em algumas culturas produzidas, inicialmente não havia a necessidade de manter trabalhadores constantes. Ou seja, quando se desenvolviam atividades como suinocultura ou bovinocultura, havia a necessidade de constantes tratos. Assim, necessitava-se de um acompanhamento constante por algum trabalhador.

A contratação de trabalhadores temporários era a melhor forma para se ter trabalhadores apenas quando se necessitasse, sem custos com períodos ociosos. Essas contratações foram aumentadas com o desenvolvimento cada vez maior de lavouras com culturas que necessitavam tratos em apenas algumas etapas.

Os trabalhadores temporários eram utilizados em algumas propriedades de menor porte, em que as atividades eram desempenhadas pelas famílias. Nesses casos, para desempenhar as atividades de colheita ou capina, haja vista a não-existência de funcionários fixos.

Eram, contudo, contratações muito pequenas, devido à grande diversidade de atividades desenvolvidas nas propriedades. Esses serviços eram realizados pelos membros da família que, em poucas ocasiões, recebiam auxílio de trabalhadores extras. No período de colonização, esses trabalhadores eram os *mensus*, pois ainda não havia bóias-frias.

Mesmo que a necessidade de trabalhadores temporários ocorresse desde do processo de colonização, inicialmente com os *mensus*, a quantidade de serviço ofertada era pequena, assim, esses trabalhadores precisavam estar em constantes buscas por trabalho. Essa busca, tornava, muitas vezes, necessário que se deslocassem para várias áreas do município.

A incerteza quanto a trabalho e renda reduziu-se um pouco conforme se desenvolvia a agricultura do município. Pois, a necessidade de contratação de funcionários fixos, permitiu que muitos desses *mensus*, obtivessem um trabalho em algumas propriedades agrícolas. Nessas propriedades residiam, realizavam suas tarefas e ainda tinham a possibilidade de cultivar hortas ou criar pequenos animais para o consumo próprio.

Assim sendo, reduziu-se um grande número dos trabalhadores sem ocupação. Inicialmente, conforme se desenvolvia e se modernizava a agricultura, aumentava a necessidade de trabalhadores para a complementação de algumas atividades. Dessa forma, os *mensus* que ainda existiam e que não possuíam empregos fixos, continuavam a prestar serviços temporários, entretanto residindo em áreas periféricas do município.

Como a demanda por trabalhadores extras era intensa, houve uma grande atratividade para trabalhadores sem ocupação fixa de outras regiões, como o norte paranaense, migrarem para o município de Toledo.

Essa nova leva de trabalhadores de outras regiões, juntamente com os trabalhadores temporários já existentes, formaram um grande contingente de trabalhadores que auxiliavam as atividades agrícolas. As mudanças que vinham ocorrendo na agricultura e o aumento desses trabalhadores temporários, geraram alterações nas relações de trabalho entre ambos.

Essas mudanças referem-se às características dessa mão-de-obra, transformando os trabalhadores *mensus* e os migrantes em trabalhadores com as características próprias dos bóias-frias.

Essas alterações agrícolas, contudo, ocorreram em virtude do avanço do capitalismo sobre a agricultura sob a forma de máquinas e equipamentos. Essas alterações, motivaram alguns pequenos agricultores, a vender suas terras e migrarem para as cidades. Essa motivação apresentou-se pela visualização da oportunidade de melhoria nas condições de vida. Isso, devido à baixa competitividade, gerada pela falta de capital para investimentos em tecnificação da produção em suas propriedades, ou pelo fato de o tamanho da propriedade ser muito pequeno, o que não permitia a sobrevivência da família.

A redução do tamanho das propriedades ocorreu, muitas vezes, em virtude da divisão de terras entre os filhos do proprietário, que já possuía uma área pequena. Com essa divisão se tornava cada vez menor, o que poderia não ser suficiente para o sustento da família. A venda de suas propriedades e a migração para a cidade não garantia melhorias nas condições de vida. Dentre esses pequenos proprietários, alguns não conseguiam, na cidade, um emprego ou uma fonte de renda fixa, aumentando o número de trabalhadores a ocupar a posição de desempregados.

A redução do tamanho das propriedades, causou uma menor busca por trabalhadores extras, haja vista a menor quantidade de trabalho e a possibilidade do trabalho familiar ser suficiente para o processo produtivo. Sendo que, alguns agricultores, acabaram por vender suas propriedades e migrar para as cidades.

Os *mensus*, os novos trabalhadores e até mesmo antigos agricultores ofereciam sua mão-de-obra a agricultores que ainda necessitassem de trabalhadores extras. Surge, dessa forma, uma nova denominação para os mesmos: bóias-frias.

Essa denominação deve-se ao fato de que esses trabalhadores se dirigiam às lavouras bem cedo, na manhã, e retornavam apenas à tarde, fazendo-se necessário almoçar na lavoura. Como não havia forma de aquecer seu almoço, ingeriam a comida, ou a bóia, fria.

Todas essas alterações nas relações de trabalho e nas propriedades agrícolas, ocorrem em função da modernização agrícola, das alterações culturais e do processo de urbanização e desenvolvimento industrial.

O cultivo de alguns produtos serviu como fonte de trabalho para os bóias-frias. Pois, a utilização de máquinas e equipamentos era limitada a alguns produtos ou etapas do

processo produtivo. Dessa forma, a utilização de um número maior de trabalhadores bóias-frias, ocorria em algumas culturas, como o cultivo do fumo, do algodão e do feijão. Essas culturas caracterizavam-se pelo grande volume de mão-de-obra necessário em seu processo produtivo pela pouca ou quase que inexistente mecanização para os tratos culturais dessas plantações. Havendo, dessa forma, uma intensa demanda por bóias-frias, em virtude das grandes áreas cultivadas com fumo, algodão e feijão.

Essas características inerentes à agricultura toledana passam, entretanto, gradualmente por um processo de mudança. Principalmente as alterações das estruturas social e econômica de Toledo ocorridas a partir da década de 1970. Essas alterações referem-se à modernização da agricultura pelo avanço das máquinas e dos equipamentos, além dos insumos.

As alterações nas relações de trabalho ocorrem com a redução das contratações de trabalhadores fixos e com o aumento na contratação de trabalhadores temporários. Essa alteração deve-se principalmente às novas formas de exploração da terra, ou seja, ao cultivo de produtos em que se pudessem utilizar máquinas e equipamentos em grande parte dos tratos culturais, como soja, trigo e milho.

Todas essas mudanças na agricultura ocorreram principalmente pela política governamental de expansão das exportações através do aumento na produção de soja e trigo, pois as condições de solo e clima da região se apresentavam ideais para o cultivo desses produtos. Dessa forma, o binômio soja/trigo torna-se o maior ciclo produtivo do município, e um dos maiores causadores de redução da demanda por trabalhadores.

Nesse contexto, os trabalhadores rurais, fixos ou temporários, sofrem grandes influências do processo de modernização agrícola. Entre essas influências, a mais significativa é a perda gradual de possibilidade de ocupação e obtenção de renda. Essa gradual redução da demanda por trabalhadores se dá em virtude da maior utilização de equipamentos e maquinários no processo produtivo.

Dessa forma, as culturas menos mecanizadas foram tornando-se menos atrativas aos agricultores. Propriedades com melhores condições de obtenção de créditos para a aquisição de equipamentos passaram gradualmente a reduzir a utilização de trabalho braçal no processo produtivo. Nesse contexto, reduziu-se o número de propriedades agrícolas que mantinham trabalhadores fixos, residentes nas propriedades. Os tratos culturais eram quase que totalmente realizados por maquinários ou insumos, como tratores, semeadeiras, colheitadeiras ou agrotóxicos.

O binômio soja/trigo, determinou um crescimento expressivo para o município de Toledo, pois os produtos destinados à exportação representaram o maior ciclo econômico do município, permitindo o desenvolvimento urbano e a crescente modernização da agricultura.

Esse desenvolvimento urbano foi possibilitado, em parte, pelos migrantes das áreas rurais que não puderam ou não quiseram se manter na agricultura. Ou seja, alguns desses trabalhadores migraram para a cidade em busca de conforto ou de melhorias (escola, saúde, lazer...). A grande maioria dos migrantes constitui-se, contudo, de trabalhadores que precisaram se dirigir para as cidades. Essa necessidade se deve a redução na oferta de trabalho para os mesmos.

A alteração no processo de produção agrícola gerou impactos na redução das imigrações e no surgimento de emigrantes que se dirigiam a novas fronteiras agrícolas. Interligando-se a esses fatores, apresenta-se também o início do processo de migração para as zonas urbanas e os problemas sociais decorrentes da falta de estrutura e da falta de empregos do setor urbano (WACHOWICZ 1982).

Todas essas alterações relacionam-se com os aumentos da oferta de mão-de-obra de trabalhadores de origem rural. E estes ocorrem paralelos à expansão da industrialização toledana com o surgimento de agroindústrias<sup>16</sup> como alternativa à absorção do excesso de mão-de-obra e para reduzir ou evitar o processo de emigração observados no período.

Mesmo diante do crescimento da zona urbana e do aumento da necessidade de trabalhadores, a relação entre oferta e demanda por mão-de-obra permaneceu desigual, principalmente pela redução contínua da necessidade de trabalhadores no setor agrícola. Ao contrário, muitos trabalhadores que não tiveram a sua força de trabalho absorvida na zona urbana retornaram ao campo em busca de ocupação, alguns deles sob a forma de trabalho temporário.

É possível que essas alterações nas estruturas produtivas, causadas pelo processo de utilização gradual de máquinas, equipamentos e insumos, conseqüentes da modernização da agricultura, sejam causadoras da redução das demandas por trabalhadores, temporários ou fixos. Essa redução somente ocorre, porém, após um período de valorização, ou seja, o início do processo de modernização da agricultura utilizou muitos trabalhadores volantes.

---

<sup>16</sup> Agroindústria: atividade constituída pela função dos processos produtivos agrícolas e industriais no âmbito de um mesmo capital social, ou, quando tal não acontece, a atividade caracteriza-se por uma grande proximidade física entre a área que produz e a matéria-prima agrícola e seu processamento industrial (SANDRONI, 2004).

Mesmo com a existência de máquinas e equipamentos, essa necessidade de trabalhadores ocorreu, pois, inicialmente, não havia máquinas e equipamentos que ocupassem todas as etapas do processo produtivo. Dessa forma, fazia-se necessário o trabalho manual como complementação das atividades mecanizadas.

Todavia, a constante modernização agrícola valoriza o trabalho bóia-fria apenas em um primeiro momento, quando as máquinas e equipamentos não atingem todas as fases do processo produtivo e ainda são necessárias formas de trabalho manuais. Com um certo grau de desenvolvimento nas indústrias produtoras de equipamentos agrícolas, o bóia-fria já passa gradativamente a perder a sua importância para a agricultura. Essa tendência motiva-se pela existência e pela disponibilidade de novas tecnologias, além de possibilidades de obtenção de linhas de crédito pelos agricultores.

Os bóias-frias apresentam geralmente baixo nível de instrução ou pouco conhecimento técnico. Apresentam, assim, dificuldades para operarem os novos equipamentos. Dessa forma, concorrem a uma ocupação de forma desigual com os trabalhadores especializados e capacitados, sendo que esses últimos acabam por serem contratados como funcionários.

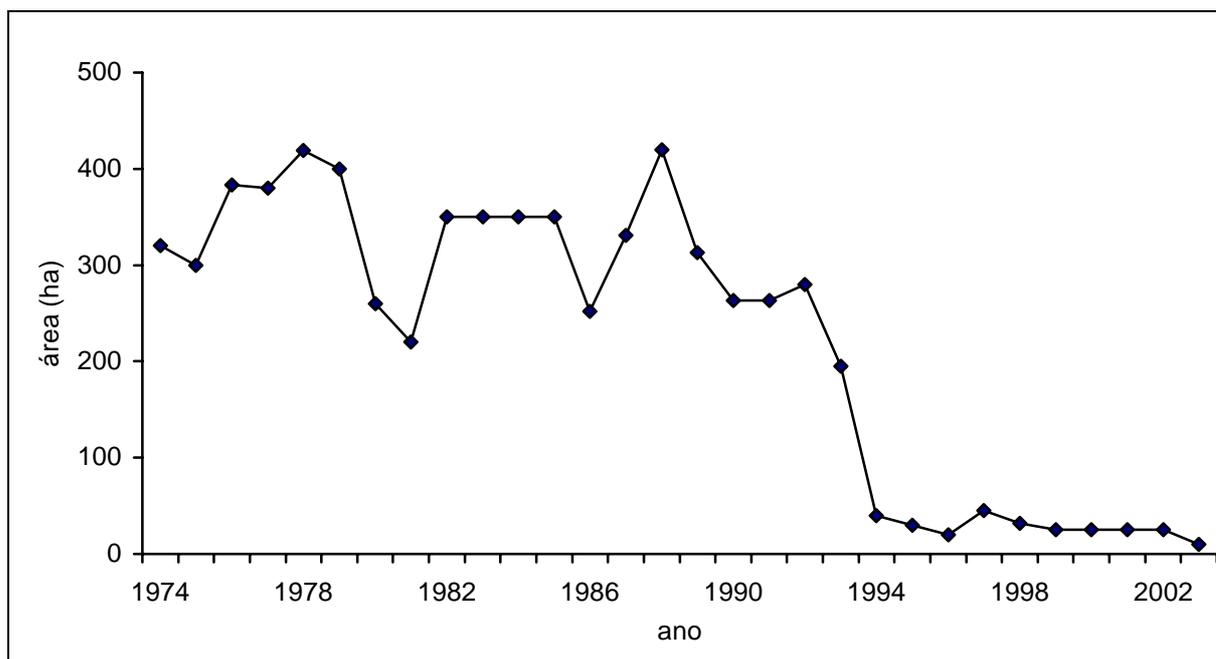
Além dessa inversão na necessidade de bóias-frias por motivos tecnológicos, houve ainda outro fator que demonstra certas características e tendências à redução na utilização de bóias-frias: a alteração nas culturas produzidas.

A introdução de máquinas e equipamentos que facilitassem e melhorassem os processos produtivos, aliado às novas tendências de produção visando à exportação, motivaram muitos produtores a alterarem as suas culturas. Ou seja, cultivares que necessitavam enormes quantidades de trabalhadores braçais passaram a ceder lugar a culturas altamente, ou quase que totalmente, mecanizáveis.

Esse foi um fator de grande importância no processo de redução da necessidade e redução da utilização dos trabalhadores bóias-frias. As atividades que demandavam muito serviço braçal tiveram as suas áreas reduzidas em relação a atividades quase que totalmente mecanizadas.

A análise dessas alterações nas culturas produzidas é extremamente importante como fator de comprovação das influências geradas por essas alterações sobre a necessidade de mão-de-obra. Assim, podemos perceber tal redução a partir da análise dos gráficos referentes à área total cultivada com fumo (Gráfico 02); feijão (Gráfico 03); algodão (Gráfico 04) e arroz (Gráfico 05).

Gráfico 02. Evolução das áreas cultivadas com fumo no município de Toledo entre 1974 e 2003.



Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná- acesso: 21/10/2005

A cultura do fumo apresenta como característica a grande demanda por mão-de-obra em seu processo produtivo, sendo que a maioria dos trabalhadores responsáveis pela colheita eram bóias-frias. Diante dos dados apresentados, verificamos uma grande redução na área cultivada com fumo.

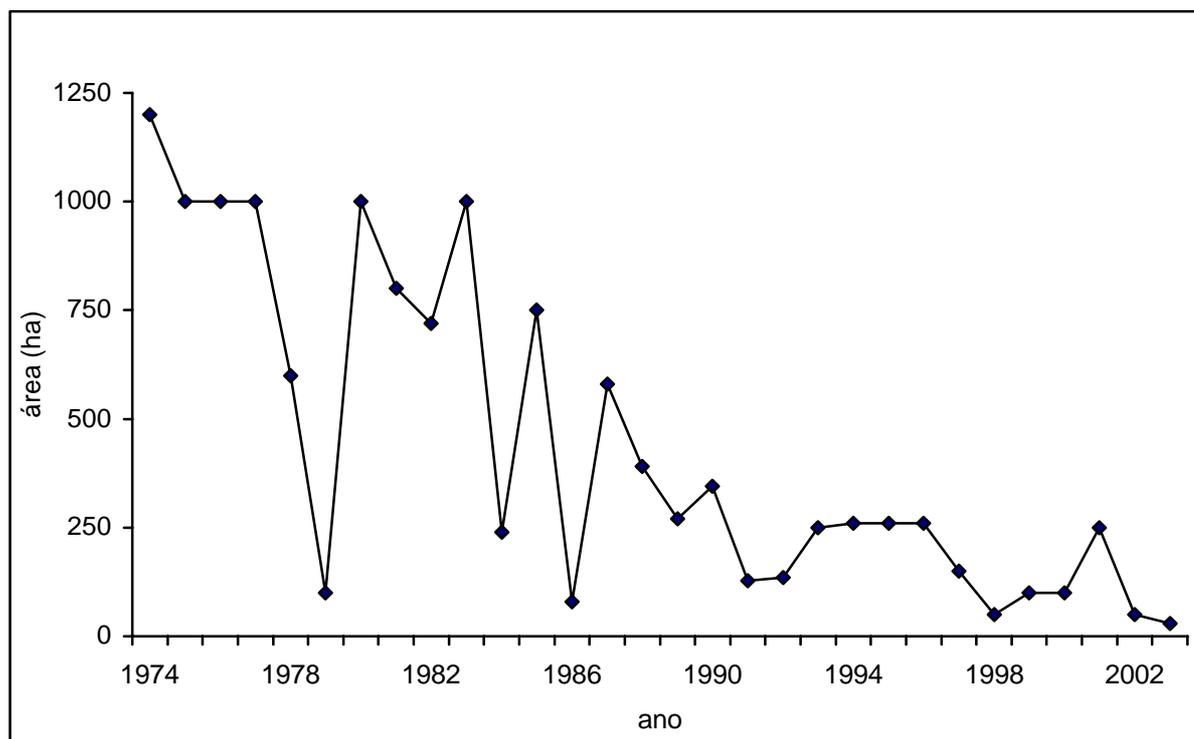
Em virtude desse fator, a quantidade de bóias-frias utilizada sofreu uma significativa redução. Essa redução foi tão intensa, pois na cultura do fumo, desde o plantio, o replante, os desbastes e a colheita, mesmo até a aplicação de agrotóxicos, ou seja, em praticamente todas as etapas do processo produtivo, existe uma grande necessidade de mão-de-obra.

Essa intensidade na necessidade de tratos culturais manuais estende-se ao feijão. Esse produto requer mão-de-obra principalmente no período de colheita.

O fumo e o feijão são duas culturas que podem ser rapidamente prejudicadas por fatores climáticos, ou seja, chuvas excessivas no período de colheita podem danificar consideravelmente a produção e a qualidade dos grãos.

Além disso, os tratos culturais apresentam-se intensos e desgastantes. Esses fatores foram alguns dos causadores da redução nas áreas ocupadas com essas culturas.

Gráfico 3. Evolução das áreas cultivadas com feijão no município de Toledo entre 1974 e 2003



Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná; acesso: 21/10/2005

A cultura do feijão se caracteriza, também, pela utilização de mão-de-obra, principalmente no período da colheita, sendo que a redução em sua área de cultivo representa também a redução na procura por bóias-frias. Apresentamos essas reduções nas áreas ocupadas pela cultura do feijão no Gráfico 03.

Além do fumo e do feijão, outra cultura que apresenta grandes riscos em seu cultivo é a cultura do algodão, pois as condições climáticas podem reduzir a produtividade ou prejudicar a qualidade do produto. Isto é, quando o algodão está em pluma, pronto para ser colhido, deve haver um período de estiagem para que a colheita seja efetuada. Caso haja um período chuvoso quando o algodão está em pluma, poderá haver danos parciais ou totais no produto, que é extremamente sensível à umidade.

Outros fatores de dificuldades para o cultivo desse produto estão na necessidade de grande quantidade de tratos culturais, como desbaste, capinas e colheita serem realizados de forma manual. Essa necessidade era suprida por um grande número de bóias-frias. Assim, a redução do cultivo desses produtos gerou uma perda de trabalho pelos bóias-frias.

O algodão requer grandes levas de mão-de-obra, principalmente na colheita, que deve ser rápida para que não haja risco de perdas por eventuais alterações climáticas. Assim

sendo, essas três culturas, algodão, fumo e feijão, apresentavam vários fatores que serviram de fatores de desmotivação para agricultores continuarem a produzir tais culturas.

Nesse contexto, os trabalhadores temporários eram inicialmente utilizados em larga escala nos tratos culturais desses produtos, principalmente na colheita e nas capinas.

O surgimento de alguns equipamentos que permitiam a utilização de agrotóxicos inicialmente gerou uma diminuição nas necessidades de trabalhadores para realizarem capinas. Não podemos deixar de lembrar que a capina pode ser, em parte, evitada com a utilização de agrotóxicos.

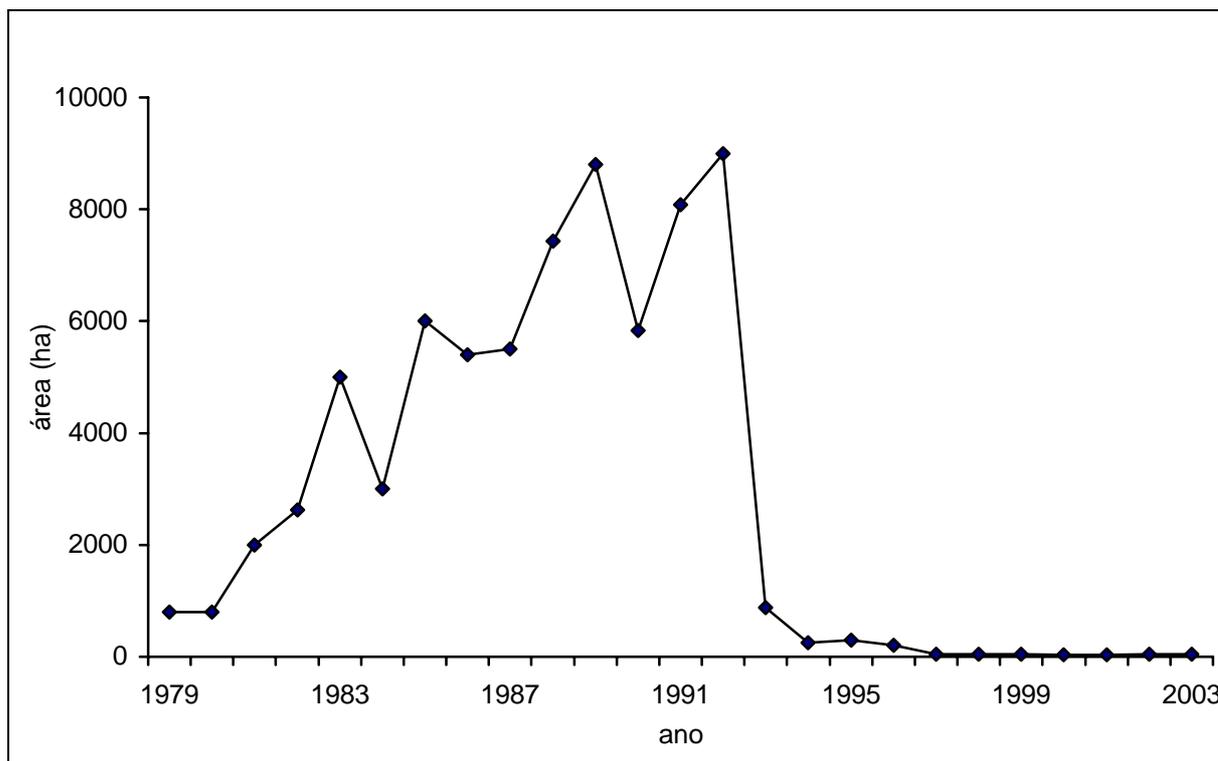
A colheita dessas culturas é, porém, manual, mesmo com a existência de máquinas. Essas máquinas são de custos elevados, utilizadas apenas em algumas grandes propriedades. As propriedades da região oeste apresentam-se pequenas ou médias, dessa forma tornava-se inviável a utilização de máquinas, e assim a colheita é realizada de forma manual.

Dessa forma, inicialmente, houve uma redução na quantidade de bóias-frias utilizada para capinas, mantendo-se a necessidade para os períodos de colheita. Após o avanço da modernização agrícola, as áreas cultivadas com fumo, feijão e algodão passaram a perder espaço cultivável para produtos que possuíam mais opções de mecanização e incentivos governamentais.

Os riscos inerentes a essas culturas também serviram de fatores de análise na troca de cultivares. Dentre esses fatores, destacam-se os incentivos governamentais destinados a produtos que se destinavam ao mercado externo (soja, trigo, milho), a desvalorização das demais culturas e a escassez de equipamentos e insumos, além das grandes dificuldades causadas por intempéries climáticas.

No Gráfico 04, apresentamos as alterações nas quantidades de áreas ocupadas pela cultura do algodão. Essa cultura tem como característica a imensa quantidade de mão-de-obra utilizada no período de colheita, em sua grande maioria trabalhadores bóias-frias.

Gráfico 4. Evolução das áreas cultivadas com algodão herbáceo no município de Toledo entre 1979 e 2003



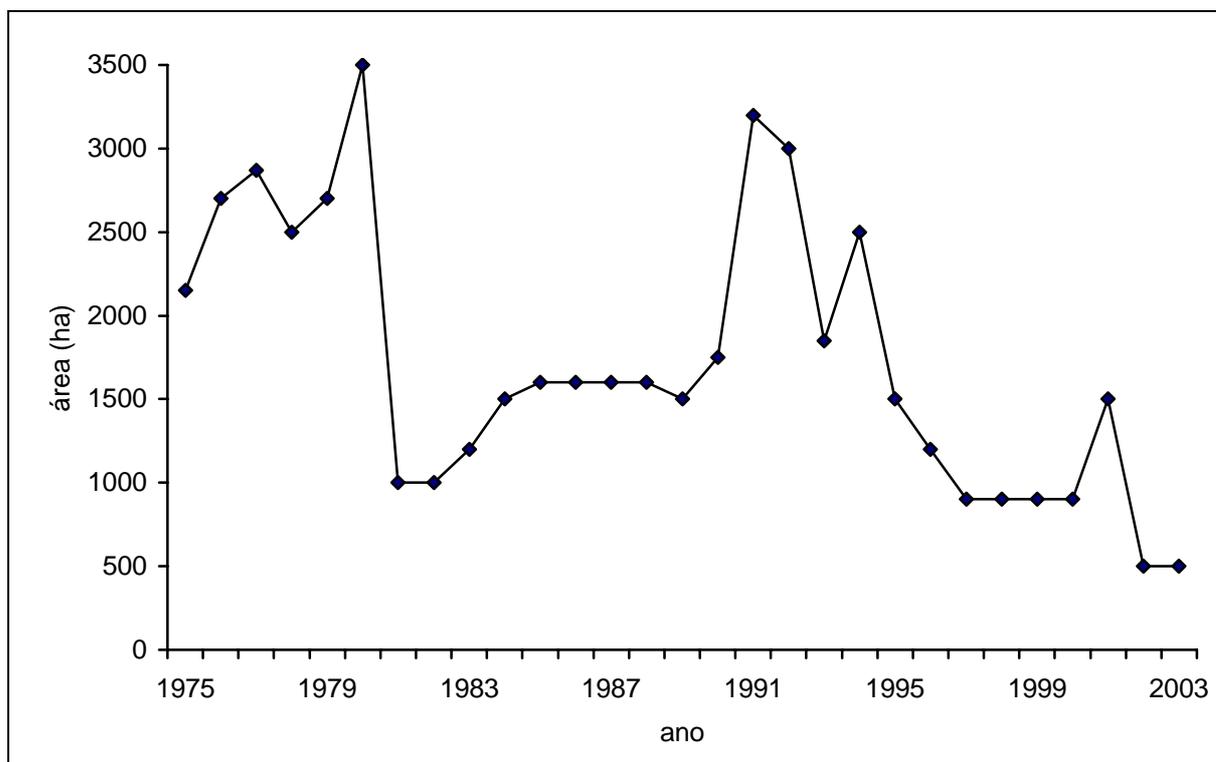
Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná- acesso: 21/10/2005

Após um período de crescimento no cultivo, entre 1980 e 1990, a cultura do algodão teve um decréscimo significativo. Grande demandadora de mão-de-obra, a cultura do algodão era realizada em grande escala no município, sendo que, a partir de 1990, foi gradativamente substituída por outros cultivares, como soja, trigo e milho, ou outras atividades como pecuária, suinocultura e avicultura.

Essa substituição deu-se, em geral, por fatores como as condições de clima e os constantes prejuízos aos agricultores, dentre outros. Destacam-se também fatores como a falta de equipamentos adequados aos produtos e à realidade dos agricultores.

Nessa conjuntura, os bóias-frias perdem espaço de uma forma quase que proporcional à redução das lavouras de algodão, fumo e feijão. Essa perda de espaço se deu em virtude de as novas culturas serem altamente mecanizadas.

Gráfico 5. Evolução das áreas cultivadas com arroz no município de Toledo entre 1975 e 2003



Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná- acesso: 21/10/2005

As áreas cultivadas com arroz no município de Toledo seguem as mesmas tendências de redução como as culturas de algodão e fumo. A utilização de bóias-frias era, entretanto, mais intensa em atividades como a capina e não no processo de colheita, como as demais culturas supracitadas.

Já a cultura do milho permanece com grandes áreas cultivadas em virtude da expansão de atividades como a suinocultura, a pecuária e a avicultura. O milho é uma atividade que demanda mão-de-obra, principalmente nas fases de capina e coleta de espigas que ficaram na lavoura após a colheita.

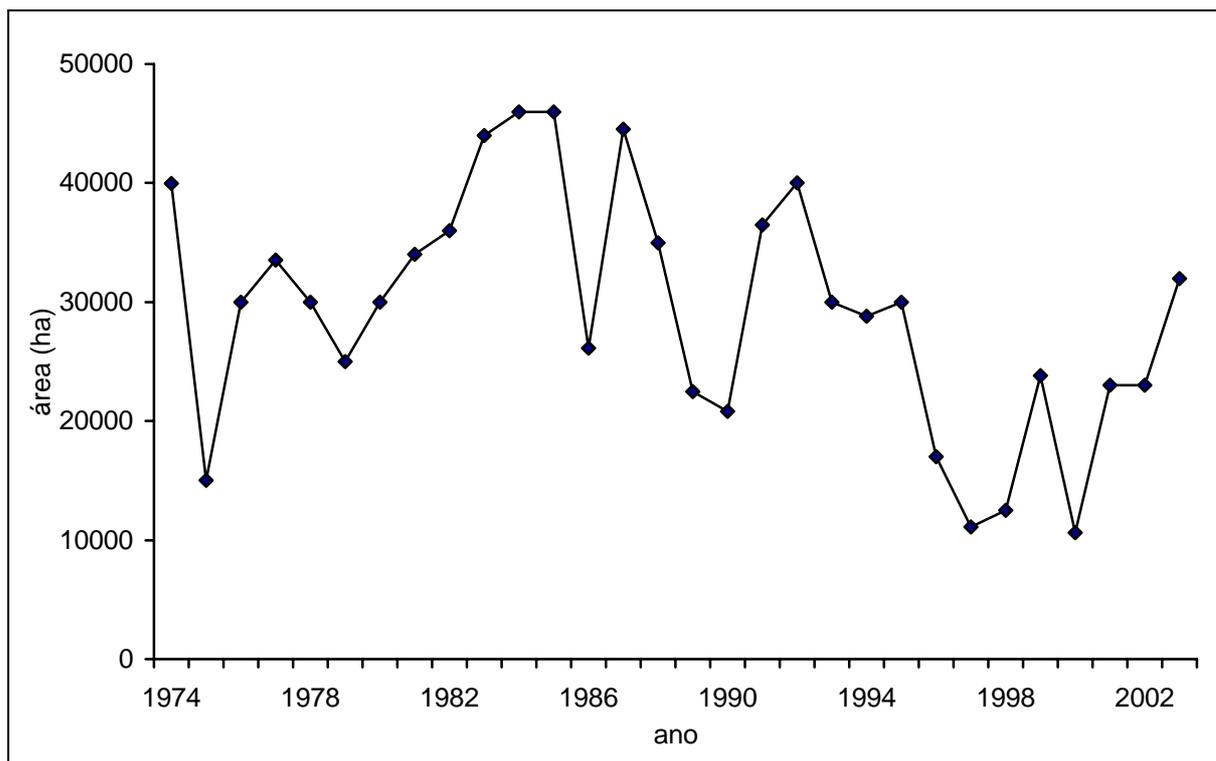
Assim, na cultura de milho, a utilização de colheitadeiras e defensivos limitou a utilização de mão-de-obra a algumas etapas do processo produtivo. Dentre essas etapas estão a “cata” de milho no pós-colheita. Até mesmo no processo de capina, a utilização de pulverizadeiras e agrotóxicos substituíram os bóias-frias.

As pequenas propriedades que não dispunham de tratores e pulverizadores ainda tinham a opção de contratar agricultores que prestavam serviços com trator e outros

equipamentos, numa espécie de aluguel. Assim, limitava-se mais ainda a necessidade de bóias-frias.

O Gráfico 06 apresenta as alterações nas áreas ocupadas por milho no município de Toledo, a partir de 1974 até 2003.

Gráfico 06. Evolução das áreas cultivadas com milho no município de Toledo entre 1974 e 2003.



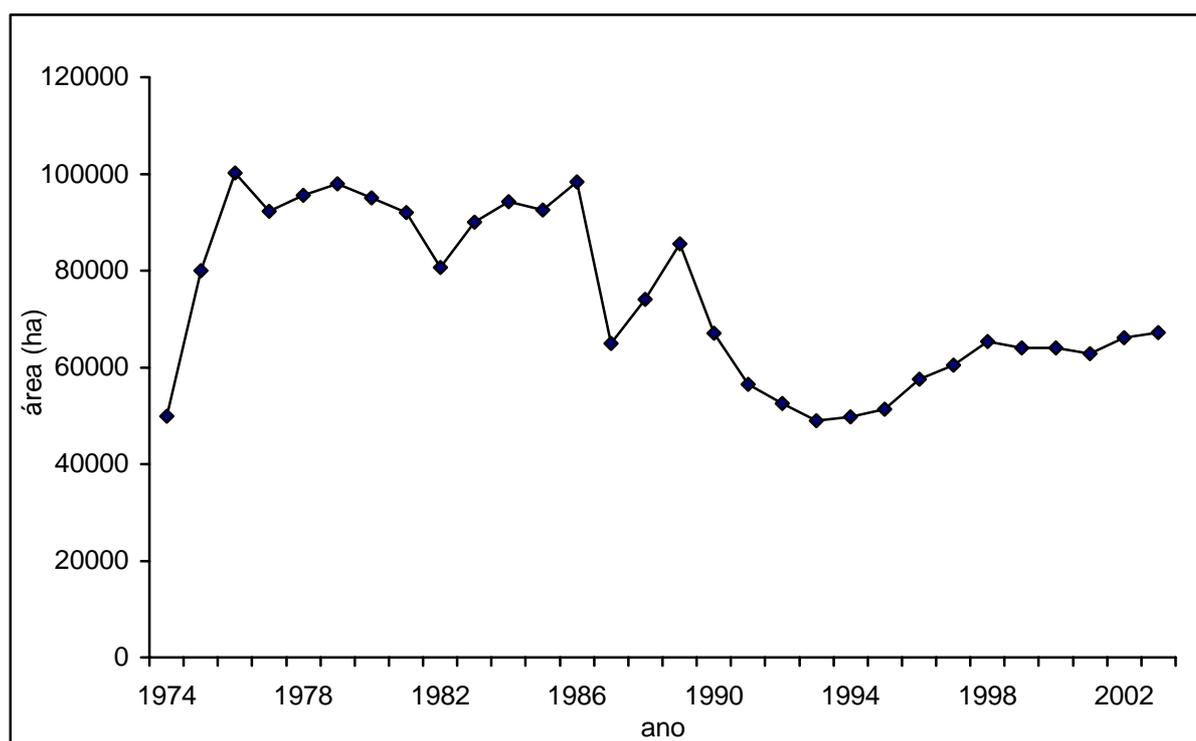
Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná- acesso: 21/10/2005

Todo o processo de constantes pesquisas da indústria visava desenvolver equipamentos que facilitassem e tornassem mais eficientes os processos produtivos das culturas produzidas no Brasil. De acordo com a evolução dessa indústria, acompanhava-se a redução na utilização dos bóias-frias, ou seja, a modernização reduzia gradativamente a necessidade de atividades manuais e, conseqüentemente, de bóias-frias.

As principais culturas beneficiadas com esses avanços tecnológicos eram o trigo, a soja e o milho. Cabe aqui lembrar o fato de que os incentivos governamentais foram destinados a essas culturas mais intensamente, pelo fato de esses produtos serem voltados ao mercado externo, principalmente.

Como soja e trigo tornaram-se culturas extremamente poupadoras de mão-de-obra, haja vista o crescente desenvolvimento e utilização de máquinas e equipamentos em mais etapas do processo produtivo, disso decorreu que o cultivo desses produtos, junto com o cultivo do milho, tornaram-se as principais atividades desenvolvidas na região. Gráficos 07 e 08.

Gráfico 07. Evolução das áreas cultivadas com soja no município de Toledo entre 1974 e 2003.



Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná- acesso: 21/10/2005

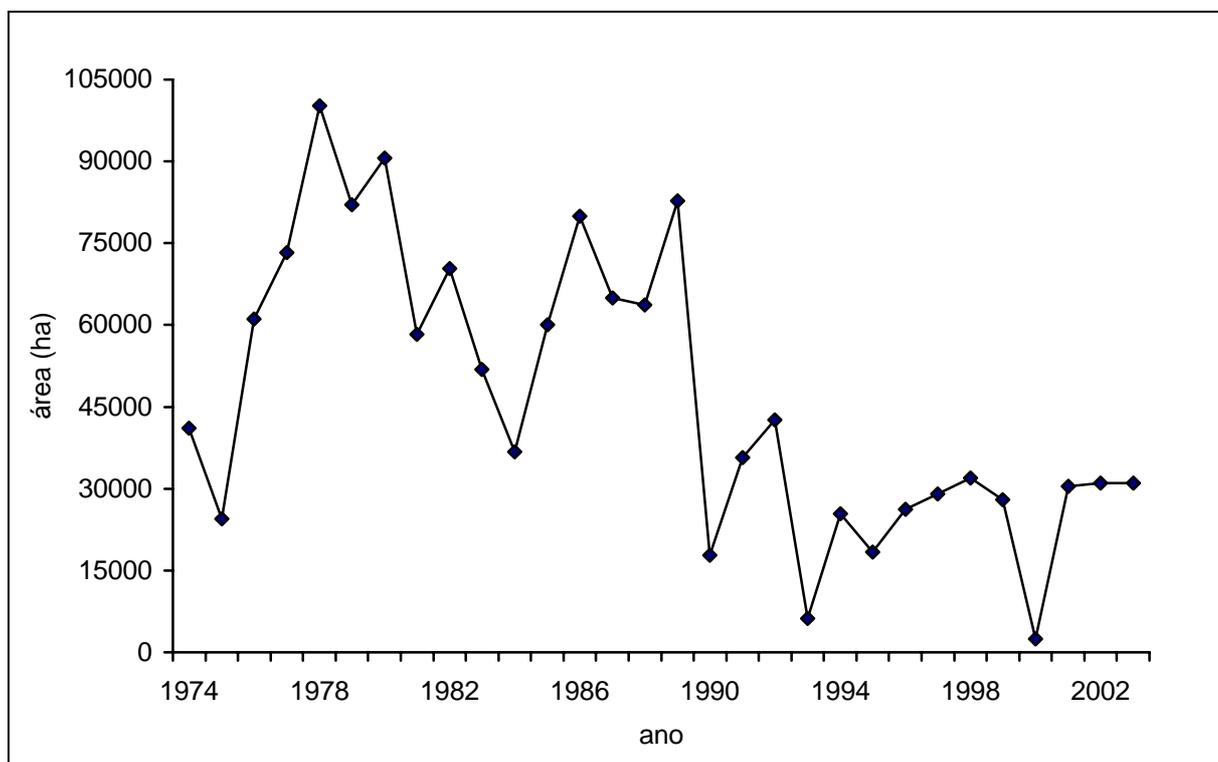
Conforme o Gráfico 07, acima representado, percebemos uma certa regularidade nas áreas cultivadas com soja, apresentando um aumento substancial nas áreas cultivadas entre 1974 e 1989. A partir daí, houve uma pequena redução, seguida por uma estabilização e leve crescimento posterior das áreas ocupadas por soja.

Isso pode ser a representação da substituição de culturas com tratamentos culturais manuais pelas culturas mais mecanizadas em seu processo produtivo, motivando a escassez de demanda por trabalhadores bóias-frias. Apesar de uma redução nas áreas destinadas ao cultivo da soja e do trigo, essas se mantêm como atividades de grande destaque.

Essa redução apresenta-se em virtude de novas atividades apresentarem maiores ocupações, como gado, suínos e peixes. Essas atividades não utilizam diretamente grandes áreas em si, mas representam o abandono de áreas destinadas a essas culturas e ocupadas

com outras atividades que não necessitassem tanto acompanhamento como as culturas normais.

Gráfico 8. Evolução das áreas cultivadas com trigo no município de Toledo entre 1974 e 2003



Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná- acesso: 21/10/2005

As quantidades demandadas por bóias-frias sofreram grandes influências pelas alterações nas culturas produzidas no município, conforme podemos perceber pela análise dos gráficos acima expostos.

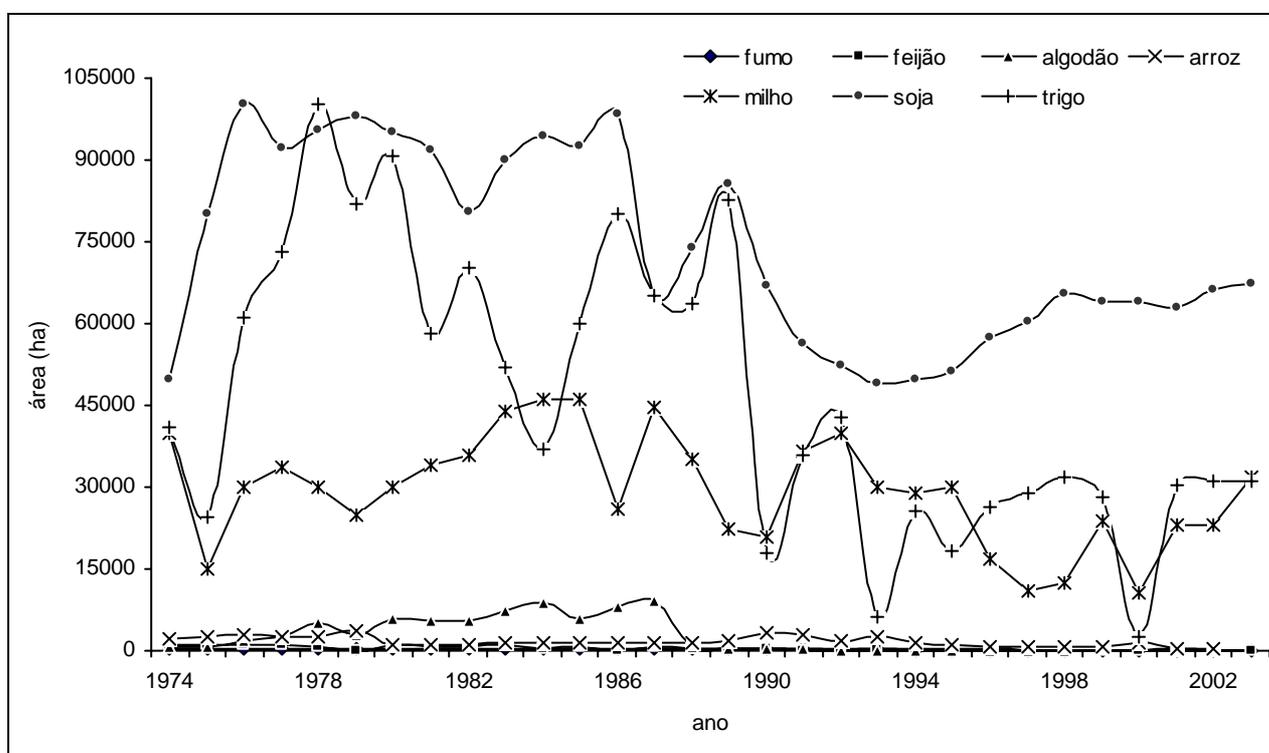
A falta de ocupação para esses bóias-frias teve como alguns causadores o cultivo altamente tecnificado de alguns produtos e o desenvolvimento de novas atividades como pecuária, avicultura e suinocultura. Esses fatores apresentam-se como um dos principais motivos propulsores que fizeram com que os bóias-frias buscassem outras fontes de renda. Sendo assim, possibilitou-se a grande redução no número de bóias-frias existentes.

Essas alterações nas áreas cultivadas com soja, milho, trigo, algodão, fumo, arroz e feijão, no município de Toledo, apresenta-se de forma comparativa no gráfico 9. esse comparativo nos permite perceber a grande diferença entre as áreas cultivadas com produtos

que se utilizam de máquinas e tecnologias em mais etapas do processo produtivo, e as áreas ocupadas com produtos com cultivo de forma mais manual.

Alguns dos produtos, como o fumo e o feijão, por exemplo, apresentam áreas bem reduzidas em relação às demais, ficando quase que imperceptível no gráfico. O algodão e o arroz apresentam-se ligeiramente perceptíveis, porém confirmam a grande diferença entre as grandes áreas ocupadas por soja, milho e trigo. Essas três culturas ocupam extensas áreas agrícolas do município, mesmo apresentando variações em suas extensões de terra.

Gráfico 9: Comparativo entre as variações nas áreas cultivadas com soja, trigo, milho, fumo, algodão, feijão, arroz entre 1974 e 2004.



Fonte: Sistema Estadual de Informações - Bpub - Base Pública Governo do Estado do Paraná- acesso: 21/10/2005

Percebe-se que culturas que utilizam maiores quantidades de máquinas e equipamentos ocupam a grande parte da área agrícola cultivada no município, não sendo necessário a contratação de trabalhadores extras. Ou seja, a necessidade de trabalho braçal fica reduzida a culturas de tratos mais manuais e que ocupam as menores áreas.

No início do período em destaque a utilização de trabalhadores temporários estendia-se a praticamente todas as culturas pela reduzida quantidade de equipamentos específicos para cada produto, ou pela menor intensidade em sua utilização. Com o aumento

da variedade de equipamentos e máquinas agrícolas existentes e a difusão de sua utilização, ocorre uma gradual redução na necessidade de trabalhadores bóias-frias, independente das variações ocorridas nas extensões de áreas ocupadas com esses produtos, soja, trigo e milho.

A utilização de bóias-frias em culturas como algodão, feijão, arroz e fumo, não teve grandes alterações, porém as áreas ocupadas com essas culturas continuaram a ser muito pequenas, não sendo possível ocupar todo o excedente de bóias-frias não mais utilizados pelas culturas da soja, milho e trigo.

Dessa forma, as grandes áreas cultivadas por trigo, soja e milho aliadas ao aumento nas tecnologias, máquinas e equipamentos para seus tratos culturais representa uma redução na oferta de trabalho para os bóias-frias. Esses fatos podem ser considerados os principais causadores do processo de extinção do grupo ocupacional dos bóias-frias.

## **6. EXPECTATIVAS E TENDÊNCIAS PARA OS BÓIAS-FRIAS DE TOLEDO - PR**

Os bóias-frias são trabalhadores que tendem a concentrar-se em regiões com uma agricultura mais desenvolvida. D'Incao (1984), ao fazer tal constatação, baseou-se no fato de que a demanda por trabalhadores é mais intensa nessas áreas. Isso se deve ao fato de que a agricultura desenvolvida utiliza mais maquinários, dessa forma há a necessidade de complementação de algumas atividades de forma manual. Devido à intensidade na oferta de trabalho, faz-se uso de bóias-frias.

Essas regiões com agricultura modernizada, dispõem, contudo, de maiores técnicas mecânicas e de insumos, o que pode significar a redução da necessidade de trabalhadores braçais pela grande utilização de máquinas e equipamentos no processo produtivo.

A agricultura toledana é considerada extremamente desenvolvida e com características geográficas que permitem um grande índice de mecanização. Mesmo as pequenas propriedades dispõem de máquinas e equipamentos para o desenvolvimento de suas atividades. Dessa forma, a afirmação de D'Incao (1984) aplica-se ao município de Toledo apenas em um período anterior à modernização agrícola, ou no início desse processo. Nessas etapas, o crescimento da atividade agrícola gerava um atrativo aos trabalhadores bóias-frias. Entretanto, com a crescente implantação de máquinas e equipamentos no processo produtivo, essa atratividade sofreu uma grande redução.

Assim sendo, buscamos analisar a relação entre os bóias-frias e a modernização da agricultura do município de Toledo. Podemos constatar que há uma relação inversa entre ambos, ou seja, o número de bóias-frias vem sendo gradativamente reduzido conforme a modernização avança sobre a agricultura.

Essa redução ocorre porque a utilização de máquinas e equipamentos, ou a utilização de insumos, permite uma maior praticidade para os agricultores na execução dos tratamentos culturais, praticidade esta que não ocorre quando se faz necessária a utilização de bóias-frias.

A existência dessa relação entre modernização agrícola e diminuição da utilização de bóias-frias traz, ainda, outro fator relacionado. Essa nova relação é a alteração das culturas produzidas. A praticidade gerada pela utilização de novas tecnologias para os tratamentos

culturais serviu como motivador aos agricultores para deixar de produzir culturas que necessitassem de muitas atividades manuais, e passar a investir na produção de culturas mecanizáveis.

A esse fato atrelam-se os incentivos governamentais. Esses incentivos visavam aumentar as áreas cultivadas com produtos destinados ao mercado externo. Essas culturas eram as propícias à mecanização.

Diante disso, os trabalhadores bóias-frias deixavam de ser tão necessários aos agricultores. Podemos concluir que apenas no processo inicial de modernização da agricultura os bóias-frias tiveram grande importância aos agricultores, pois nesse período ainda havia grandes quantidades de lavouras ocupadas por produtos altamente demandadores de mão-de-obra em seus tratos culturais, como o algodão, o fumo, e o feijão, entre outros. Mesmo as culturas como o milho, a soja e o trigo, necessitavam de bóias-frias para realizarem, principalmente, capinas. Esse período refere-se à pouca existência de tecnologias ou de insumos para quase todos os tratos culturais necessários.

Com o desenvolvimento da indústria, fabricaram-se equipamentos e máquinas que atendessem a quase todas as necessidades das culturas. O desenvolvimento da indústria química permitiu que se utilizassem agrotóxicos para combate a ervas-daninhas, ou seja, a necessidade de bóias-frias para capinas também tenderia a se extinguir. Quanto às culturas que ainda necessitavam de muitos trabalhadores, pela inexistência de tecnologia ou devido aos altos custos para obtenção dos mesmos, estas foram pouco a pouco perdendo espaço para os produtos que se destinavam ao mercado externo.

Essa substituição não ocorreu apenas pelos altos preços das tecnologias destinadas a essas culturas, mas, sim, pela falta de praticidade com a utilização de bóias-frias, pelo fato de as atividades serem muito suscetíveis às intempéries climáticas e pela grande necessidade de tratos culturais durante o processo produtivo.

Esse processo ocorreu de forma gradual, pois a modernização da agricultura brasileira ocorreu de maneira extremamente desigual entre as regiões, além de parcial. Atingia apenas algumas fases do processo produtivo de alguns produtos, como, por exemplo, a cana-de-açúcar, que teve implantadas novas tecnologias na fase de preparo do solo e tratos culturais, mas na fase de colheita necessita de enormes quantidades de trabalhadores (GRAZIANO DA SILVA, 1997).

A modernização agrícola gerou excedentes de trabalhadores rurais, pois houve uma redução na necessidade de trabalhadores fixos, ou mesmo temporários. Até mesmo alguns

agricultores não necessitavam mais realizar tarefas diárias em suas propriedades. Essa ociosidade fez com que muitos agricultores resolvessem migrar para as cidades. Já no caso dos trabalhadores estes precisaram migrar em busca de ocupação.

No Estado do Paraná, bem como na região de Toledo, esse fato é comprovado através da análise dos índices populacionais rurais e urbanos, entre os anos de 1970 e 2000 (Tabela 3)

Tabela 3 Total das populações rurais e urbanas do Paraná, região oeste e Toledo, entre 1970 e 2000

	Paraná		Região Oeste		Toledo	
	1970	2000	1970	2000	1970	2000
Urbana	2.504.378	7.782.005	149.516	928.362	14.986	85.911
Rural	4.425.490	1.776.121	602.916	209.174	53.899	12.278
Total	6.929.898	9.558.126	752.432	1.137.536	68.885	98.189

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1990; Censo Demográfico IBGE 2000

Percebemos a relação entre o crescimento da população e as etapas econômicas vivenciadas. Nas décadas de 1960 e 1970 houve uma expansão das fronteiras agrícolas e a agricultura mantinha-se baseada na pequena propriedade de base familiar. A partir da década de 1980, o constante desenvolvimento da indústria e o avanço na utilização de máquinas agrícolas passam a alterar essa relação de trabalho agrícola.

As alterações nas relações de trabalho e a sua ligação com os ciclos de avanço tecnológico são claramente percebidas. O constante desenvolvimento do processo de implantação de novas tecnologias no setor agrícola contribui para a tendência de completa substituição de trabalhadores bóias-frias por maquinários operados por funcionários permanentes mais especializados.

Segundo Broietti (2000), a redução do número de bóias-frias de forma intensa é uma tendência extremamente forte em virtude dos crescentes incentivos, como políticas e créditos agrícolas destinados ao setor agrícola.

Diante de tal fator, esses trabalhadores recorrem a outros métodos de sobrevivência. Entretanto, em grande parte esses trabalhadores possuem baixa formação escolar, ou seja, 86% apresentaram escolaridade entre 1ª e 4ª séries e 7% apresentam escolaridade entre 5ª e

8ª séries (incompleto). Este se torna um dos principais motivos para as dificuldades de colocação no mercado de trabalho. Buscam, assim, ocupar-se em atividades que não requerem muito estudo ou formação técnica.

A grande maioria desses bóias-frias, 86%, como anteriormente colocamos, tem formação escolar primária incompleta, sendo um dos principais motivos para as dificuldades de colocação no mercado de trabalho. Com falta de empregos na zona urbana, esses trabalhadores buscaram a atividade volante como opção.

De acordo com dona Sandra:

*“ É o que a gente sabe fazer, trabalhar na roça, sempre fez só isso, desde criança, daí é difícil conseguir aprender outra coisa. Nem sei se quero fazer outra coisa.”*

Ainda, de acordo com todos os bóias-frias questionados, as principais dificuldades para se conseguir uma ocupação nas atividades urbanas era dificultada pela falta de qualificação ou falta de estudo ou, em alguns casos, a idade mais avançada.

Dona Ivete afirmava que buscou a ocupação como diarista, tendo muitas dificuldades de encontrar trabalho:

*“Em algumas casas queriam que eu anotasse todos os recados, mas eu estudei pouco e mal apenas sabia escrever o básico, daí não deu certo. E depois eu tinha filho pequeno, daí já viu, os patrões tem um medo, não sei de que, pra chamar a gente pra trabalhar.”*

A grande maioria desses trabalhadores volantes (74%) tem origem na zona rural como trabalhadores fixos, parceiros ou arrendatários. Diante da redução contínua e gradual no número de empregos fixos, viram-se obrigados a alterarem a sua forma de trabalho. Deslocaram-se para a cidade em busca de melhores condições de sobrevivência.

Dentre os questionados, 20% têm origem urbana, porém os pais eram oriundos das áreas rurais, desempenhando as mais variadas atividades. Apenas 6% têm origem urbana sem vínculos rurais, entretanto vislumbravam no trabalho bóia-fria a possibilidade de obter renda extra, principalmente nos fins de semana.

A expulsão do homem do campo é, todavia, o principal, mas não o único, motivo para o êxodo rural. Alguns trabalhadores migraram para as cidades em busca de “facilidades e comodismo”, ou seja, dentre os bóias-frias que provinham de zonas rurais apenas seis trabalhadores disseram que essa migração deu-se em função de acreditarem ser mais fácil obter emprego. Outro fator é a possibilidade de escola para as crianças e acesso a atendimento médico.

Esses seriam os principais motivos que levaram esses bóias-frias a migrarem para as cidades. Além disso havia a possibilidade de desempenhar atividades menos cansativas e árduas, se comparadas aos serviços que executavam na agricultura.

A praticidade e o comodismo, a facilidade de recursos e de acesso a escolas, entre outros, foi uma espécie de atrativo a essas famílias, famílias estas que, sem o correto preparo e capacitação, migraram para as cidades, lançando-se a um mercado de trabalho que exigia qualificação. Em alguns casos, acabaram residindo em periferias e ocupando-se em subempregos.

Em outros casos, os agricultores conseguiram empregar-se em funções simples, tendo uma moradia razoável, entretanto não cabe aqui analisá-los, pois o presente estudo baseia-se apenas nos trabalhadores bóias-frias.

No Paraná, o crescimento na utilização da mão-de-obra volante deu-se com o cultivo de cana-de-açúcar, algodão e café, principalmente, pois essas culturas representam as maiores demandadoras de mão-de-obra volante. Estes trabalhadores eram contratados de forma temporária para os períodos de colheita. Em algumas poucas exceções, eram recrutados para períodos em que se necessitasse de capinas ou roçadas. No município de Toledo, as atividades de maior destaque eram algodão, fumo e feijão.

Dentre a amostra questionada, 52%, ou seja, 26 trabalhadores, de certa forma, acreditam serem beneficiados com essa forma de trabalho. Afirmavam isso mesmo achando que, de forma geral, era uma atividade insegura e cansativa. Para os bóias-frias, trabalhar como bóia-fria é vantajoso, pois é um dinheiro rápido e sem descontos. No trabalho fixo seria necessário aguardar 30 dias para ter o salário. Na atividade volante essa remuneração é diária.

Esse fato pode, em parte, contradizer D´incao (1984). De acordo com a autora, esses trabalhadores seriam vítimas da sociedade capitalista acumuladora, sociedade essa que explora de todas as maneiras possíveis esses trabalhadores sem trabalho, fixo, que se submeteriam a qualquer forma de sustento.

Essa contradição ocorre, pois os bóias-frias questionados não se sentem vítimas da sociedade. Acreditam que essa condição é uma conseqüência de todas as mudanças ocorridas. E essas mudanças culturais e tecnológicas trazem benefícios para a sociedade. Dessa forma os próprios bóias-frias poderiam ser beneficiados.

Todos os bóias-frias concordam, contudo, que essa era uma forma de trabalho que se apresentava vantajosa apenas na rapidez do pagamento. Sem isso, era uma forma de trabalho insegura e cansativa, que exigia muito, tanto física quanto emocionalmente. Essas exigências devem-se à força necessária para as roçadas, colheitas e capinas realizadas em dias de altas temperaturas, sob fiscalização constante, sem a possibilidade de uma correta alimentação.

Quanto ao esforço emocional, cita-se a pressão do “gato” sobre os trabalhadores, mas principalmente a humilhação de ser transportado em carroceria de caminhonetes e caminhões.

Para dona Judite, a humilhação parecia maior:

*“[...] quando o caminhão passava, às vezes a gente ouvia pessoas na rua gritando olha o caminhão cheio de vaca e de boi, tudo indo para o abate, as mulheres ficavam envergonhadas, era muito triste.”*

Identificamos que, para todos os agricultores questionados, a utilização de bóias-frias apresentava-se como sendo mais prático e fácil, pois, inicialmente, não havia o compromisso com vínculos empregatícios, custos elevados com transportes, entre outros.

Para o agricultor, a utilização de uma mão-de-obra barata, por ser abundante, tornava mais rápidas as atividades de sua propriedade, realizadas nos menores períodos possíveis, pela quantidade de trabalhadores designados à função. A necessidade de agilidade se dá principalmente na colheita, que deve ser feita de maneira rápida para evitar perdas com intempéries climáticas.

Mesmo que todos os agricultores concordassem com os benefícios da utilização de bóias-frias, da mesma forma 93,33% concordam que a utilização dos mesmos era uma “dor de cabeça” necessária. Apenas um agricultor disse que nunca teve nenhuma forma de problema com esses trabalhadores, como trabalhadores que não desempenhavam as suas funções corretamente, que causavam problemas com outros bóias-frias ou com questões legais de direitos trabalhistas.

Assim, a redução no número de bóias-frias significou, também, uma redução no “incômodo” com trabalhadores que “matam serviço” ou não realizam a capina de forma satisfatória, ou seja, apenas “amassam o mato”. Segundo os agricultores, muitos desses volantes realizam um trabalho bem feito, mas alguns não trabalham de acordo com o que deveria ser feito, e isso acarretaria essa “dor de cabeça”.

Esse fato gera uma outra forma de exclusão desses trabalhadores, pois o “gato” acabava por selecionar os trabalhadores nos “pontos” de acordo com o desempenho dos mesmos na execução de tarefas. Assim formava, muitas vezes, uma espécie de equipe fixa, que era contratada, quase sempre, pelo mesmo “gato”.

Dessa forma, quando questionamos os bóias-frias quanto às principais vantagens e às principais desvantagens de se trabalhar dessa forma temporária, foi citado, de forma unânime, como maior vantagem nessa atividade, o recebimento de seus honorários de forma diária. Esse fato contribuía para a formação de bóias-frias ocasionais, ou seja, muitos trabalhadores desempenhavam a atividade bóia-fria de forma esporádica, apenas quando necessitavam de dinheiro rápido.

Outro ponto destacado foi a variedade de serviços existentes e a possibilidade de aprender qualquer função, o que lhes possibilitaria a melhoria na facilidade de encontrar uma ocupação fixa pela ampla experiência acumulada. Todavia essa experiência não era contabilizada, pois não havia uma forma de comprová-la, pela falta de registros.

A referência aos agricultores que eram extremamente exigentes quanto à qualidade do serviço prestado ou à integração com colegas de trabalho apresenta-se como outra vantagem para os bóias-frias, caso viessem a trabalhar com um patrão muito exigente ou que os remunerasse de forma inadequada, ou ainda quando houvesse um desentendimento com algum colega de trabalho. Dessa forma, não haveria a obrigação ou necessidade de retornar à mesma propriedade no dia seguinte.

Identificamos, entre todos os bóias-frias questionados, que uma das principais dificuldades inerentes à atividade temporária é a falta de garantia de ocupação e de recebimento de renda, pois a sua renda está condicionada à execução de algum tipo de trabalho. Assim não poderiam assumir compromissos financeiros de nenhuma espécie, pela falta da garantia de como quitá-los.

Outro fator que tem destaque entre as opiniões de todos os bóias-frias questionados sobre as desvantagens da profissão está no fato de que, nessa forma de trabalho informal, não há a garantia dos direitos trabalhistas, como seguro desemprego e fundo de garantia,

entre outros. Esses são alguns dos fatores que identificam e justificam um dos principais desejos desses trabalhadores, que é o de ter um emprego fixo.

Para dona Francisca:

*“Era melhor se a gente pudesse aposentar depois de tanto tempo de trabalho, mas sem assinar a carteira é muito difícil. Depois, assim desse jeito, quando o patrão não quisesse, ele não pegava ninguém pra trabalhar e a gente ficava sem trabalho e sem dinheiro.”*

Para 78% dos bóias-frias, ou seja, para 39 trabalhadores, mesmo recebendo remunerações inferiores às obtidas com o trabalho bóia-fria, ainda assim iriam preferir a garantia de um trabalho fixo com salários regulares.

Um trabalho fixo, além da garantia do salário, permitiria ainda a redução das funções e dos trabalhos árduos, ou seja, desempenhando atividades agrícolas como bóias-frias. Estes eram relegados à execução das atividades mais penosas. Caso obtivessem um trabalho estável, essas dificuldades seriam reduzidas ou repassadas a outros bóias-frias.

Em Toledo não há uma distinção quanto à localização da residência ou condições de trabalho dessas pessoas (fixos ou temporários), pois, segundo Luis Schaefer, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Toledo, para o sindicato todas as pessoas que desempenham alguma atividade na zona rural são consideradas trabalhadores rurais, sendo possíveis de filiação ao mesmo sindicato. Assim, os trabalhadores bóias-frias da cidade de Toledo são de difícil contagem, ou seja, não se tem um registro exato de quantos trabalhadores desempenham ou desempenhavam essa atividade.

A observação e as conversas informais que realizamos com bóias-frias foram de extrema importância, pois muitos deles gostam de contar as suas experiências de vida e se mostram dispostos a ajudar. Dessa forma os conhecimentos obtidos baseiam-se na realidade observada e vivida.

Quando propomos as hipóteses de que a redução do número de bóias-frias seria uma consequência da modernização da agricultura e da alteração das culturas produzidas, buscamos essa confirmação pela opinião de bóias-frias e de agricultores.

Dentre os agricultores questionados, 7 apontaram essa mecanização, aliada às vantagens financeiras da alteração das culturas produzidas, como sendo os principais fatores causadores dessa tendência à extinção dos bóias-frias. Todavia, 3 agricultores apontaram as

cobranças com Leis Trabalhistas como fatores de incentivo maior para as alterações nas culturas produzidas e o aumento da utilização de máquinas e equipamentos. Já 5 agricultores afirmam que a união desses dois fatores é responsável pelas alterações nas demandas por bóias-frias.

Em relação às Leis Trabalhistas, destaca-se que, de acordo com a Convenção Coletiva de Trabalho 2004/2005, do Sindicato, pg. 03, cláusula 14ª, os empregadores deverão fornecer aos empregados, mesmo que temporários, um local com estrutura própria para que os empregados realizem as suas refeições, inclusive com acesso a banheiros.

Essa exigência é citada por 2 bóias-frias, ou seja, a redução dos bóias-frias se deve às dificuldades para a contratação dos mesmos pelas exigências quanto às Leis Trabalhistas bem como as cobranças por parte dos sindicatos. Para todos os agricultores questionados, a necessidade de adaptarem-se às cláusulas da Convenção do Trabalho, isto aliado a outros fatores, causou um certo medo de utilizar bóias-frias e acabavam por aumentarem ainda mais os seus gastos.

Um exemplo é a regulamentação da forma de transporte utilizada para levar os trabalhadores até seu local de trabalho, que deve ser feita em veículos próprios para essa finalidade, como ônibus, e não mais poderia ser efetuado em carrocerias de caminhões, como costumeiramente acontecia.

As exigências impostas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Toledo, quanto ao transporte, era que não poderia ser realizada por caminhões ou qualquer outra maneira que não oferecesse segurança aos trabalhadores.

A Convenção Coletiva de Trabalho 2004/2005, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Toledo, pg. 03, cláusula 18, diz:

CLÁUSULA DÉCIMA OITAVA – DO TRANSPORTE DE EMPREGADOS

*“O empregador deverá assegurar que o transporte dos empregados seja feito em condições de segurança em veículos apropriados de conformidade com a legislação vigente e que as ferramentas de trabalho estejam devidamente acondicionadas e amarradas em local que não ofereça perigo ao trabalhador transportado.”*

Esse fator apresenta-se como causa para a redução na procura por bóias-frias, pois, quando questionamos sobre os reais motivos para a redução da utilização dos bóias-frias, Dona Ana é bem enfática:

*“O povo fala que foi por causa de trator colhedeira, plantadeira, veneno, mas eu acho que só se começou a usar mais máquina por que muita gente (trabalhadores), começou a reclama que não ia mais andar na carroceria de caminhão, e isso assustou os agricultores.”*

Dona Maria ainda continua relatando alguns acontecimentos como:

*“E quando acontecia de alguém se machucar, um acidente, o agricultor acabava se incomodando muito. Tem um agricultor, onde eu trabalhei, que gastou toda a colheita de indenização e multa por que a caminhoneta tombou e um bóia-fria quebrou a perna ou outros se machucaram um pouco, mas isso já chegou. Ele nunca mais plantou algodão, e olha que fazia tempo que ele plantava algodão, parece que foi a gota d’água pra ele.”*

O auge da utilização de bóias-frias foi nas décadas de 1970 a 1980. A partir daí, o cenário dos bóias-frias vem mudando. A demanda por sua mão-de-obra vem sendo reduzida drasticamente, entretanto, até o presente momento, não chegou ao limite de sua completa extinção.

Essa redução faz com que alguns ex-bóias-frias se mostrem com saudade dos tempos de empregos fartos. Dentre os questionados 72% afirmam que, mesmo diante do sofrimento e das dificuldades da vida de bóia-fria, quando havia grande oferta de trabalho significava que haveria uma boa renda. Já para 28% nem mesmo o dinheiro que conseguiam com seu trabalho compensava o esforço.

Nas conversas que realizamos com trabalhadores bóias-frias, esses descreveram, sob seu ponto de vista, como foi o processo de redução da utilização da mão-de-obra volante. Dentre os fatores citados, destacam-se as alterações nas culturas produzidas, ou seja, conforme anteriormente hipotetizamos, as trocas ocorridas nas culturas produzidas reduziram a necessidade de bóias-frias. Essas trocas deram-se principalmente em virtude das dificuldades de todo o processo produtivo de algodão, fumo e feijão.

Conforme apresentamos anteriormente, essas culturas requerem muitos tratamentos culturais e são muito propícias a perdas por motivos climáticos. Assim, as alterações nos produtos cultivados apresentam-se como fatores que contribuíram para a redução do número de bóias-frias existentes.

Seu Francisco relata como essa redução dos bóias-frias foi ocorrendo:

*“Pouco a pouco os gatos foram desaparecendo, e os poucos que ainda recrutavam bóias-frias, procuravam por equipes pequenas, para realizar atividades como pequenas roçadas e cata de milho. Quase nunca era para catar algodão. Isso dá muito trabalho e depois que depende muito do tempo.”*

Já conforme Seu Isidoro, um dos bóias-frias que questionamos, muito agricultor perdeu a lavoura de algodão em ponto de colheita por causa do excesso de chuva na hora da colheita:

*“Isso deixa qualquer um desanimado, assim é claro que ninguém quer plantar nada tão arriscado.”*

Objetivamos analisar a tendência ao desaparecimento desse grupo ocupacional dos bóias-frias. Assim, pudemos identificar que, mesmo que 6% dos questionados ainda trabalhem como bóias-frias esporadicamente, apenas 4% dizem que essa forma de trabalho não se acabou, mesmo com toda tecnologia existente na agricultura. Ainda de acordo com eles, nem vai se acabar, pois sempre existirá a necessidade de utilização de grandes levadas de trabalhadores sem o compromisso de uma contratação formal.

Registrou-se, contudo, que 96% afirmaram que a tendência à extinção é quase que uma certeza, pois os trabalhadores precisam sobreviver e não poderiam ficar esperando surgir algum serviço na agricultura para obterem renda.

Ou seja, para dona Maria:

*“Se a gente fica esperando pra ter o que fazer então morre de fome, tem que se virar, nada cai do céu a não ser chuva, se eu to trabalhando em alguma coisa aqui na cidade eu não largo pra ser bóia-fria de novo, não.”*

Diante desse fato, dona Maria faz previsão de que:

*“Essa profissão vai acabar por falta de gente pra trabalhar, e depois sempre aparece alguma coisa (máquinas, equipamentos ou insumos) pra dá conta do serviço mesmo.”*

Segundo o equivalente a 86% da amostragem de agricultores questionados, os bóias-frias tendem a desaparecer. As atividades que necessitam de grandes levadas de trabalhadores temporários serão cada vez menores e esses trabalhadores terão que procurar outras fontes de renda. Isso seria uma consequência inevitável do processo de modernização constante da agricultura.

Apenas dois agricultores acreditam na manutenção de trabalhadores bóias-frias, porém sem as mesmas características do início. As poucas atividades que demandarão mão-de-obra podem ser desempenhadas por um número bem reduzido de trabalhadores fixos.

Assim, essa enorme redução nas atividades em que mais se utilizam bóias-frias, devido a decepções/prejuízos ou à busca por culturas diferenciadas, mudou a forma de contratação de trabalhadores. Da utilização de muitos trabalhadores temporários passou-se para uma ou duas famílias fixas. Essas famílias residiam na propriedade e desempenhavam todas as funções juntamente com a família do próprio agricultor.

Para o agricultor Pedro, que trocou o cultivo do algodão pelas atividades leiteira, suína e piscicultura:

*“[...] trabalhar com lavoura estava se tornando cada vez mais difícil, principalmente pelas alterações no clima, muitas vezes estiagem na época de plantio e chuva no período de colheita. Além disso, as atividades*

*desempenhadas atualmente proporcionam lucros muito superiores, principalmente pela diversificação da propriedade.”*

Sua propriedade conta com o auxílio de uma família de empregados que trabalha junto com os seus filhos. Contou-nos que já utilizou trabalhadores bóias-frias, mas, segundo ele:

*“[...] são pessoas difíceis de se trabalhar, pois alguns têm que ser fiscalizados ‘de perto’ para garantia de um bom serviço, e isso acaba tirando o sossego, incomoda mesmo.”*

A procura de agricultores pelos “gatos” começou gradativamente a ser reduzida. De acordo com os “gatos” que questionamos, a alternativa para o seu sustento foi voltar a sua atividade para fretes, transporte de animais e o serviço de intermediação de negócios, conhecido com “picaretas” ou “roleiros”<sup>17</sup>.

Esses “picaretas” estavam prontos para qualquer tipo de “rolo”, incluindo desde a compra e venda de animais e implementos, até compra e venda de terras. Como esses personagens estavam sempre em contato com diversos agricultores, possuíam informações sobre quem queria comprar e quem queria vender os mais diversos produtos.

A redução na procura por bóias-frias foi percebida também pela geração de um excedente de trabalhadores nos pontos de bóia-fria.

Dona Maria relembra que:

*“[...] quando não conseguia subir no caminhão de manhã, já saía em busca de outra atividade para não perder o dia, tinha umas casas que eu já tinha sido diarista e eu ia lá para ver se não tinha algum serviço.”*

Um dos trabalhadores, Seu Luiz, relembra dos tempos de fartura de serviço. Segundo ele, eram tantos “gatos” na disputa pelo bóia-fria:

---

<sup>17</sup> Picaretas ou roleiros: termos utilizados para designar pessoas que realizam a intermediação de qualquer espécie de negociação, produtos, terras, animais, entre outros. Por estarem sempre em contato com agricultores, tinham conhecimento das necessidades de compra ou venda desses proprietários. Realizavam a negociação e, em troca, recebiam um percentual do valor, ou ainda produtos, como animais, entre outros (definição da autora).

*“Às vezes, eu embarcava em um caminhão que oferecesse maior preço pela diária, era quase um leilão, as vezes nem se sabia direito onde é que se iria trabalhar. Quando um caminhão já estava muito cheio, a gente descia e pulava pra outro pra garantir, por que o agricultor pedia tantos bóias-frias, e era só isso que o gato levava. Se tivesse mais, o gato fazia descer.”*

No Paraná, o número de bóias-frias, segundo o Censo Agropecuário de 1995, ultrapassa as 400 mil pessoas, concentrando-se nas regiões norte e nordeste do Estado, regiões produtoras de café, cana e algodão (IBGE, 2000).

Em Toledo não há a contagem do número exato de bóias-frias. Não existe registro preciso, pois não há distinção quanto à moradia ou condições de trabalho (fixos ou temporários). Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Toledo, Luiz Schaefer, todas as pessoas que desempenham alguma atividades na zona rural são considerados trabalhadores rurais, sendo possíveis de filiação ao mesmo sindicato.

Mueler & Martine (1997) mostram que a categoria dos bóias-frias vem sendo rapidamente reduzida, devido à tecnificação e à mecanização agrícola, que estão em constantes avanços e apresentam-se mais atrativas para os proprietários do que a utilização de bóias-frias.

Essa tendência ao desaparecimento confirma-se nas palavras de Aguirre e Bianchi (1989), ao afirmarem que o processo de transição entre a agricultura tradicional para a agricultura capitalista deve ter uma zona de extinção. Nesse ponto, a relação custo/benefício das tecnologias empregadas apresenta-se mais favorável. Assim, a utilização de mão-de-obra tenderia à extinção.

O governo paranaense criou, em 1995, o Programa Vilas Rurais, segundo o qual as famílias dos bóias-frias receberiam um lote de terra com casa e infra-estrutura mínima. Entretanto, esse lote de terra era pequeno, não sendo suficiente para proporcionar o sustento de uma família, sendo que essa ainda teria de vender sua mão-de-obra de maneira temporária como complemento de renda (FERNANDES & PONTE, 2002).

Mesmo com o desenvolvimento deste programa para auxiliar esses trabalhadores, ainda assim os constantes desenvolvimentos de novos maquinários e insumos agrícolas tornam a utilização de mão-de-obra temporária cada vez mais desnecessária, o que agrava ainda mais a situação desses trabalhadores (PERES, 1982).

Em concordância, Ferrante & Barone (1996) afirmam que a continuação do processo de modernização agrícola contribuiu para tornar essa forma de trabalho quase que inexistente. Podemos confirmar tal fato com as opiniões obtidas junto aos bóias-frias questionados. Segundo 96%, ou seja, 48 trabalhadores, o principal fator causador da falta de demanda pela sua mão-de-obra é a mecanização, que gerou a alteração nos produtos cultivados. Culturas demandadoras de bóias-frias foram substituídas por atividades que pudessem ser quase que totalmente mecanizadas.

Dentre os bóias-frias, 8% acreditam que a evolução do setor de agrotóxicos teve uma enorme importância para o processo de redução de utilização de trabalhadores temporários no setor agrícola, pois o controle das ervas daninhas com a utilização de herbicidas reduziu a necessidade de grandes levadas de pessoas para capinas. Essa era uma das atividades que mais requeria o auxílio dos serviços de bóias-frias.

Seu Isidoro conta que:

*“A grande maioria das lavouras em que eu ia catar algodão virou soja e trigo, ou milho, vaca..., quase ninguém planta mais algodão, com o tempo meio louco, arrisca a perder tudo na chuva demais ou na seca demais, aí essas lavouras (milho, soja e trigo) podem até agüentar um pouco mais.”*

Apenas 2 bóias-frias nos afirmaram que, em primeiro lugar, estão as mudanças nas leis trabalhistas. Essas leis seriam responsáveis por “assustar” os agricultores, ou seja, causar um certo receio de contratar trabalhadores temporários.

Para seu Antonio:

*“Teve muito agricultor que não pegava mais bóia-fria por que se não gastava muito com ônibus e outras vantagens que a gente deveria ter como segurança e lugar para esquentar a comida, isso tirando o medo de acontecer algum acidente e ter que pagar indenização, multa e outras coisas.”*

Assim a modernização, ou seja, o desenvolvimento de máquinas e insumos como adubos e agrotóxicos, nos é apresentada pelos bóias-frias como o principal fator responsável pela redução na demanda pelos seus serviços, porém não o único. Junto a ela, mencionam-se as leis trabalhistas.

Dessa forma, os agricultores questionados afirmaram-nos que não demandam mais mão-de-obra de bóias-frias por mudanças nas atividades produtivas da propriedade para culturas quase que totalmente mecanizadas, ou que necessitem baixas quantidades de mão-de-obra, supridas pela existência de trabalhadores fixos.

Seu Luiz conta que:

*“Eu sempre carpia soja, catava algodão, carpia algodão, só que agora não tem mais nada pra carpir, os venenos fazem o serviço, acabaram com tudo até nosso serviço... tem veneno para tudo, menos pra acabar com a nossa situação de necessidade.”*

Muitas vezes a associação da modernização agrícola com o êxodo rural como origem de alguns bóias-frias não é feita pelos mesmos, que, em geral, são aqueles que se originam de alguma forma de trabalho fixo.

Seu Tião cita que:

*“Às vezes os olhos dos agricultores cresciam e eles compravam o que não podiam pagar, antigamente tinha muito agricultor que teve que vender as terras e trabalhar de peão por que não conseguia pagar o banco, quis tirar nosso serviço e acabou tendo que trabalha junto com nós”*

Entretanto, o fator de modernização da agricultura é colocado em evidência quando se fala do porquê da alteração das culturas que necessitavam de bóias-frias para aquelas poupadoras de mão-de-obra, e como consequência reduzindo a oferta de trabalho. Isso é aliado ao fato de existirem cada vez mais equipamentos adequados às condições de relevo e às culturas da região.

Seu Antonio relata que:

*“O que eu mais fazia era mexer com algodão, e feijão, mas quando começou a acabar e a virar outras coisas eu passei a carpir soja, catar milho, carpir milho, essas coisas, depois quase todo mundo tinha um trator pra passar veneno ou pagava pra passar, era mais fácil pro agricultor, mas, e nos como ficamos?”*

O saudosismo se faz presente constantemente nas palavras dos bóias-frias, trata-se de uma saudade de algo que não gostariam de viver novamente, como as palavras de “Seu Zé”:

*“Tinha lavoura que parecia as nuvens, branquinha, branquinha de tanto algodão pra colher, tinha trabalho que quase a gente não dava conta, chegava cedinho e saia quase escurecendo, no outro dia parecia que tava tudo lá de novo pra gente colhe, daí foi começando ter cada vez menos, foi acabando.”*

“Seu Zé”, ainda continua:

*“A gente escutava que não dava mais lucro por isso tava virando tudo soja, trigo, gado, essas coisas, e ta acabando, junto com nós, é bóia-fria nunca mais, só que tá difícil de viver, eu queria mesmo é trabalha num emprego fixo com segurança (carteira assinada).”*

Percebemos no próprio discurso do trabalhador a “consciência” de sua tendência à extinção, que, segundo ele, se deve principalmente à troca de culturas, facilitada pela mecanização no processo produtivo.

Seu Antonio, um dos mais faladores, conta que:

*“qualquer agricultor que chegasse no banco pra financiar um trator ou uma plantadeira conseguia rapidinho, mas tinha lavoura que não adiantava ter*

*trator, não tinha as outras máquinas certas, daí eles (agricultores) plantavam o que dava, falava que saia mais barato do que pegar gente pra trabalhar, diz que dava menos dor de cabeça.”*

Para 4% dos bóias-frias questionados, conforme apresentamos anteriormente, essa forma de trabalho não se acabou, mesmo com toda tecnologia existente na agricultura. Ainda de acordo com eles, nem vai se acabar, pois sempre existirá a necessidade de utilização de trabalhadores sem o compromisso de uma contratação formal. Essa ausência de vínculos facilita aos produtores a realização das atividades necessárias no processo produtivo.

Mesmo que as atividades executadas ao longo do tempo sejam alteradas, como da colheita de algodão, café, pela redução das áreas cultivadas, ou a capina, pela utilização de herbicidas, esses trabalhadores passaram a desempenhar atividades de roçadas ou cata de milho no pós-colheita, ou na colheita de mandioca, despesca ou cata de frango.

Essa variação nas atividades realizadas apresenta-se nas palavras de Marcos:

*“Eu mesmo já fiz roçada em pasto, não dá pra passar veneno e tem lugar onde o trator não entra, já catei frango, já ajudei a pegar peixe, sempre vai ter algo pra fazer e dar um dinheirinho pra se manter.”*

O desenvolvimento de produtos que realizavam o controle de ervas daninhas e o aumento na sua utilização em propriedades agrícolas teve uma enorme importância para o processo de redução de utilização de bóias-frias no setor agrícola, pois o controle das ervas daninhas com a utilização de herbicidas reduziu a necessidade de grandes levadas de pessoas para capinas.

Com a redução no cultivo de plantações que demandam a utilização de grandes quantidades de trabalhadores em curtos períodos de tempo, a atividade bóia-fria passou de principal atividade de sustento da família, à condição de “bico”, ou seja, uma atividade de complementação de renda.

Essa redução no cultivo de plantações que demandavam mais atividades manuais é reforçada nas respostas que obtivemos dos agricultores e se confirmam pelos dados obtidos

e informados no Capítulo 5, item 5.1. Nesse capítulo apresentamos dados referentes às áreas ocupadas por culturas como soja, milho, trigo, fumo, arroz, feijão e algodão.

Quando questionamos esses trabalhadores quanto à importância que a atividade bóias-frias tinha em suas vidas, 94% (47) bóias-frias responderam que essa era a principal atividade desempenhada como fonte de renda, ou seja, dependiam quase que exclusivamente dessa atividade. Como residiam em área urbana, possuíam apenas a chance de trabalhar esporadicamente como serventes de pedreiros, diaristas, entre outros. Apenas 6%, ou seja 3 trabalhadores, tinham a atividade bóia-fria como “bico”, por já desenvolverem outras atividades, ou seja, o trabalho temporário era sua principal fonte de renda.

Com o passar do tempo, o que era atividade principal passou a ser tida como “bicos” por todos os trabalhadores, e agora apenas 6 indivíduos da amostra realizam a atividade de bóia-fria como complemento de renda. Os demais se dedicam a outras funções, haja vista a irregularidade nas demandas.

Em virtude das incertezas quanto a futuras necessidades de utilização de bóias-frias, quase que a totalidade desses trabalhadores procurou uma forma de renda mais contínua e menos incerta que a atividade de bóia-fria, como atividades de serventes ou de pedreiros, jardinagens, entre outras.

Mueller & Martine (1997) classificaram esses trabalhadores como bóias-frias urbanos, pois vivem da venda de sua força de trabalho de maneira temporária, mas em atividades urbanas.

A utilização de bóias-frias reduziu-se ao desempenho de algumas tarefas básicas, como roçadas e “cata” de milho no pós-colheita, feijão e a colheita de algodão em pequenas áreas que ainda são cultivadas em Toledo. Deve-se, também, ao fato de a transformação das características de produção agrícola da cidade passar de uma grande produtora de soja para, também, uma grande produtora de suínos e aves.

Para 2 bóias-frias, mesmo com a grande redução na demanda pelo trabalho temporário que vem ocorrendo nos últimos anos, a necessidade pelos bóias-frias sempre existirá. Mesmo com todos os equipamentos e insumos que possam ser produzidos, sempre existirá a necessidade de utilização de trabalhadores.

Essa manutenção de demanda será devida à execução de novas atividades, como, por exemplo, a já existente necessidade de trabalhadores para auxílio na cata de frangos em aviários ou nos momentos de se retirarem peixes dos açudes. Dessa forma, não haveria mais

procura por trabalhos como colheitas, capinas ou roçadas, que eram as atividades mais desempenhadas.

A maioria dos bóias-frias, 96% como já citamos, acreditam, contudo, no gradual e completo desaparecimento dessa forma de trabalho, pois afirmaram-nos que mesmo não existindo máquinas que realizam todas as funções necessárias, houve um aumento no número de funcionários contratados fixos. Estes seriam responsáveis pelas etapas não mecanizadas, haja vista a melhoria nas condições de trabalho.

Quando citamos as alterações nos tipos de atividades desempenhadas que mantivessem a atividade dos bóias-frias, os mesmos afirmaram que as novas atividades relacionam-se à piscicultura e a aviários, sendo que as empresas que atuam nesses ramos possuem equipes de trabalhadores formadas e contratadas. Assim sendo, um bóia-fria não conseguiria trabalho temporário nessas atividades.

Outro fator de destaque relaciona-se às necessidades de sobrevivência, ou seja, as necessidades básicas precisam ser mantidas. A espera incerta da demanda pelos seus serviços fará com que os trabalhadores busquem outras formas de ocupação que garantam de certa forma seu sustento, não ficando à mercê de uma eventual oferta de trabalho bóia-fria.

Assim sendo, a tendência à extinção completa do grupo ocupacional dos bóias-frias apresenta sua sustentação nos próprios trabalhadores, haja vista que a maioria dos bóias-frias que questionamos concorda com a sua extinção. A grande maioria não trabalha mais como bóias-frias pela necessidade de maior segurança em sua fonte de renda, ou seja, abandonaram por completo essa atividade e passaram a dedicar-se a atividades como serviços domésticos, de jardinagem, serventes ou pedreiros, coleta de materiais recicláveis, vigias, entre outras atividades.

As opiniões dos agricultores não divergem muito quando se trata da possível extinção ou redução no número desses trabalhadores. Para todos os agricultores que questionamos, os bóias-frias tendem a desaparecer por completo, pois as atividades agrícolas serão cada vez mais tecnificadas. Assim a utilização de um número reduzido de trabalhadores fixos será suficiente.

Conforme relatos da grande maioria agricultores, que equivalem a 86%, já não existem muitos bóias-frias, e os que ainda persistem serão obrigados a procurarem outras formas de sustento.

Apenas dois agricultores nos afirmaram que haverá uma enorme redução no número desses trabalhadores mas não a sua completa extinção. Segundo os mesmos, haverá uma alteração nas características dos bóias-frias. Entre essas alterações destacamos a passagem de trabalhadores bóias-frias, a trabalhadores que trabalham na área urbana. Esses trabalhadores urbanos esporadicamente prestam serviços ao setor agrícola, como uma forma de complementação de renda.

Os 2 trabalhadores conhecidos como “gatos” nos contaram que a atividade de freteiros e “picaretas” tornou-se a principal atividade desempenhada para o seu sustento.

Os gatos eram contratados, ou localizados pelos proprietários, através da indicação de agricultores que já tiveram serviços prestados por determinado “gato” e satisfizeram as necessidades. Isso é, eram contratados através da propaganda “boca-a-boca” feita pelos agricultores. Assim, era de interesse desses agenciadores que a sua equipe fosse boa, com bons trabalhadores.

O gato era, normalmente, proprietário de uma caminhonete ou caminhão para o transporte dos bóias-frias, e tinha um bom conhecimento sobre os “pontos” em que esses ficavam, e sabiam onde estariam os melhores trabalhadores. Além do transporte, eles eram responsáveis, também, pela fiscalização e, algumas vezes, pelo pagamento dos volantes.

Dessa forma, os “gatos” deveriam ficar “de olho” nos trabalhadores para que esses não matassem tempo, nem com ajuste de ferramentas (afiar enxadas e facões, entre outros). Outra forma de perda de tempo seria com conversas e, até mesmo, tomando água repetidas e demoradas vezes, isso em trabalhos em que recebiam por dia.

Nos trabalhos em que o pagamento era proporcional à produtividade, a responsabilidade dos gatos estendia-se a fiscalizar se algum trabalhador não estivesse realizando alguma espécie de fraude. Por exemplo, na colheita de algodão, em que recebem por arroba colhida, os gatos vigiavam os bóias-frias para que esses não jogarem água no produto ou colherem folhas e caules junto com a pluma, para aumentarem seu peso.

Geralmente, os “gatos” recebiam o equivalente a uma diária e meia, ou igual a uma vez e meia o recebido pelo bóia-fria que tivesse a maior produtividade. Esse pagamento também poderia ser realizado de acordo com um valor pré-determinado e negociado entre agricultor e “gato”.

O processo de modernização agrícola, principalmente, acabou não só por afetar os trabalhadores volantes, mas também os “gatos”, pois a redução na utilização desses

trabalhadores e as exigências quanto à segurança no transporte acabou, segundo os “gatos”, deixando-os, de certa forma, desempregados.

Esses gatos passaram a trabalhar realizando fretes com o transporte de móveis, máquinas ou animais, mas sem perder o vínculo com a agricultura. Na maioria das vezes, atuam no transporte de animais ou grãos, ou ainda como intermediadores na negociação de outros produtos como trocas e vendas de máquinas, terras, entre outros, os chamados picaretas<sup>17</sup>.

Os bóias-frias têm sido utilizados em toda a extensão territorial brasileira, entretanto o presente estudo irá concentrar-se na cidade de Toledo-PR, uma região extremamente agrícola, que se utilizava intensivamente da mão-de-obra volante e que teve um processo de modernização agrícola muito intenso a partir da década de 1960.

O desenvolvimento e a modernização agrícola e industrial geraram crescentes rendimentos, porém causaram elevados prejuízos, como, por exemplo, os danos ambientais e o surgimento de uma classe trabalhadora conhecida como excluídos ou bóias-frias (RIBEIRO et al., 2002)

Para PERES (1982) e BERGAMASCO et al. (2000), a modernização da agricultura cumpriu o que dela se esperava. Isto é, o aumento na produtividade com a conseqüente redução nos preços dos alimentos, a geração de divisas para o país e o fornecimento de mão-de-obra para as indústrias urbanas.

A utilização de bóias-frias reduziu-se ao desempenho de algumas tarefas básicas como roçadas e “cata” de milho no pós-colheita, e a colheita de algodão em pequenas áreas que ainda são cultivadas em Toledo. Deve-se, também, ao fato da transformação das características de produção agrícola da cidade passar de uma grande produtora de soja para uma grande produtora, também, de suínos e aves.

Os trabalhadores que ainda desempenham a função de bóia-fria representam 12% dentre os questionados, ou seja, apenas 6 indivíduos ainda desempenham a atividade de bóia-fria, porém esporadicamente, como um “bico”. Os 88% restantes ocupam-se em outras atividades que garantam a sua sobrevivência.

Podemos caracterizá-los como indivíduos que têm, em média, idades superiores a 40 anos, ou seja, 9% têm idades entre 30 e 40 anos; 62% possuem idades entre 41 e 50 anos; e 29%, acima de 51 anos. Nenhum dos questionados que desempenham ou desempenhavam a atividade de bóia-fria apresentou idade inferior a 30 anos. Isso pode ser um indício da busca

por estudo ou qualificação que lhes possibilitasse mais oportunidades de conseguir uma ocupação fixa.

Dentre esses questionados, aqueles que apresentavam filhos em idade escolar reforçavam-lhes a importância do estudo para melhores oportunidades de emprego. Todos os filhos freqüentavam escolas, incentivados pelos pais.

Seu Antonio nos afirma que parecia estar prevendo essa tendência de redução da oferta de empregos para os bóias-frias, pois fazia de tudo para que os seus filhos estudassem e conseguissem uma ocupação melhor:

*“Meus meninos, os dois mais velhos fizeram até a 8ª série, dois deles, os mais novos, terminaram o 2º grau, todos estão trabalhando, não vivem na fartura mas não passam necessidade, isso é que importa pra mim.”*

Essa consciência da necessidade de estudo para os filhos, visando obter melhores condições de vida, se junta à necessidade de desempenhar um bom serviço e garantir de certa forma a renda que possibilitasse o estudo dos filhos.

Para seu Antonio, esse fato traz o “saudosismo” com relação às épocas de muito serviço, quando havia disputas pelos “bons bóias-frias”, ou seja, quando o trabalhador se destaca por produzir muito ou executar as suas funções com “capricho”, e era disputado pelos “gatos”, quem oferecesse um valor maior “levava”. Era como uma espécie de leilão.

Os bóias-frias e ex-bóias-frias com idades superiores a 40 anos, quando questionamos se teriam vontade de residir na zona rural, afirmaram que sim, pois a vida seria mais fácil pela possibilidade de hortas e pequenas criações. Ou seja, mais de 45 trabalhadores teriam vontade de residir em uma área agrícola, como funcionários fixos.

Apenas 5 trabalhadores com idade inferior a 40 anos descartaram essa possibilidade, pois a cidade forneceria, segundo eles, maiores possibilidades de uma vida melhor. Entretanto, nenhum dos questionados está realizando algum curso técnico ou qualquer forma de aperfeiçoamento em qualquer atividade que possa melhorar as suas condições através de um emprego. Segundo esses trabalhadores, é pensando nos filhos que eles querem ficar.

O grupo ocupacional dos bóias-frias apresenta-se de forma muito heterogênea no município de Toledo, pois se constitui de trabalhadores de origens e histórias de vidas

diversas. Possuem, contudo, uma característica principal em comum, a necessidade da venda de sua mão-de-obra de maneira temporária.

A utilização dessa forma de trabalho é contraditória, pois os agricultores reclamam do incômodo, da necessidade de fiscalização constante e de controle sobre as tarefas executadas pelos bóias-frias. Já os bóias-frias reclamam das condições de trabalho, da falta de segurança no transporte, condições de alimentação, entre outros.

D'íncao (1984) afirma que esses trabalhadores seriam vítimas da sociedade capitalista acumuladora, que explora de todas as maneiras possíveis esses trabalhadores sem trabalho fixo que se submeteriam a qualquer forma de sustento.

De acordo com as palavras do senhor Antônio:

*“[...] como tinha bastante serviço de bóia-fria, nunca me preocupei muito, o dinheiro vinha todo dia, daí não se pensava muito em quem era o culpado por não se conseguir nada fixo, só quando terminava a safra e diminuía a renda a gente procurava emprego garantido e não conseguia, mas tudo era difícil.”*

Mesmo não se sentindo vítimas em uma sociedade exclusiva, esses trabalhadores bóias-frias não vêem muitas possibilidades de melhorias em suas condições de vida.

A necessidade de sobrevivência faz com que esses bóias-frias busquem novas fontes de renda, e a expectativa de uma colocação em um trabalho urbano com carteira de trabalho assinada parece tornar-se cada vez mais um sonho distante. Cientes dessas dificuldades, a ocupação passa a ser em atividades que requerem menos conhecimentos técnicos ou menos estudo, como, por exemplo, as atividades de diaristas e serventes de pedreiro.

Assim, como tendência, esses bóias-frias estão conscientes das reduções na demanda por bóias-frias, ou seja, os mesmos acreditam na extinção completa dessa forma de trabalho, extinção causada principalmente pela modernização da agricultura de forma gradual e constante.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que os bóias-frias surgiram como um grupo ocupacional de trabalhadores destinados a vender a sua força de trabalho a fim de suprirem a necessidade de mão-de-obra em certas etapas do processo produtivo ainda não mecanizadas. Apresentavam como características básicas a falta de vínculos empregatícios, recebendo por atividade, por diária ou por produção.

Tal grupo social apresentou extrema importância ao processo de modernização da agricultura de várias regiões brasileiras, inclusive à região oeste paranaense. O processo de modernização agrícola, aliado ao contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos maquinários e insumos destinados ao setor, acabou, contudo, por gerar um efeito negativo sobre esse grupo ocupacional e o seu gradual desaparecimento.

Essa redução do número de bóias-frias existentes confirma-se quando analisamos os dados referentes às áreas ocupadas por culturas produzidas no município de Toledo/PR. As culturas que se utilizavam mão-de-obra bóia-fria tiveram suas áreas reduzidas, enquanto culturas mecanizadas mantiveram ou aumentaram as suas áreas de ocupação.

A redução de áreas ocupadas por atividades demandadoras de mão-de-obra bóia-fria representa um dos fatores geradores da grande redução do número de bóias-frias existentes, haja vista a necessidade de eles buscarem novas fontes de renda. Assim, o desenvolvimento da mecanização agrícola apresentou-se como um facilitador de atividades para os agricultores que optaram por substituir as atividades agrícolas desempenhadas.

A introdução e a crescente utilização de máquinas e equipamentos no setor agrícola são tidos como os principais fatores geradores do processo de extinção do grupo ocupacional dos bóias-frias. Tal fato é confirmado nas opiniões que obtivemos junto aos bóias-frias e ex-bóias-frias quando os questionamos sobre os motivos para a redução da demanda pelos seus serviços.

Tal conclusão não se restringe, contudo, apenas aos bóias-frias, mas estende-se aos agricultores do município, que vêem nesse fator mecanização o principal motivo para as alterações culturais que culminaram nas reduções de procura por bóias-frias.

Quanto a tendências futuras para o grupo ocupacional dos bóias-frias, consideramos a possibilidade de sua completa extinção, tanto pela continuidade nos processos de desenvolvimento tecnológico agrícola, quanto pela necessidade de esses trabalhadores buscarem fontes de renda que lhes garantam a sobrevivência. Isso se deve à incerteza quanto às necessidades de utilização de trabalhadores volantes, fato confirmado pela opinião da maioria dos bóias-frias e dos agricultores questionados.

O presente estudo possibilitou-nos a caracterização dos bóias-frias de Toledo como sendo indivíduos de baixa formação escolar, geralmente restrita ao ensino fundamental incompleto.

Tal fato se apresenta para nós como um dos fatores limitadores das possibilidades de ocupação por parte dos mesmos, ou seja, as dificuldades para uma ocupação em atividades urbanas de forma fixa tornam-se extremamente grandes, haja vista as exigências do mercado de trabalho atual.

Podemos caracterizar a idade média dos bóias-frias como sendo acima de 40 anos, ou seja, apenas as pessoas de mais idade desempenham a atividade de bóia-fria. A tendência à busca de ensino pelos mais jovens torna-se mais fácil de identificação, sendo que os de mais idade acabam por conforma-se, de certa forma, com a sua condição, pois o fator educacional apresenta-se como limitador nas possibilidades de ocupação.

Podemos identificar que a grande maioria dos bóias-frias tinha origens rurais, 74%. Mesmo entre os 26% restantes, apenas 6% não apresentavam nenhuma forma de vínculo com a área rural.

Os trabalhadores que apresentavam origem rural dividem os seus motivos para a migração entre a busca por melhores empregos, a necessidade de deixar a agricultura em virtude de falta de emprego e o comodismo oferecido pela zona urbana. Esse comodismo se revela em facilidades de acesso a escolas, hospitais e trabalhos menos árduos.

Dentre as pessoas que questionamos, apenas 6 trabalhadores ainda desempenham a atividade de bóia-fria apenas em alguns períodos. Os demais trabalhadores ocuparam-se em outras atividades. Dentre as principais atividades, destacamos serviços de doméstica, pedreiros e serventes, vigias, costureiras, zeladoras, entre outros. Esses trabalhadores sabiam da necessidade de uma fonte de renda, haja vista as dificuldades crescentes de serem chamados para o trabalho volante.

Mesmo diante de todas as dificuldades vividas no período em que trabalhavam como bóias-frias, podemos identificar uma certa “saude” da época. Isso por haver uma renda

que, de acordo com 72% da amostra, era uma renda boa, pois garantia a sobrevivência da família. Apenas 28% afirmaram que nem mesmo essa renda compensava o sofrimento da profissão.

Tal fato apresenta-se como um dos itens citados como vantajoso na atividade volante. Além disso, o fato de receberem todos os dias é o principal fator de destaque positivo no trabalho bóia-fria.

Mesmo que esse fator se apresenta como positivo, todos concordam, contudo, que as desvantagens dessa forma de trabalho superavam qualquer vantagem que pudesse ser considerada. Diante disso, a busca por ocupação na área urbana é intensa, sendo que 78% dos questionados preferiam receber menos que o recebido como bóia-fria, desde que fosse um trabalho com carteira de trabalho assinada, ou seja, um emprego fixo.

Ainda assim, identificamos que a vontade desses bóias-frias era de retornar à zona rural para um trabalho agrícola. Apontam-se fatores como a possibilidade de criação de animais e horta para consumo próprio como algumas das vantagens da vida na agricultura. Apenas 5 acreditam que a cidade apresenta sempre mais possibilidade de melhores condições de vida.

Para esses bóias-frias, a profissão apresentava-se como a principal fonte de renda para a família, ou seja, 94% dos questionados. Para os demais, essa atividade era desempenhada apenas como complemento de renda, principalmente para os mais jovens, pela praticidade no recebimento de seus pagamentos de forma diária.

O processo de redução da demanda por bóias-frias foi-nos apontada como uma consequência de dois fatores: a modernização da agricultura e as leis trabalhistas. Apenas 2 trabalhadores disseram ser as exigências legais o principal causador da redução na utilização da mão-de-obra bóia-fria, haja vista o receio causado nos agricultores de utilizar tais trabalhadores.

Os demais trabalhadores nos afirmam, contudo, que a utilização de novas máquinas e equipamentos, além de insumos, é a causa principal da falta de trabalho para os bóias-frias, ou seja, a possibilidade de modernização da agricultura gerou praticidade nos tratos culturais dispensando os bóias-frias. Essa praticidade deu-se em virtude das características geográficas do município, dotado com terras facilmente mecanizáveis, e a alteração nas principais culturas produzidas.

Também os incentivos governamentais à produção de culturas voltadas à exportação, aliados à facilidade de obtenção de crédito por parte dos agricultores para a mecanização,

são tidos como causadores da redução da demanda por bóias-frias, de acordo com 96% da amostra questionada.

Essa redução nos é apontada como o início da extinção completa dos bóias-frias por 96%, ou seja, 48 bóias-frias. O processo de extinção deve-se à necessidade de sobrevivência, que não permite a espera pela contratação de bóias-frias esporadicamente. Assim sendo, esses trabalhadores buscam uma ocupação urbana. Tal fato alia-se à idéia negativa sobre ser bóia-fria, ou seja, a grande maioria dos trabalhadores, como anteriormente informado, não gostaria de trabalhar como volante novamente.

Apenas 2 trabalhadores, ou seja 4%, acreditam que sempre haverá a necessidade de trabalhadores volantes, mesmo que as atividades desempenhadas sejam diferentes das que eram tradicionalmente executadas.

Quanto aos agricultores questionados, pode-se caracterizá-los como pessoas que trabalhavam utilizando a mão-de-obra de bóias-frias em suas atividades, pela praticidade de sua utilização e contratação, sem vínculos empregatícios, não precisando pagar além da produtividade realizada pelo indivíduo. Contradizendo essa praticidade afirmada por todos os agricultores, a “incomodação” é apontada também de forma unânime, como uma desvantagem nessa forma de trabalho, haja vista as dificuldades de controle de produção, a qualidade do serviço, entre outros.

As leis trabalhistas são tidas como principal fator de descarte da utilização de bóias-frias por 3 agricultores. Dentre os questionados, 7 afirmam ser a mecanização e a troca de culturas produzidas o principal fator de redução da utilização de bóias-frias. Já 5 agricultores apontam a união desses dois fatores como sendo responsável pela tendência à extinção, haja vista a falta de demanda por seus serviços.

A tendência a extinção total dos bóias-frias é colocada como certa por 13 agricultores, haja vista as alterações constantes na agricultura, como a introdução de máquinas e equipamentos, além de insumos. Essas alterações apresentam características cada vez mais avançadas e mais adequadas às condições de relevo e culturas produzidas na região.

Apenas 2 agricultores acreditam que haverá uma alteração nas atividades desempenhadas pelos mesmos, mas que, ainda assim, existirão trabalhadores temporários que prestam serviços à agricultura.

Geralmente esses trabalhadores possuíam pequenas propriedades agrícolas e a atividade desempenhada de “gato” era uma complementação de renda. O fato de possuírem

uma caminhonete ou pequenos caminhões e a grande quantidade de agricultores em busca de bóias-frias fazem com que os mesmos buscassem realizar o transporte de bóias-frias.

Quanto aos “gatos” questionados, ambos afirmaram não trabalhar mais com bóias-frias, pois não havia mais procura por parte dos agricultores. Isso fez com que procurassem outras atividades, como a realização de todos os tipos de fretes e de intermediadores em negociações de mercadorias como animais, objetos, imóveis, entre outros, os chamados “picaretas”. A tendência, segundo os “gatos”, é de completa extinção dos bóias-frias, fato esse causado pelas alterações culturais possibilitadas pela praticidade dos tratos culturais mecanizados.

Os “gatos” confirmam ser uma tarefa cansativa lidar com bóias-frias, mas concordam com a importância desses trabalhadores para a agricultura. Viram-se, contudo, receosos de continuar com essa fonte de mão-de-obra diante das leis trabalhistas implantadas.

Diante de todos os fatos analisados, conclui-se que a introdução de máquinas e equipamentos adequados às condições de relevo e solos do município, isto aliado aos incentivos governamentais para produzir visando o mercado externo, causaram enormes alterações no setor agrícola nacional, estadual e regional.

A praticidade da realização do processo produtivo agrícola permitiu e motivou cada vez mais agricultores a buscarem produzir culturas que permitissem a utilização desses benefícios tecnológicos, alterando-se, dessa forma, o cultivo de produtos demandadores de mão-de-obra para o cultivo de produtos mais tecnificados.

Outra mudança identificada como um fator de redução de demanda por trabalhadores braçais, como os bóias-frias, foram os insumos como agrotóxicos. Esses insumos permitiam reduções na necessidade de trabalhadores para realizarem tarefas como, principalmente, a capina.

Assim sendo, permite-se apresentar a tendência à completa extinção dos bóias-frias, tendo como base as afirmações da grande maioria dos bóias-frias, dos agricultores e dos “gatos” questionados. Esses indivíduos questionados apontaram a modernização agrícola, a introdução de máquinas, equipamentos e insumos, como causa dessa tendência à extinção.

A modernização da agricultura, intensificada a partir da década de 1970, reflete-se em um gradativo desaparecimento do grupo ocupacional dos bóias-frias no município de Toledo-PR, tendendo à completa extinção dessa forma de trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. S. Impactos Sociais: o emprego na agricultura irrigada de Guaíra - SP, Brasília, **Cadernos de Ciências & Tecnologia**, 1995, v.12, n.1/3, p. 68-82.

AGUIRRE, B. M. B.; BIANCHI, A. M. Reflexões sobre a organização do mercado de trabalho agrícola. **Revista de Economia e Política**, v. 9, n. 1, p. 31-46, 1989.

ALVES, F. J. C. ; NOVAES, J. R. P. Dinâmica do mercado de trabalho no setor sucro-alcooleiro, In. **Seminário de Segurança Alimentar e Cidadania: a contribuição das Universidades Paulistas**, GALEAZZI, M. A. M (org). Mercado das Letras, 1996. Campinas – SP.

AZEVEDO, P. R.; COLOGNESE, S. A.; SHIKIDA, P. F. A. Agroindústrias familiares no oeste do Paraná: um panorama preliminar. UNIOESTE, XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural - SOBER - IAAC, **ANAIS**, Org. UNIOESTE - Departamento de Economia Rural - Toledo - PR, 2000.

BACHA, C. J. C. **Economia e política agrícola no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2004. 226 p.

BERGAMASCO, S. M. P. P.; NORDER, L. A. C.; PINTO, L. B. Assentamentos rurais no Brasil: diversidades sócio-econômicas. UNICAMP; **Anais** do XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural - SOBER - IAAC; Org. UNIOESTE - Departamento de Economia Rural - Toledo – PR, 2000.

BONI, C. E.; CUNHA, M. S. Evolução da estrutura fundiária no Estado do Paraná no período de 1970 a 1995/96. In.: **Agronegócio paranaense: potencialidades e desafios**. CUNHA, M.S., Shikida, P. F. A.; ROCHA JUNIOR, W. F. (Org). Cascavel: Edunioeste, 2002.

BROIETTI, M. H. **Os assalariados rurais temporários da cana**. CUT; APEART; 2000.

CACCIAMALI, M. C. A legislação trabalhista no campo e sua aplicação entre os "bóias-frias" no Estado de São Paulo: uma contribuição para o debate. In: DUARTE, D. (Org.). **Emprego rural e migrações na América Latina**. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1986. p. 51-64.

CALAZANS, M. J. C. **Classificação da mão-de-obra no setor primário**. Brasília: Instituto de Planejamento Econômico e Social, Centro Nacional de Recursos Humanos, 1977.

CAMARGO, A. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Revista Dados**, Rio de Janeiro , n. 1, v. 27, 1984.

CHIBA, A.; SOUZA, I. M. **Práticas e representações na urbanização de Toledo- PR.** Monografia apresentada em nível de pós-graduação *latu sensu* em História do Brasil. Toledo: UNIOESTE, 1994.

CODESUL. Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul. **O papel social do pequeno estabelecimento rural no Paraná;** Curitiba: IPARDES, 1978.

COLODEL, J. A.; **Obrages & companhias colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960.** Santa Helena, Prefeitura Municipal: ASSOESTE, p. 292; 1988.

COLOGNESE, S. A.; GREGORY, V.; SCHALLENBERGER.; **Tupãssi: do mito a história.** Cascavel: Edunioeste, 1999.

CONVENÇÃO COLETIVA DE TRABALHO. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Toledo. 2004/2005. Toledo – PR.

CORTES, S. M. V. Como fazer análise qualitativa de dados. In: BÊRNI, D. de Á (Org.). **Técnicas de pesquisa em economia: transformando curiosidade em conhecimentos.** São Paulo: Saraiva, 2002.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial.** Trad. Yadyr A. Figueiredo, 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

D'INCAO, M.C. **O bóia-fria: acumulação e miséria.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_; **Qual é a questão do bóia-fria?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio - Século XXI.** São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2005.

FERNANDES, B.M.; PONTE, K.F. **As vilas rurais do Estado do Paraná e as novas ruralidades.** São Paulo: Terra Livre, jul./dez. 2002, ano 18, n.19, p.113-126.

FERRANTE, V. L. S. B.; BARONE, L. A. Assentamentos rurais: uma alternativa à geografia da fome. In: **Seminário Segurança Alimentar e Cidadania,** GALEAZZI, M. A. M. (Org.). Campinas: Mercado das Letras, 1996.

FIGUEIREDO, A. H.; MESQUITA, O. V.; SILVA, S. T. O impacto desigual da modernização da agricultura no oeste do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia.** 46 (3/4), ano 44, n. 1, p. 425-550, Rio de Janeiro, 1984.

FLEISCHFRESSER, V. **Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social do Paraná da década de 70.** Curitiba: CONCITEC/IPARDES, Livraria do Chain, 1988.

GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia;** São Paulo: Atlas, 2000.

GONZÁLES, E. N.; BASTOS, M. I. Capital e trabalho no campo. São Paulo, PINSKY, J. (Org), **Coleção Estudos Brasileiros**. São Paulo: Hucitec, p. 25-47, 1979.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura**. São Paulo: Hucitec, 1980.

\_\_\_\_\_. **A modernização dolorosa** – Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP/IE, 1996.

\_\_\_\_\_. **De bóias-frias a empregados rurais**. Maceió: EDUFAL, 1997.

GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o espaço colonial** - migrações no oeste do Paraná - 1940 -1970. Cascavel: Edunioeste, 2002, 266 p.

GUIMARÃES, A. P. **A crise agrária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**, 2000.

\_\_\_\_\_, **Anuário Estatístico do Brasil**, 1990.

IPARDES Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Existência e reprodução do bóia-fria no Paraná**. Vols. 1 e 2, Curitiba, 1979.

\_\_\_\_\_, **Situação social da população do Paraná nos anos 80**, vol. 2, Curitiba, 1986

\_\_\_\_\_, **Desenvolvimento local e estratégias familiares em Vilas Rurais**: resultados da etapa de prospecção – Curitiba, 2005. 77 p.

KAGEYAMA, A. (Coord.) **O novo complexo agrícola brasileiro**: do complexo rural aos complexos agroindustriais. Campinas: UNICAMP/IE, out. 1987.

MARTINE, G. C.; GARCIA, R. C. **Impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.

MARTINS, J. S. **Caminhada no chão da noite**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARTINS, J. S. **O cativo da terra**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MATTOS NETO, A. J. A questão agrária no Brasil: aspecto sócio-jurídico. In. **A posse agrária e suas implicações jurídicas no Brasil**. Belém: Cejup, 1988.

MIKLÓS, A. A. W. (Coord.). A terra e o homem. IV Conferência Brasileira de Agricultura Biodinâmica. A dissociação entre homem e natureza. Reflexos no desenvolvimento humano. **ANAIS**, USP - São Paulo, Ed. Antroposófica, nov./2000.

MUELLER, C. C.; MARTINE, G. Modernização na agropecuária, emprego agrícola e êxodo rural no Brasil – a década de 1980. **Revista de Economia Política**. ISSN-0101-3157, vol.17; n.3 (67); julho/setembro; São Paulo: 34, 1997.

NIEDERAUER, O. H. **Toledo no Paraná**, a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. Toledo: Grafo-Set, 1992.

OTERO RIBEIRO, I. de. **Modernização e diferenciação social na agricultura brasileira: um estudo no extremo oeste do Paraná**. Rio de Janeiro-RJ, 1981, [s,n], 157 p.

PERES, J.R. O impacto da mecanização agrícola. **Rev. Agricultura de hoje**. São Paulo. ano VII; n. 77; Ed. Bloch; jan./fev. 1982.

PERIS, A. F. (Org.); **Estratégias de desenvolvimento regional região oeste paranaense**; Cascavel: Edunioeste, 2003.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Gradiva, 1998.

RAMOS, A. **contrato temporário de trabalho: combate ao desemprego ou redução do custo da força de trabalho?** São Paulo: LTr, 1999.

RIBEIRO, D. D.; MENDONÇA, M. R.; HESPANHOL, A. N. Relações de trabalho na agricultura mecanizada: a monocultura da soja em Goiás. **Revista de Geografía y Ciencias Sociales**. IV Colóquio Internacional de Geocrítica (actas del coloquio), vol.VI, n.119(81), ISSN n. 1138-9788, Universidad de Barcelona: Scripta Nova, agosto/2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SALLUM JUNIOR, B. **Capitalismo e cafeicultura, oeste paulista: 1988-1930**. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

SANDRONI, P. **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 13<sup>a</sup> ed. 649 p. 2004.

Secretaria da Fazenda. Disponível em: <http://www.sefaz.ma.gov.br/pccs/default.asp> . Acesso em: 06 de março de 2007, 20:35.

SCHAEFER, L. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Toledo. Entrevista concedida em 15/06/2005.

SILVA, O. **Toledo e sua história**. 1. ed. Toledo, s/ed., 1988.

SISTEMA ESTADUAL DE INFORMAÇÕES - BPUB – Base Pública Governo do Estado do Paraná – 2005.

SORJ, B. **O estado e as classes sociais na agricultura brasileira**. São Paulo: Guanabara, 1986.

SOTO, W. H. G. A subversão do velho “rural” – para uma estratégia de desenvolvimento local além do rural e do urbano. **Revista Redes**. v. 6; n. 2; p. 139-151; maio/agosto. Santa Cruz do Sul, 2002.

STADUTO, J. R. A.; SHIKIDA, P. F. A.; BACHA, C. J. C. Alteração na composição da mão-de-obra assalariada na agropecuária brasileira. **Revista Agricultura São Paulo**; v. 51, n. 2; p. 57-70; São Paulo; 2004 (A).

STADUTO, J. R. A.; ROCHA JR., W. F.; BITENCOURT, M. B. Contratos no mercado de trabalho agrícola: o caso das cooperativas de trabalhadores rurais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 42, n. 4, Brasília, out./dez. 2004 (B).

SZMRECSÁNYI, T. **Pequena história da agricultura no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1990.

VASCONCELLOS, M. A. S.; GREMAUD, O. V.; TONETO JUNIOR, R. **Economia Brasileira Contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 296-331.

VICENTE, M. C. M. Inserção da força de trabalho feminina: as bóias-frias na agricultura do sudoeste paulista. Agricultura em São Paulo. **Revista Científica do Instituto de Economia Agrícola**, vol.45, tomo 2, ISSN 004-6793, p. 62-93, 1998.

\_\_\_\_\_. Trabalho volante: a evolução de uma categoria. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 31-50, fev. 1999.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001, 360 p.

\_\_\_\_\_. **Obrageros, mensus e colonos**: a história do oeste paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982.

## **APÊNDICE I**

### **QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS PELOS BÓIAS-FRIAS**

- Qual a principal vantagem e qual a principal desvantagem de ser bóia-fria?
- Quais as atividades desempenhadas?
- Por que trabalha, ou trabalhou como bóia-fria?
- Bóia-fria era, ou é, sua principal fonte de renda? Como complementa a renda?
- Existe muita dificuldade em encontrar serviço como bóia-fria?
- Como era antes e como é agora?
- Por que reduziu tanto?
- Em sua opinião, o bóia-fria vai desaparecer ou sempre existirá? Por que acha isso?

## **APÊNDICE II**

### **QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS PELOS RECRUTADORES (“GATOS”)**

- O senhor realizava o recrutamento e o transporte de bóias-frias só no município de Toledo?
- Como funcionava todo o processo?
- Como o agricultor chegava até o senhor?
- Como era realizado o processo de recrutamento e transporte?
- Quais eram as formas de pagamento e quem era o responsável?
- Como eram punidas as falhas dos trabalhadores?
- A atividade de recrutamento e transporte de bóias-frias era sua principal atividade? O que faz agora?
- Qual a sua opinião quanto à tendência de completa extinção dessa forma de trabalho?

## **APÊNDICE III**

### **QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS PELOS PROPRIETÁRIOS**

- Qual a principal vantagem e qual a principal desvantagem de se utilizar o trabalhador bóia-fria?
- Com relação à redução das áreas cultivadas com produtos que necessitavam de mais mão-de-obra e o crescimento das áreas ocupadas por produtos de mais fácil mecanização, qual a sua opinião?
- Que atividades desempenhava que necessitavam de bóia-fria?
- Por que alterou sua atividade?
- Em sua opinião, a tendência é a completa extinção ou sempre haverá a necessidade de bóias-frias?

## **ANEXO I**

### **- Funções desempenhadas pelos bóias-frias:**

Colhem policulturas, derriçando café, retirando pés de feijão, leguminosas e tuberosas, batendo feixes de cereais e sementes de flores, bem como cortando a cana. Plantam culturas diversas, introduzindo sementes e mudas em solo, forrando e adubando-as com cobertura vegetal. Cuidam de propriedades rurais. Efetuam preparo de mudas e sementes através da construção de viveiros e canteiros, cujas atividades baseiam-se no transplante e enxertia de espécies vegetais. Realizam tratos culturais, além de preparar o solo para plantio

### **- Outros termos utilizados para a denominação de bóia-fria:**

Trabalhador volante da agricultura - Abanador na agricultura, Adubador, Ajudante de serviço de (aplicação de produtos agroquímicos), Apanhador, Aplicador agrícola, Arrancador, Auxiliar de agricultura, Bóia-fria, Cabeça-de-campo, Capinador, Capineiro, Capinheiro, Capinzeiro, Carpidor, Catadeira, Catador, Cavador, Ceifador, Ceifeiro, Cerqueiro, Chefe de turma volante, Coletor, Colhedor, Colhedor de lavoura (exceto na floricultura, fruticultura e horticultura), Cultivador de cultura permanente, Cultivador de cultura temporária, Debulhador, Descascador, Destalador, Diarista, Empreiteiro, Encarregado de silos, Encoivarador, Enxadeiro, Escolhedor, Esparramador de adubos, Estercador, Foiceiro, Formador, Formigueiro (combate às formigas), Lavrador - exclusive conta própria e empregador, Lavrador de cultura permanente - exclusive conta própria e empregador, Lavrador de cultura temporária - exclusive conta própria e empregador, Lavrador na horticultura e na floricultura - exclusive conta própria e empregador, Matador de formiga, Plantador - exclusive conta própria e empregador, Plantador de cultura permanente, Plantador de cultura temporária, Podador agrícola, Roçador, Ronda de formiga (combate às formigas), Safrista, Seleccionador e embalador de colheitas agrícolas, Semeador, Sementeiro, Tarefeiro, Tirador de palha, Trabalhador agrícola polivalente, Valeiro, Volante. Disponível em: (<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=6220>). Acesso 05 de março de 2007, 20: 42.